

**UNIPAMPA – JAGUARÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**PPGEdu**

**NILSON BORGES FERREIRA**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL, SEXO E SEXUALIDADE: REFLEXÕES  
SOBRE A TRANSVERSALIZAÇÃO NOS COMPONENTES  
CURRICULARES DO IFSUL CAMPUS PELOTAS**

**JAGUARÃO - RS**

**2016**

UNIPAMPA

**NILSON BORGES FERREIRA**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL, SEXO E SEXUALIDADE: REFLEXÕES  
SOBRE A TRANSVERSALIZAÇÃO NOS COMPONENTES  
CURRICULARES DO IFSUL CAMPUS PELOTAS**

Relatório de Intervenção de Mestrado em  
Educação Profissional para obtenção do título de  
Mestre em Educação pela Universidade Federal do  
Pampa – UNIPAMPA

Orientador: Prof. Dr. Maurício Aires Vieira

Jaguarão - RS

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo (a) autor (a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

F383o Ferreira, Nilson Borges

Orientação sexual, sexo e sexualidade: reflexões sobre a transversalização nos componentes curriculares do IFSul campus Pelotas / Nilson Borges Ferreira.

150 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2016.

"Orientação: Mauricio Aires Vieira".

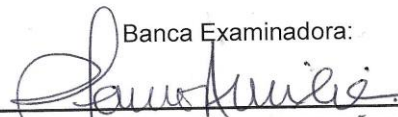
1. Desigualdade sexual. 2. Homofobia. 3. Sensibilização. 4. Inclusão. I. Título.

UNIPAMPA – JAGUARÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PPGEdu

NILSON BORGES FERREIRA

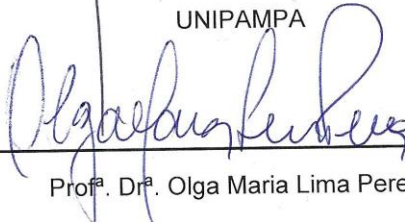
ORIENTAÇÃO SEXUAL, SEXO E SEXUALIDADE: REFLEXÕES  
SOBRE A TRANSVERSALIZAÇÃO NOS COMPONENTES  
CURRICULARES DO IFSUL CAMPUS PELOTAS

Banca Examinadora:




Prof. Dr. Mauricio Aires Vieira – Orientador

UNIPAMPA



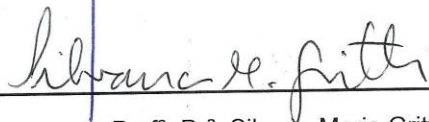
Prof. Dr. Olga Maria Lima Pereira

IFSUL PELOTAS

P/ 

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

UNIPAMPA



Prof. Dr. Silvana Maria Gritti

UNIPAMPA



## AGRADECIMENTO

A todos aqueles os quais acreditaram que este trabalho poderia melhorar a convivência entre as pessoas. Ademais, tiveram a sensibilidade de dar dignidade aos que se sentem discriminados e perceberam que somente por meio da educação podemos melhorar as relações. Ao meu Orientador, apesar das dúvidas iniciais, que me apoiou a cada passo realizado nas ações que fomos vencendo.

Se você é neutro em uma situação de  
injustiça, escolheste o lado do opressor

Arcebispo Anglicano da África do Sul, Desmond Tutu  
Prêmio Nobel da Paz de 1984

Carlos que amava Dora

Que amava Lia

Que amava Léa

Que amava Paulo

Que amava Juca

Que amava Dora

Que amava Carlos

Que amava Dora

Que amava Rita

Que amava Dito

Que amava Rita

Que amava Dito

Que amava Rita

Que amava Carlos

Que amava Dora

Que amava Pedro

Que amava tanto

Que amava a filha

Que amava Carlos

Que amava Dora

Que amava toda quadrilha

(FLOR DA IDADE – CHICO BUARQUE (1973))

## RESUMO

Esta intervenção teve por objetivos sensibilizar e informar temáticas contra a homofobia, quando fosse diagnosticada, dentro de uma Instituição Tecnista Federal, e amenizar a resistência às orientações sexuais diferentes à heteronormatividade instaurada pela sociedade. Tivemos que interceder na comunidade acadêmica composta por discentes e servidores em geral, para que tivessem maior interesse na temática sobre a diversidade de orientação sexual. Notamos, ainda, um grande despreparo da comunidade escolar na solução de desafios quando ocorriam críticas às desigualdades sexuais na Instituição. Estabelecendo um diálogo com alguns autores como Louro (2004) e Butler (2003), tivemos um melhor aprofundamento nos dados coletados e, maior compreensão nas dificuldades aparentes. A metodologia aplicada, conforme Marconi e Lakatos (2010), no primeiro momento, foi questionários com perguntas fechadas e abertas, que atingiram os principais elementos: fidedignidade, validade e operatividade. O instrumento diagnóstico foi aplicado aos alunos dos cursos técnicos de Telecomunicações, Eletrotécnica, Química, Eletrônica e nos gestores da COAE, com o objetivo de mapear as concepções e as impressões dos jovens ingressantes e daqueles que trabalham com eles. Não queríamos que a homonormatividade se tornasse o principal parâmetro na Instituição; e, sim, que estivesse em equidade com a heteronormatividade, fazendo que todos convivessem muito bem com suas diferenças e escolhas. A sensibilização somente ocorre quando há um trabalho contínuo no exercício da cidadania. Em um segundo momento, após chegarmos ao resultado do diagnóstico do instrumento aplicado, realizamos rodas de conversa conforme a metodologia de Warschauer (2002) e junto, a técnica de observação de Marconi e Lakatos (2010). Foram realizadas intervenções com grupos compostos por profissionais da área da psicologia, docentes e discentes da Instituição, em que todos expuseram suas dúvidas e opinaram nas ações aplicadas, para que, ao final, tivessem uma melhor convivência na instituição. A fim de atingir os objetivos propostos nas questões relacionadas à sensibilização e inclusão da temática nos currículos, de uma forma transversal, podemos contar com o apoio de um núcleo específico: NUGED, que nos ajudou na realização dos debates, dando maior credibilidade às ações propositivas neste trabalho de intervenção.

**Palavras-chave:** Desigualdade sexual. Homofobia. Sensibilização. Inclusão.

## RESUMEN

Esta intervención dirigida a sensibilizar e informar ya la homofobia temática, siempre que haya sido reconocida en una Institución Federal Tecnista y suavizar la resistencia a la orientación sexual diferente a la heterosexualidad establecida por la sociedad. Hemos tenido que interceder en la comunidad académica integrada por alumnos y servidores en general, para que tuvieran un mayor interés en la diversidad de orientación sexual. También hay que destacar una gran falta de preparación de la comunidad escolar en la solución de retos cuando ocurrieron crítica de las desigualdades de género en la Institución. El establecimiento de un diálogo con algunos autores como Louro (2004) y Butler (2003), que tenía una comprensión más profunda de los datos recogidos y una mayor comprensión de las dificultades aparentes. La metodología aplicada como Marconi y Lakatos (2010), en un primer momento, fue cuestionarios con preguntas cerradas y abiertas, que alcanzaron los elementos principales: fiabilidad, validez y operatividad. La herramienta de diagnóstico se aplicó a estudiantes de Cursos Técnicos de Telecomunicaciones, Eléctrica, Química, Electrónica y los administradores COAE, con el fin de mapear los conceptos e impresiones de los jóvenes que entran y los que trabajan con ellos. Nosotros no queremos homonormatividad se convirtió en el principal parámetro en la Institución; y sí, eso fue en la equidad con la heteronormatividad, haciendo que todos coexistían muy bien con sus diferencias y opciones. La sensibilización se produce sólo cuando hay un trabajo continuo sobre la ciudadanía. En un segundo paso, después de recibir los resultados del instrumento de diagnósticos aplicados, llevamos a cabo círculos de conversación como la metodología Warschauer (2002) y en conjunto, técnica de observación Marconi y Lakatos (2010). Las intervenciones se llevaron a cabo con grupos de profesionales de la psicología, los profesores y estudiantes de la institución en la que todos expresaron sus dudas y opinó sobre las acciones aplicadas, por lo que al final tenían una vida mejor en la institución. Con el fin de alcanzar las metas propuestas sobre cuestiones relacionadas con la sensibilización y la inclusión del tema en el plan de estudios, de forma transversal, podemos contar con el apoyo de un núcleo específico: NUGED, lo que nos ayudó en la realización de los debates, dando mayor credibilidad a las acciones de proposiciones en este trabajo de intervención.

Palabras clave: la desigualdad sexual. La homofobia. La conciencia. Inclusión.

## **LISTA DE ANEXOS/ APÊNDICES**

Anexo I – Decreto n° 1795/1930

Anexo II – Doação de terreno

Anexo III – Nomeação da Primeira Professora

Anexo IV – Lista de Presença da 1ª Reunião do NUGED

Anexo V – Ata n 001/2015

Anexo VI – Posse da Equipe do NUGED

Anexo VII – Notícia no Jornal Diário da Manhã

Anexo VIII – Notícia no Jornal Diário Popular

Anexo IX – Conselho Municipal LGBT

Anexo X – Registro de Reuniões e outras Atividades

Anexo XI – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo XII – E-mails para o NUGED

Anexo XIII – Cartaz “Papo Cabeça”

Anexo XIV – I Encontro dos NUGED’S do IFSulRiogrاندense

Apêndice A – Portaria n 959/2015

Apêndice B – Coleta de Dados

Apêndice C – Pedido de Portaria para implantação do NUGED

Apêndice D – Questionário para os alunos

Apêndice E – Questionário a equipe da COAE

## LISTA DE FIGURAS/ TABELAS

Figura 1 – Foto do jornal Diário Popular de 27.09.1998.....	23
Figura 2 - Foto do monumento que representa a origem do nome da cidade.	26
Figura 3 – Localização dos campus do IFSul nas microrregiões do RS.....	34
Figura 4 – Imagem aérea do IFSul – Pelotas.....	36
Figura 5 – Foto da primeira Parada Gay em 1970.....	45
Figura 6 – Foto de posse no NUGED.....	85
Figura 7 -Foto da 1ª Reunião com a COAE em 25.11.2015.....	91
Figura 8 – Foto do estande do NUGED.....	93
Figura 9 – Foto do estande do NUGED.....	93
Figura 10- Foto do estande do NUGED.....	94
Tabela 1 – Câmpus que pertencem ao IFSulRiograndense.....	35
Tabela 2 - Matriz Analítica do Instrumento aplicado no diagnóstico 1.....	62
Tabela 3 - Matriz Analítica do Instrumento aplicado no diagnóstico 2.....	77
Tabela 4 - Matriz Analítica das Ações Interventivas realizadas no período de Maio/2015 até Julho/2016.....	81

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nº de alunos questionados nos quatro cursos/ faixa etária.....	60
Gráfico 2 – Q.1; Idade dos alunos.....	63
Gráfico 3 – Q.2; Sexo dos alunos.....	63
Gráfico 4 – Q.3; Curso ao qual pertence.....	64
Gráfico 5 – Q.4; Qual sua religião.....	65
Gráfico 6 – Q.5; Qual sua estrutura familiar.....	65
Gráfico 7 – Q.6; Se tinha algo contra as famílias citadas na pergunta anterior... .....	67
Gráfico 8 – Q.7; Se tivesse amigos homossexuais, seus pais se oporiam?...	68
Gráfico 9 – Q.8; Tem amigos homossexuais dentro da escola?.....	68
Gráfico 10- Q.9; Tem amigos homossexuais na comunidade?.....	69
Gráfico 11- Q. 10; Se incomodam em ver um casal do mesmo sexo, de mãos dadas.....	70
Gráfico 12- Q.11; Conversa com a família sobre esclarecimentos relativos à homossexualidade?.....	70
Gráfico 13- Q.14; As novelas influenciam negativa ou positivamente para um aumento no comportamento homoafetivo?.....	71
Gráfico 14- Q.15; Ser homossexual é uma questão de “opção”?.....	72
Gráfico 15 – Q.16; Acha importante, dentro da escola, terem esclarecimentos sobre todas as formas de Orientação Sexual?.....	73
Gráfico 16- Q.12; As meninas podem fazer qualquer curso no IFSul?.....	75
Gráfico 17- Q.13; Quais os cursos que não se identificam com as meninas..	76

## SIGLAS

AES SUL -Distribuidora Gaúcha de Energia S/A

CAVG – ConjuntoAgrotécnico Visconde da Graça

CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica

CEFET-PR – Centro Federal de Tecnologia do Paraná

CEFET-RS - Centro Federal de Tecnologia do Rio Grande do Sul

CID – Classificação Internacional das Doenças

COAE – Coordenadoria de Assistência Educacional

COFAI – Coordenadoria de Fomentos às Ações Inclusivas

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONSUP – Conselho Superior

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

DASP – Departamento Administrativo de Serviço Público

DEPAI – Departamento de Ações Inclusivas

ETFPel – Escola Técnica Federal de Pelotas

ETP – Escola Técnica de Pelotas

EUA – Estados Unidos da América

FEE – Fundação de Economia e Estatística

FENADOCE – Feira Nacional do Doce

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDESE – Índice de Desenvolvimento Sócio Econômico

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IFSul-RS – Instituto Federal Sul Rio-Grandense

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

LGBTQ – Lésbica, Gays, Bissexuais,, Travestis, Trânsgêneros e Queer

NAI – Núcleo de Assuntos Internacionais

NAPNE- Núcleo de Apoio a pessoas de Necessidade Específicas

N-CULT- Núcleo de Cultura

NEABI Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas



NESOL- Núcleo de Economia Solidária

NMPH- Núcleo de memória e Patrimônio Histórico

NUCAP- Núcleo de Capacitação

NUGAI- Núcleo de Gestão Ambiental Integrada

NUGED – Núcleo de Gênero e Diversidade

OAB –Ordem dos Advogados do Brasil

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PMP – Prefeitura Municipal de Pelotas

PNDH – Programa Nacional dos Direitos Humanos

PNE – Plano Nacional de Educação

PPA – Plano Plurianual

PPC – Projeto Pedagógico dos Cursos

PPI – Projeto Pedagógico Institucional

PROEX – Pró Reitoria de Extensão e Cultura

PSE – Programa de Saúde na Escola

QUI – Química

RGE – Rio Grande Energia S/A

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

TCE – Tribunal de Contas do Estado

TEC – Eletrotécnica

TELE -Sistema de Telecomunicações

TRO - Eletrônica

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1TRAJETÓRIA PESSOAL ACADÊMICA E PROFISSIONAL.....</b>	<b>20</b>
<b>2CONTEXTO MUNICIPAL.....</b>	<b>26</b>
<b>3 HISTÓRICO DO IFSUL RIO GRANDENSE.....</b>	<b>30</b>
<b>4JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>40</b>
<b>5OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>42</b>
5.1OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	42
<b>6. ARCABOUÇO TEÓRICO.....</b>	<b>44</b>
6.1APROXIMAÇÕES COM A LEGISLAÇÃO VIGENTE.....	45
6.2ALGUNS ESTUDOS RELACIONADOS À ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	47
6.2.1Direitos Humanos.....	47
6.2.2Gênero.....	51
6.2.3Normatividade na Diversidade da orientação sexual.....	53
6.2.4Linhas de Homonormatividade e Heteronormatividade que perpassam a Homossexualidade.....	54
<b>7CAMINHO METODOLÓGICO PARA O DIAGNÓSTICO.....</b>	<b>59</b>
7.1PRIMEIRA ETAPA DO DIAGNÓSTICO.....	61
7.2SEGUNDA ETAPA DO DIAGNÓSTICO.....	77

<b>8 PLANO DE AÇÃO.....</b>	<b>80</b>
8.1DETALHAMENTO DAS AÇÕES .....	84
<b>9. CONSIDERAÇÕES DA IMPLANTAÇÃO DO NUGED.....</b>	<b>102</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>140</b>

## INTRODUÇÃO

Quando começamos a esboçar o projeto de intervenção, não tínhamos noção de como subdividir as etapas da sua produção. Com o componente curricular de Metodologia de Projetos e Intervenção Pedagógica, não pudemos tergiversar nos objetivos. Este componente curricular trouxe-nos o conhecimento de como realizar as três etapas básicas para a construção de um projeto de intervenção: escopo, Plano de ação e Plano de Controle e Avaliação.

O **Escopo** é a parte inicial em que é referendada a contextualização sobre onde é realizado o diagnóstico. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul – RS), campus Pelotas, cujos sujeitos foram os alunos dos cursos técnicos e da Coordenadoria de Assistência Educacional (COAE) deste campus que, por meio de questionários aplicados, tivemos condições de analisar a visão desses sujeitos em relação ao tema proposto. Do total de 10 (dez) cursos técnicos, foram escolhidos, para este projeto, 04 (quatro) cursos: Eletrônica, Eletrotécnica, Sistema de Telecomunicações e Química. Vimos que o aspecto quantitativo, ou seja, o número de cursos escolhidos não interferiria no resultado com a amostra da intervenção que seria realizada.

Na segunda parte, o **Plano de Ação**, depois de debatidas as propostas evidenciadas pelos estudantes, psicólogas e coordenadora da COAE, serão desenvolvidas ações que possam justificar esta intervenção. Nesta etapa, foram previstas a realização de fórum, ações nos Conselhos de Classe, debates em sala de aula, que produziram esclarecimentos sobre a temática aos alunos e servidores em geral da Instituição, disseminando, assim, a sensibilização para uma melhor convivência.

Na terceira parte, dentro do **Plano de Controle e Avaliação**, fizemos a avaliação da importância da implantação do NUGED, que deu melhor visibilidade às ações realizadas. Tivemos como objetivo acompanhar e avaliar os resultados da intervenção obtidos na etapa anterior. Após as atividades de ação, monitoramos os resultados e avaliamos as mudanças nas atitudes e comportamentos da comunidade num todo, pois acreditamos que, independente do caráter tecnicista do IFSul – RS, tais reflexões precisam ser priorizadas com o devido respeito à pessoa e ao exercício pleno de sua cidadania.

Como parte do diagnóstico, aplicamos um questionário nos alunos de 04 (quatro) cursos técnicos da Instituição. Após a tabulação, fizemos a primeira

intervenção através de ações/projetos com os docentes e discentes destes cursos, para que haja inferências nos assuntos/temáticas abordados e/ou sugeridos na sala de aula e, de certa forma, possam promover uma mudança paradigmática nas suas concepções de como ministrar seus conteúdos específicos, ancorados nas questões da diversidade sexual. No que se refere aos estudantes, esperávamos uma urgente reflexão sobre os pré-conceitos historicamente herdados.

Este relatório foi dividido em 09 (nove) capítulos, a partir dos quais pudemos expressar todos os anseios e mostrarmos que o mestrado profissional tem grande relevância quando queremos ter um trabalho com uma finalização construtiva.

No capítulo 01, descrevi minha trajetória, onde mostrei que a temática tinha muito a ver com o caminho ao qual me propus percorrer. O capítulo 02 relata a localização do espaço onde fiz minhas escolhas. O capítulo 03 apresenta a Instituição e finaliza essa historicidade pessoal, informando que podemos e devemos intervir em ambientes considerados irredutíveis.

Os capítulos 04 e 05, respectivamente, justificam a importância das discussões realizadas com todos os envolvidos com a Instituição e elenca os objetivos que ajudam a aumentar a sensibilização e a convivência entre os sujeitos aqui relacionados.

No capítulo 06, referendamos alguns teóricos que nos lincam com a temática escolhida, fazendo com que nossas informações tornem-se fidedignas.

No capítulo 07, demonstramos o caminho metodológico que nos levou à intervenção dentro da Instituição, e o resultado deste diagnóstico nos orientou nas ações que realizamos.

No capítulo 08, após o resultado dos questionários aplicados, tivemos a direção para nossas ações que envolveram os servidores e alunos do IFSul – campus Pelotas.

No capítulo 09, enfatizamos as conclusões finais que podem corroborar com as mudanças de comportamento em relação à orientação sexual e constatamos a importância da implantação do NUGED para a realização deste trabalho de intervenção.

Acreditamos que, em uma escola técnica como o IFSul, expressiva e reconhecida na qualidade de ensino, também vista como referência nacional no âmbito das tecnologias e, apesar de não ser um demérito exclusivo desta Instituição e, sim, em toda a rede de ensino deste país, precisamos validar outros valores

atualmente tão negligenciados ou interpretados de forma tão depreciativa em relação ao outro. Precisamos corroborar para que nosso educando tenha uma melhor formação, sem os rótulos do preconceito que tanto têm afastado uns dos outros, reduzindo, assim, falhas na construção do cidadão.

Temos que contribuir para reflexões mais humanizadas, havendo, com isso, mudanças comportamentais, acreditando que a única forma de minimizar as discriminações é por meio da educação. Somente por meio da inclusão respeitosa e fortalecida, poderemos diminuir, por exemplo, a evasão escolar. Os nossos jovens precisam ver os espaços escolares como extensão do seu lar, em que cada um, conforme a sua orientação sexual, seja e se sinta integrante da comunidade escolar que escolheu.

Com esta intervenção, quisemos, de uma forma geral, contribuir para a redução da evasão escolar, tantas vezes resultantes das chacotas e ameaças cotidianas dentro e fora da escola. Precisamos identificar, nos currículos, formas mais humanizadas de tratar a todos/as com equidade. Não podemos admitir que a educação e a própria escola continuem a reproduzir a invisibilidade do outro, tendo como critério sua “opção” sexual.

Questões de gênero, religião, etnia ou orientação sexual e sua combinação, direcionam práticas preconceituosas e discriminatórias da sociedade contemporânea. Se o estereótipo e o preconceito estão no campo das idéias, a discriminação está no campo da ação, ou seja, é uma atitude. É a atitude de discriminar, de negar oportunidades, de negar acesso, de negar humanidade. Nessa perspectiva, a omissão e a invisibilidade também são consideradas atitudes, também se constituem em discriminação (BRASIL: Gênero e Diversidade na Escola, 2009, p. 27).

Queremos, com este trabalho, fazer com que todos os envolvidos repensem suas atitudes. Somente desenvolvemos uma intervenção com sucesso quando conseguimos que, dentro da Instituição, todos respeitem as diferenças sem preconceito. Acreditamos que o ambiente escolar é o lócus de formação e preparação de todo o sujeito e de sua humanidade, tanto dentro como fora dos muros escolares, aceitando que todos possam conviver com igualdade e respeito.

O mundo vive em constantes transformações, principalmente nas áreas tecnológicas, já que, às vezes, não conseguimos acompanhar a rápida evolução. Dentro do IFSul – campus Pelotas - não seria diferente. A cada ano que passa, os cursos profissionalizantes têm que se adaptar às novas tecnologias inseridas no mercado. A informação que chega quase instantânea tem que ser entendida pelos

educadores da área e ensinada aos alunos para que eles não se sintam fora do mercado quando terminarem o curso ao qual escolheram. Que bom, imagina-se que eles possam estar preparados para enfrentar o mundo lá fora. Será? Será que uma Instituição com equipamentos de ponta está preparando bem nossos jovens? Por exemplo, os jovens são preparados para socializar com outros jovens de orientações sexuais diferentes? Eles são preparados para aceitar e respeitar as diferenças humanísticas que existem na sociedade? Na experiência como educador em uma Instituição de grande porte como é o IFSul – RS, percebemos que o lado humano destes cidadãos não era priorizado no ensino e na formação destes jovens.

Estamos em um mundo com muita diversidade social<sup>1</sup>, não mais do que justo sabermos lidar com ela. Em sala de aula, em nossas casas, temos que saber orientar nossos jovens. Acreditamos que o destino e o futuro de uma sociedade somente serão medidos através do grau de educação e oportunidades que lhe são oferecidos e, através do trabalho e da convivência em sociedade, o indivíduo aprende e se transforma em um ser social. Sobre essas mudanças sociais, podemos dizer que:

A questão central das transformações no interior do homem consiste em atingir um controle consciente sobre si mesmo. Não somente o fim existe na consciência antes da realização material; essa estrutura dinâmica do trabalho também se estende a cada movimento individual. O homem que trabalha deve planejar cada momento com antecedência e permanentemente conferir a realização dos seus planos, crítica e conscientemente, se pretende obter no seu trabalho um resultado concreto o melhor possível. (...) Somente quando o homem, em sociedade, busca um sentido para sua própria vida e falha na obtenção deste objetivo, é que isso dá origem a sua antítese, a perda de sentido. No início da sociedade isto aparece como forma espontânea e puramente social.....somente quando a sociedade se torna diferenciada, de modo que cada homem organize sua própria vida em um caminho cheio de sentido ou também se deixa levar pela perda de sentido, que este problema emerge como geral.(LUKÁCS, 1980, apud ANTUNES, 1999, p. 142)

A partir do exposto, podemos também dizer que o homem somente cresce dentro da sua realidade social se houver um apoio educacional. No caso do ensino escolar, somente vai haver uma mudança de um ser puramente biológico em um ser social se houver educadores comprometidos em transformar esta realidade; estes

---

<sup>1</sup> Diversidade Social- se refere a todas as raças, crenças, modo de vida, de cultura e todas as classes sociais. Está relacionada às diferenças importantes de condições de vida, oportunidades e eventuais problemas de **discriminação e preconceito** (grifos nossos, [www.gestrado.org](http://www.gestrado.org)).

têm que ter um preparo para realizar tal transformação. Dessa forma, nossos espaços educacionais não devem se omitir para que os educandos tenham oportunidades de se inserirem nestas mudanças de paradigmas, isto é, tem que dar subsídios educacionais para aqueles que querem ter oportunidades de se adequar às novas mudanças na educação, imbricadas com a sociedade à qual pertence.

Dentro da linha de pesquisa que trabalho, na gestão das práticas docentes, é priorizado o estudo que contribuirá para se entender melhor a inclusão sócio-educacional, oferecida pelas políticas públicas, através das aprendizagens oferecidas na Instituição, acreditando, assim, que se terá uma menor desigualdade, tendo como principal objetivo integrar e socializar pessoas de gêneros e orientações sexuais diferentes, canalizando todos para um objetivo comum.

Devido à política ser considerada neoliberalista<sup>2</sup>, muitas desigualdades foram se concretizando na formação da sociedade brasileira, criando uma grande desigualdade sócio-educacional nas comunidades e é isso que queremos minimizar. Tendo em vista a contextualização do ambiente escolar, que é conduzir o indivíduo para a descoberta de suas potencialidades, entendemos que o papel do ambiente educacional é a construção e socialização do conhecimento. Assim sendo, a educação desempenhará um papel central no desenvolvimento social e relacionamento interpessoal. Ao fazer a socialização dos conhecimentos, a escola deve ter o cuidado de respeitar a individualidade e as características próprias de seus educandos, para que, a seu modo e sua medida, possam contribuir para o bem dos outros e construir seu próprio bem.

Hoje, existem projetos de leis e programas que viabilizam orientações e intervenções na sociedade: por exemplo, o Programa Brasil sem Homofobia, que orienta as Instituições de ensino nos três âmbitos da educação: municipal, estadual e federal. Este programa ajuda a questionar e reprimir qualquer tipo de discriminação racial, de gênero, étnica ou sexual. Entre estes objetivos, temos, também, preocupação com a inserção da mulher no mercado de trabalho, com a disseminação de informações sobre direitos e promoção da autoestima homossexual.

---

<sup>2</sup> Neoliberalismo defende a não participação do estado na economia, em que deve haver total liberdade de comércio. Nasceu nos EUA, tendo como seus maiores defensores Fredrick A. Hayeck e Milton Friedman ([www.infoescola.com/historia/neoliberalismo](http://www.infoescola.com/historia/neoliberalismo)).



Enquanto houver intolerância para qualquer tipo de discriminação, vamos ter que criar motivos para combatê-la. Segundo Dinis (2011), “A homofobia se tornou, no mundo contemporâneo, um dos últimos preconceitos ainda tolerados” (DINIS, 2011, p. 02).

## 1. TRAJETÓRIA PESSOAL ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Em 1974, ao terminar o atual curso fundamental, não tinha ainda consciência do que queria para o futuro. No ano seguinte, entrei para a ETFPel (Escola Técnica Federal de Pelotas), atual IFSul – RS, já com o objetivo de ser um Técnico em Telecomunicações. Na época, havia cursos preparatórios, mas era muito oneroso, optei em estudar em casa e ser preparado por uma professora particular amiga da família. Naquele momento, a ETFPel era a que oferecia um futuro promissor para os jovens de menor renda na cidade. Em 1975, ingressei na ETFPel. Além de estudar, participei de várias atividades dentro desta unidade de ensino: banda musical, teatro, Grêmio Estudantil, coral. Além disso, tive a oportunidade de trabalhar como bolsista, que era disponibilizado a alunos que comprovassem baixa renda familiar e elevado rendimento escolar.

Passaram-se quase quatro anos até minha formatura. Entre outras atividades extracurriculares, fiz um curso de inglês técnico, microestágios em empresas de Pelotas e Porto Alegre, as quais me incentivaram a buscar oportunidades melhores em outras partes do País. Em julho de 1978, achava que meus estudos haviam se encerrado, pois muitos professores, na época, nos passavam a idéia de que o aluno que completasse o nível médio não precisaria mais adquirir conhecimentos além daqueles aprendidos para a formação técnica, fazendo-nos acreditar que era o suficiente para iniciarmos a nossa profissionalização e seguir nossa vida.

Aos 18 anos, acreditava que os professores tecnicistas da ETFPel estavam certos, estudar nunca mais, pois o país precisava de técnicos. Era exatamente o que diziam aos jovens da época, em plena década de 70, ainda no período da ditadura militar. Mas a vida fora da escola tem outras realidades. Comecei a perceber que não era aquilo que almejava para definir a minha carreira e minha vida profissional. Em fevereiro de 1979, fui morar em Curitiba/PR. Foi minha primeira experiência fora de casa, estagiando na Empresa Telefônica do Paraná. Comecei a sentir que realmente eu não gostaria de ser um técnico durante toda minha vida. Apesar de boa remuneração, seis meses após, pedi demissão. Logo depois, fui morar no Rio de Janeiro, onde obtive uma bolsa de estudo para fazer um curso de teatro. Foi a partir daí que comecei a ter uma visão holística do mundo no qual estava vivendo.

Apesar de estar fazendo o que gostava, o curso não oportunizava adquirir as necessidades básicas como alimentação, moradia, transporte, etc. Dois meses depois, resolvi voltar para a casa dos meus pais, sentindo-me um pouco derrotado, mas não vencido.

Depois desta primeira experiência de vida, fui morar em Salvador/BA, em 1981, onde voltei a trabalhar na área de Telecomunicações, fazendo vários cursos de atualização no campo de telefonia. Depois de algum tempo, novamente, estava trabalhando apenas pela remuneração, ser apenas um técnico não mais me satisfazia.

Quando voltei para o Rio Grande do Sul, em 1983, além de trabalhar como técnico, resolvi montar uma discoteca móvel. Após algum tempo, fixei-me em São Lourenço do Sul/RS, onde, por um período de dois anos, paralelamente com os eventos que realizava no salão de festas da Colônia de Pescadores Z-8 daquela cidade, promovia eventos para crianças carentes, bingos beneficentes, rondas solidárias, etc.

Em 1986, solicitei dispensa da empresa na qual trabalhava como técnico e decidi dedicar-me mais ao meu ramo de sonorização. Definitivamente, resolvi me envolver mais com tudo que se relacionasse à área das relações humanas, promovendo concursos de beleza, de dança, festas natalinas, entre outras. Paralelamente a isso, ingressei na UFPel, no curso de Licenciatura em Música, o qual estava decidido a concluir. Como não podemos programar nossas vidas, logo após uma greve no ano de 1987 e o falecimento de minha mãe, tranquei a matrícula na faculdade, para a qual não voltei. Fiquei meio perdido nos meus objetivos, pois estava sem minha principal base de apoio. Dois anos depois, o ramo de sonorização que tinha em São Lourenço do Sul terminou.

Voltei a viajar. Fui para São Paulo/SP em 1989 e, logo após, passei um tempo no Rio de Janeiro/RJ. Até que em 1991, resolvi voltar para Pelotas, quando trabalhei na Prefeitura Municipal de Pelotas, como Agente Administrativo; na Secretaria Municipal de Educação, apresentei um projeto de Teatralização com fins educacionais para as crianças de escolas municipais, com o objetivo de informá-las os problemas que afligiam a comunidade na época. No momento, estava em evidência a cólera, que estava atingindo todo o País. O trabalho foi muito bem aceito pela comunidade de professores e alunos da rede municipal de ensino. Acredito que

esta forma de aprendizado é muito importante para as crianças, pois tinham melhor conscientização e informação sobre vários assuntos.

Neste meio tempo, havia prestado um concurso para funcionário público federal na então ETFPel – RS, sendo nomeado em junho de 1993. Voltei a trabalhar como técnico em Telecomunicações paralelo ao curso de História. Quando estava cursando o segundo semestre na UFPel, prestei vestibular para Licenciatura Plena para Ensino Técnico, oferecida pelo CEFET-PR, o qual seria ministrado no CEFET-RS. Sendo aprovado, tive que optar entre as duas Licenciaturas, resolvendo optar pelo ESQUEMA II, que, no momento, era mais viável para minha carreira a qual estava recomeçando. O ESQUEMA II era uma formação em Licenciatura para o ensino técnico, que graduava o professor com qualificações para ministrar aulas em Escolas Técnicas. A última turma foi em 1993.

Neste curso de Licenciatura, tive aprendizado tanto nos componentes técnicos quanto nos pedagógicas, realizando o estágio no próprio CEFET-RS. Logo após dois anos de curso intensivo, ocorreu a formatura, em outubro de 1995. Estava feliz, pois sabia que estava me encaminhando para uma área a qual queria exercer: o magistério.

Em 1996, enquanto exercia o trabalho de técnico no curso de Telecomunicações, por 40 (quarenta) horas, pude ministrar, paralelamente, aulas como Professor Substituto por 20 (vinte) horas, pois, devido ao meu cargo como técnico, poderia acumular mais uma função dentro da instituição.

Neste mesmo ano, em sociedade com um amigo, inauguramos uma boate LGBT em Pelotas, “Kalabouço”. Aos finais de semana, organizávamos festa e o público deste segmento tinha mais liberdade de expressão. Claro que o espaço era aberto a todos os públicos, independentemente de sua orientação. Era um espaço bem democrático. Por cinco anos ininterruptos, conseguimos amenizar o preconceito com relação à convivência com o público LGBT. Paralelamente, fazíamos jantares com show e “performance”, para os quais eram convidados famílias e amigos para participar. Participavam pessoas de todas as faixas etárias, ocorrendo uma grande confraternização. Para uma época que ainda não existia a Parada LGBT na cidade, era um grande avanço e notícia para a mídia local.

Figura 01: Foto jornal Diário Popular em 27/9/1998



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Como sou muito dinâmico no ramo profissional, percebendo que, em Pelotas, as atrações culturais eram ínfimas e pobres, busquei incrementar e oportunizar à comunidade uma nova modalidade de teatro: Casa do Terror - um espetáculo interativo que obteve muito êxito. Era no mesmo prédio em que funcionava a Boate. Devido ao grande sucesso, no decorrer daquele ano (1997), se expandiu e apresentamos em outras cidades como Camaquã, São Lourenço do Sul, Capão do Leão, Piratini, Jaguarão e Rio Grande.

Ainda no mesmo prédio, em 1998, resolvi abrir um curso preparatório para o ensino médio do CEFET – RS/CAVG, denominado Aprovação, o qual, devido a um trabalho sério, tivemos êxito no término do corrente ano. A partir do ano seguinte, resolvemos ampliar nosso empreendimento, preparando também para ingresso nos cursos superiores das Universidades e no Técnico do CEFET – RS. Dentro do Curso Preparatório, exercia atividades administrativas e de docência: ministrava aulas para preparação do ingresso no ensino médio do CEFET/CAVG. Trabalhei com os adolescentes na área das exatas, especificamente na Matemática do Ensino

Fundamental. Procurava construir conhecimento junto aos alunos de uma informação mais simplificada e direta possível, ancorada no cotidiano de cada um. No curso preparatório, como trabalhávamos em curto espaço de tempo, tínhamos que aplicar técnicas de exercícios diferenciados do que eles estavam acostumados em uma sala de aula regular, para procurar mantê-los mais atentos, ou seja, o profissional de um preparatório deve ser diferente: debater o conteúdo e conquistar o aluno. É neste ponto que, sistematicamente, acompanhava e planejava reuniões para que os professores que estavam sob minha orientação se identificassem com esse tipo de trabalho. Planejava atividades de entrosamento, com formas diferentes de avaliação, técnicas novas de aprendizagem e, sinceramente. Nesse curso, lidávamos com alunos na faixa etária dos treze aos quarenta anos, com objetivos diferenciados, por isso tínhamos que saber discerni-los, para que cada grupo atingisse a sua meta.

Paralelamente ao curso que administrei desde 1999, voltei a ser professor substituto no CEFET-RS, no curso de Telecomunicações, no qual trabalhei com quatro modalidades de ensino existentes na instituição: anual, semestral, integrado e modular. O último sistema institucionalizado pelo Governo Federal, chamado Modular, tem muito que ser reformulado para que possa contribuir para um ensino satisfatório. Enquanto professores, discutíamos esse novo modelo de ensino e tinha estudado bastante sobre esse tópico, uma vez que fiquei corresponsável pela elaboração/confecção do planejamento de aulas de avaliação de dois componentes curriculares dentro do curso. Considerava tal tarefa de muita importância e me esforcei para contribuir da melhor forma.

Em 2008, comecei a trabalhar com uma produtora de Porto Alegre-RS, que desenvolve e executa projetos para as concessionárias de energia elétrica do Rio Grande do Sul. A minha função era palestrar sobre como as comunidades e escolas devem se comportar quando é necessário fazer um racionamento de energia elétrica. Dependendo do objetivo da concessionária, CEEE, AES SUL ou RGE, as palestras eram direcionadas às comunidades da periferia ou a grandes projetos que abrangessem todas as escolas da região da cidade sede.

Devido à grande diversidade dentro na área da educação, acredito que tenho minhas experiências vivenciadas tanto na educação formal quanto na informal, podendo desenvolver um trabalho de qualidade, aperfeiçoando as técnicas de

ensino e de aprendizagem que aplico em minha área de atuação educacional e, ainda, na linha de gestão escolar.

No ano de 2004, ingressei em minha primeira especialização, oferecida aos servidores do então CEFET– RS, em Educação Profissional. Após o término desta, fiz outra especialização, na área de Educação Ambiental, as quais ampliaram meu conhecimento no mundo acadêmico, tendo acesso a conhecimentos que somaram na minha formação de professor.

Quando ingressei na UNIPAMPA – Jaguarão, no Mestrado Profissional de Educação, no segundo semestre de 2014, percebi que teria condições de aplicar técnicas, tanto empíricas quanto científicas, pois acredito que a mudança do sistema de ensino somente pode ocorrer com uma diversidade (aspecto multivariado) no processo educacional do professor, atingindo, assim, a todas as camadas sociais, independentemente das condições socioeconômicas, respeitando a realidade do educando.

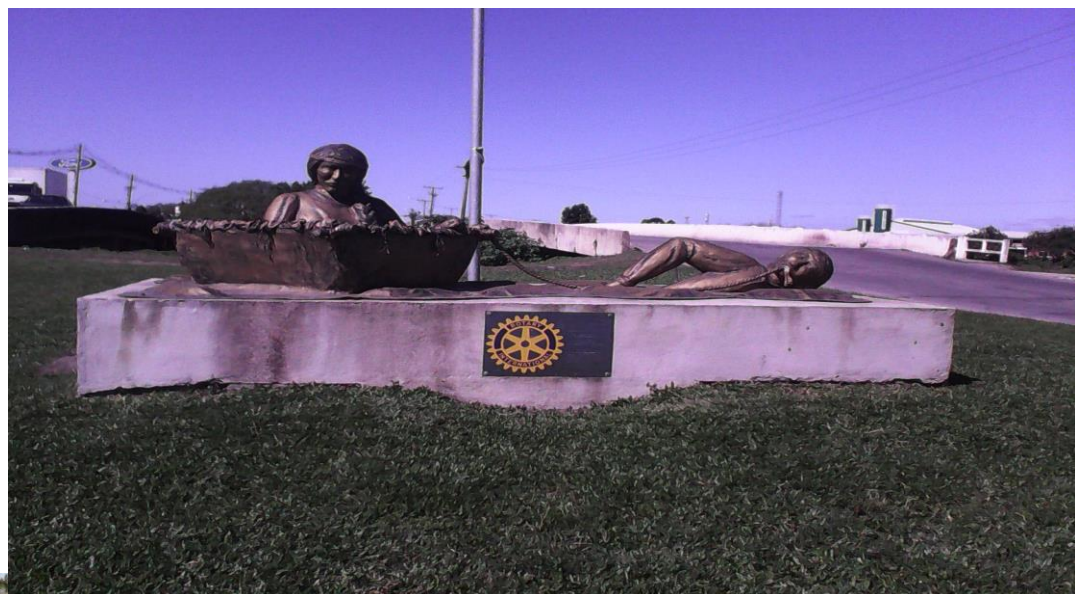
Seguindo minha vida profissional no Curso de Telecomunicações do IFSul e atuando na área de gestão, como responsável pelo NUGED – Pelotas (Núcleo de Gênero e Diversidade), dentro desta mesma Instituição, percebo que a minha trajetória profissional e acadêmica já está elencada com a temática que escolhi. Espero que os resultados tragam contribuições significativas para a educação, melhorando a convivência de nossos educandos dentro da Instituição.

## 2. CONTEXTO MUNICIPAL

Pelotas, com uma população de 328.275 habitantes, fica situada a 250Km da capital, que, por muitos anos, foi considerada a segunda cidade mais promissora do Rio Grande do Sul, perdendo a posição para Caxias do Sul, devido ao baixo investimento econômico na região por várias décadas seguidas. A cidade ainda tem seu reconhecimento no estado pela preservação de seus prédios históricos e, também, foi vista, por muito tempo, como uma cidade universitária, sendo incluído neste âmbito o atual IFSul – RS, considerado como uma das melhores Escolas Técnicas do País.

Desde sua fundação, em 7 de julho de 1812, a cidade de Pelotas já estava nascendo com uma importância para a Região Sul. No primeiro século, eram as charqueadas que tornavam a cidade atraente para o comércio da região. Através do príncipe regente de Portugal Dom João VI, eregia uma nova “freguesia”, chamada de São Francisco de Paula, vindo a se tornar cidade no ano de 1835, já com o nome atual. O nome Pelotas é oriundo de uma embarcação feita de couro, utilizada por índios da região para atravessar os rios.

Figura 02: Foto do monumento que representa a origem do nome da cidade, em um trevo de acesso à cidade



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Pelotas é uma cidade de porte médio, tendo, antes das emancipações de cidades como Capão do Leão, Turuçu, uma área de 2.205Km<sup>2</sup>. Por possuir uma extensa zona de pecuária e lavoura, era considerada pouco povoada sob o ponto de



vista político-administrativo. Hoje a cidade possui 1.610 Km<sup>2</sup>, com 95% da população vivendo na área urbana (IBGE, 2010).

Culturalmente, era considerada uma cidade muito expressiva. Mesmo antes de virar cidade. Em 7 de abril de 1832, foi fundado o teatro Sete de Abril, um dos mais antigos do estado, atualmente em reforma. Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído de oito distritos: Pelotas, Cascata, Cerrito Alegre, Colônia Z3, Monte Bonito, Quilombo, Rincão da Cruz e Santa Silvana. A partir de 23 de junho de 2003, através da Lei n 4.944, é criado o distrito de Triunfo, anexado ao município de Pelotas (Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas).

A densidade demográfica da cidade é equivalente a 203,89 habitantes por Km<sup>2</sup>, sendo a 29ª cidade mais densamente povoada do RS, de acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010<sup>3</sup>.

O Índice de Desenvolvimento Socioeconômico de Pelotas (IDESE), segundo a Fundação de Economia e Estatística (FEE) de 2009<sup>4</sup>, foi de 0,770. O Produto Interno Bruto (PIB) de 2012 foi de R\$ 5.532.992,00 e o PIB per capita correspondeu a R\$ 16.794,40 no mesmo ano.

Pelotas, do ponto de vista de sua economia, caracteriza-se por ser um pólo regional, maior centro de convergência em diversas e importantes áreas, como serviços, saúde, educação, político-administrativa e comércio. Acrescente-se que Pelotas tem o maior centro comercial da Região Sul e o segundo do estado.

Existe um grande número de estabelecimentos comerciais e empresas de prestação de serviços, sendo pólo industrial na confecção de doces artesanais, tendo sua qualidade e sabor reconhecidos em nível nacional e difundidos através da FENADOCE - Feira Nacional do Doce, que acontece anualmente no mês de junho, oportunizando aos grandes e pequenos produtores de doces divulgar seus produtos aos visitantes.

Além do doce, Pelotas é a maior produtora de pêsego para a indústria de conservas do país, além de outros produtos como aspargo, pepino, figo e morango. E, também, tem papel significativo na produção de arroz, de grãos, de lã, de rebanho bovino de corte, detendo a maior bacia leiteira do RS.

---

<sup>3</sup>Censo 2010 – [www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index)

<sup>4</sup>FEE- [www.fee.rs.gov.br/](http://www.fee.rs.gov.br/)

Pelotas está localizada a 60Km do porto de Rio Grande, o maior do sul do Brasil; a 150 Km de Jaguarão e 250Km de Chuí, cidades fronteiras com o Uruguai. No entanto, ainda que apresente um grande potencial a ser explorado, a metade sul do Rio Grande do Sul, onde se insere este município, tem sofrido um empobrecimento muito grande, como informam indicadores sociais. Por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a ponto de Pelotas estar, atualmente, entre os 13 maiores bolsões de pobreza do Brasil - 12º do Brasil, 1º da Zona Sul do RS (fonte: [www.pelotas.com.br](http://www.pelotas.com.br)) .

Conforme dados estatísticos (Pelotas, 2014), o município possui 88 escolas municipais, 54 escolas estaduais, 02 federais e 75 particulares. Segundo a 5ª CRE<sup>5</sup> , foram matriculados em 2014, nas 15 cidades que compõem esta coordenadoria, 51.069 novos alunos na rede municipal de ensino, 49.024 na rede estadual e 3.562 na rede federal. De acordo com os dados do Censo (BRASIL, 2014), estes dados são referentes ao Ensino Básico (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional de Nível Técnico, Ensino Médio Normal/Magistério e ensino médio integrado).

Atualmente, o município é um dos campeões gaúchos em boas práticas de transparência, ocupando a quinta posição do ranking do Tribunal de Contas do Estado (TCE), entre os municípios do Rio Grande do Sul com mais de dez mil habitantes. Neste quesito, Pelotas ficou atrás apenas de Porto Alegre, Pinheiro Machado, Venâncio Aires e Feliz<sup>6</sup> .

Abordando sobre casos de nossa temática, originados pelo senso comum, nosso município também é conhecido, nacionalmente, como a cidade dos gays. Isto é um folclore que se institucionalizou a partir de sua formação no século XIX, quando a região, que era composta por grandes fazendeiros e produtores de charque, os quais mandavam seus filhos estudar nas Universidades da Europa e, como voltavam com hábitos mais recatados, diferentes dos que permaneciam na região, eram considerados jovens afeminados, isto é, “optavam” por serem homossexuais<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> A 5ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação – atende as cidades de Pelotas, Turuçu, São Lourenço, Santana da Boa Vista, Piratini, Pinheiro Machado, Pedro Osório, Jaguarão, Pedras Altas, Morro Redondo, Herval, Capão do Leão, Canguçu, Arroio Grande e Amaral Ferrador.

<sup>6</sup> [www.pelotas.rs.gov](http://www.pelotas.rs.gov) de 16.01.2015

<sup>7</sup> Fonte: [conselheirox.blogspot.com.br/2013/09/como-surgiu-fama-de-cidade-gay-dehtml](http://conselheirox.blogspot.com.br/2013/09/como-surgiu-fama-de-cidade-gay-dehtml)

Vemos, através desta retórica, que mudar uma cultura enraizada precisa de muito esclarecimento. São séculos de preconceitos, de um estigma que não seria problema se fosse visto com um olhar sem preconceitos.

Por exemplo, na década de 70, surgiu um jornal chamado “O Triz”, que teve apenas uma única edição. Segundo o tablóide virtual “Amigos de Pelotas” de 29/10/2013, em plena ditadura, dois jovens jornalistas assinaram a sentença de morte de seu jornal com uma matéria tão polêmica para a época, na qual questionavam o porquê da “frescura” destinada ao povo pelotense. Esta edição foi publicada em meados de outubro de 1976<sup>8</sup>. A partir destas informações, vemos que a cidade ficou sentenciada à discriminação histórica, isto é, por muitas décadas, ficamos presos a clichês que, sob o ponto de vista dos cidadãos conservadores, a imagem ficava denegrida pela fama de um povo “efeminado”, como se a orientação sexual pudesse ser concebida pela ocupação geográfica de seus sujeitos.

---

<sup>8</sup> Fonte: [amigosdepelotas.com.br/blog/triz\\_o\\_jornal\\_que\\_ouzoou\\_investigar\\_fama\\_de\\_pelotas](http://amigosdepelotas.com.br/blog/triz_o_jornal_que_ouzoou_investigar_fama_de_pelotas)

### 3. HISTÓRICO DO IF SUL-RIO-GRANDENSE

Segundo Meireles (2007, p. 11), “conhecer a história da Instituição que tornou Pelotas centro de referência em Educação Profissional é um desafio prazeroso”. O atual campus<sup>9</sup> Pelotas do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul – RS) foi quem, na realidade, deu origem ao presente Instituto, que hoje conta com uma estrutura de quatorze campus.

As raízes históricas dessa instituição datam seu começo em 11 de Setembro de 1906, quando o então presidente (assim eram chamados os governadores) do Estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, por meio do Decreto nº 787, deu início, no Brasil, ao ensino técnico, criando, inicialmente, quatro escolas profissionais naquele estado, sendo destinadas ao ensino de ofícios as escolas de Campos, Petrópolis e Niterói e, para aprendizagem agrícola, a de Paraíba do Sul, conforme consta no documento expedido pelo MEC em comemoração ao Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Brasil.(BRASIL, MEC, 2008, p.2)

Conforme Meireles (2007, p.20), com a morte de Afonso Pena, em 1909, Presidente do Brasil na época, foi nomeado Nilo Peçanha para substituí-lo, considerado o patrono do ensino técnico no País. No mesmo ano, três meses após sua posse, através do Decreto nº 7.566, de 23 de setembro, foram criadas as primeiras escolas com ensino profissional. A ideia inicial era criar 20 escolas de Aprendizes e Artífices nas capitais dos Estados. No Rio Grande do Sul, foi criada uma grande escola nesta modalidade de ensino na capital. Através do Decreto Federal nº 7.763, de 23, de dezembro de 1909, foi o Instituto Technico – Profissional de Porto Alegre, atual Instituto Parobé. No decorrer do início do século XX, a oferta de cursos regulares de educação profissional, no interior do estado, era apenas tema de debates e projetos.

Na época, Pelotas era governada pelo Intendente Cypriano Corrêa Barcellos, o qual demonstrou um grande empenho em ter uma escola deste perfil. Junto com o presidente da Biblioteca Pública Pelotense, Coronel Joaquim Augusto de Assumpção, que veio a se tornar o primeiro presidente do Conselho Diretor da

---

<sup>9</sup> Campus é a designação dada a uma unidade do IF e Campi a um grupo delas, conforme o parágrafo 2 do artigo 5 da Lei nº 11.897/2008.

Escola, através da circular de 27, de junho de 1917, anunciava a fundação do Lyceu de Artes e Offício, com o objetivo de habilitar os desfavorecidos da fortuna e com indispensável preparo técnico e intelectual, deixando-os longe da ociosidade e da escola do vício e do crime.

Os jornais da época elogiavam o objetivo da escola, com maior ênfase para o preparo do operariado do que eventual obra de assistência social, como retirar jovens da rua para sua regeneração:

Será um centro de aprendizagem, de labor, e uma vez em seu pleno desenvolvimento, isto é, funcionando todas as suas dependências, a industria local, e mesmo a do estado, sentirá os benefícios efeitos decorrentes da assistência desvelada que a sociedade pelotense, em perfeita comunhão de vistas com administração pública, empresta vigorosamente à promissora casa de trabalho e da instituição.

Jornal Diário Popular, 05.1918 (MEIRELES, 2007, p.23).

Apesar do grande interesse do município, houve um período de 13 anos até que ingressasse a primeira turma de alunos para o respectivo fim a que a escola fora construída. Por decisão unânime dos sócios da Biblioteca Pública Pelotense, a Escola de Arte e Offícios foi doada ao Município de Pelotas. Com esta municipalização, passou a chamar-se Escola Technico-Profissional, instituída pelo Decreto Municipal nº 1.795, de 08 de março de 1930, conclamado pelos jornais da época (Anexo I):

Na Escola Technico-Profissional, gratuitamente, aprende-se um officio rendoso. Levae hoje mesmo vossos filhos a escola". Quereis garantir o futuro de vosso filho? Levae-o para a Escola Technico-Profissional, onde elle, aprende gratuitamente um officio.

Diário Popular, 04.1930 (MEIRELES, 2007, p. 28)

A escola, apesar de oferecer curso gratuito à camada mais pobre da população, aceitava ingressos de outras pessoas da comunidade que tivessem melhores condições, mediante pagamento de taxas. Funcionava em regime de externato e recebia apenas alunos do sexo masculino (MEIRELES, 2007, p.30).

Em 1938 (Anexo II), foi feita a doação do terreno para o governo Federal, para a construção da Escola Técnica de Pelotas. Comentou Meirelles (2007, p. 40)

que, com a forte atuação do atual governo, presidido por Getúlio Dornelles Vargas, no campo do desenvolvimento industrial, assume o encargo de promover diretamente a industrialização relativa ao setor básico, tendo uma significativa atuação no campo do ensino técnico industrial, com a estruturação e investimentos na rede de Escolas Profissionais Federais. Através do Decreto-Lei 4.127, instituída em 25 de fevereiro de 1942, foram criadas onze Escolas Técnicas Federais, incluindo a ETP (MEIRELES, 2007, p. 47).

Em 11 de outubro de 1943, com a presença do Presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, é cortada a fita inaugural da ETP (Escola Técnica de Pelotas). Não podemos deixar de destacar a atuação pessoal de Luiz Simões Lopes<sup>10</sup> no processo que viabilizou a criação desta Instituição.

Após o período de inauguração do prédio, estruturação administrativa, com a realização de concursos públicos para servidores e processos licitatórios para adquirir os materiais, Meireles (2007, p. 50) comenta que foi realizada a ata da sessão de abertura das aulas da Escola, em 20 de fevereiro de 1945. Tendo, no primeiro exame de vestibular, 238 inscritos com 168 alunos matriculados na primeira série.

Embora o edital de seleção não estabelecesse qualquer restrição ao gênero feminino, pois a igualdade entre os sexos já era constitucional e expressa no texto da Lei Orgânica de 1942, o ingresso de meninas não se concretizava, com certeza pela própria condição cultural da época, tendo apenas meninos participando do processo de seleção.

A Escola tinha, inicialmente, um quadro com 24 professores, havendo apenas uma professora, a Sra. Nize Terezinha de Jesus Martins Antunes (Anexo III). No segundo ano de funcionamento da Escola, 1946, os alunos organizaram o primeiro Grêmio de Estudantes da Escola Técnica de Pelotas. Como tinha uma tradição de escolher uma madrinha dos estudantes nos Grêmios estudantis da época, e não havia representantes do sexo feminino na Escola, convidaram, para a festa, alunas do Colégio Santa Margarida, tradicional escola religiosa,

---

<sup>10</sup> Luiz Simões Lopes, nascido em Pelotas, além de presidente do DASP (Departamento Administrativo de Serviço Público), órgão vinculado diretamente ao Presidente da República, era responsável pela elaboração e controle do Orçamento Geral da União.

exclusivamente frequentada por meninas, sendo assim, escolhida a primeira madrinha do Grêmio de Estudantes da ETP (MEIRELES, 2007, p. 59)

A inserção de meninas na Escola, apesar de 20 anos de atraso e muitas opiniões contrárias, foi no já extinto Ginásio Industrial, em 1964. Somente em 1967 houve o ingresso de meninas nos cursos técnicos.

Na década de 50, a falta de autonomia causava um engessamento administrativo que impossibilitava qualquer dinamismo e criatividade para um bom funcionamento e progresso das ETPs. Conforme Peil (1995, p. 6), a partir de 1959, o Presidente Juscelino K. De Oliveira transforma as Escolas Técnicas em autarquias educacionais, “esta reforma permitiu que as escolas tivessem uma considerável expansão de matrícula, melhorando a adequação de sua oferta de recursos humanos especializados à demanda nacional”. Essa mudança foi devido à necessidade de desenvolvimento e ampliação da infraestrutura no País que estava em crescimento.

Assim, em de 20 de agosto de 1965, através da Lei nº 4.759, a ETP passa a denominar-se ETFPel (Escola Técnica Federal de Pelotas). A partir desta determinação, com o crescimento das tecnologias no País, foram criados vários cursos técnicos: Eletrônica, Eletromecânica, Sistema de Telecomunicações, Química, entre outros, que, ao longo dos anos, foram sofrendo adaptações, readequações à legislação vigente.

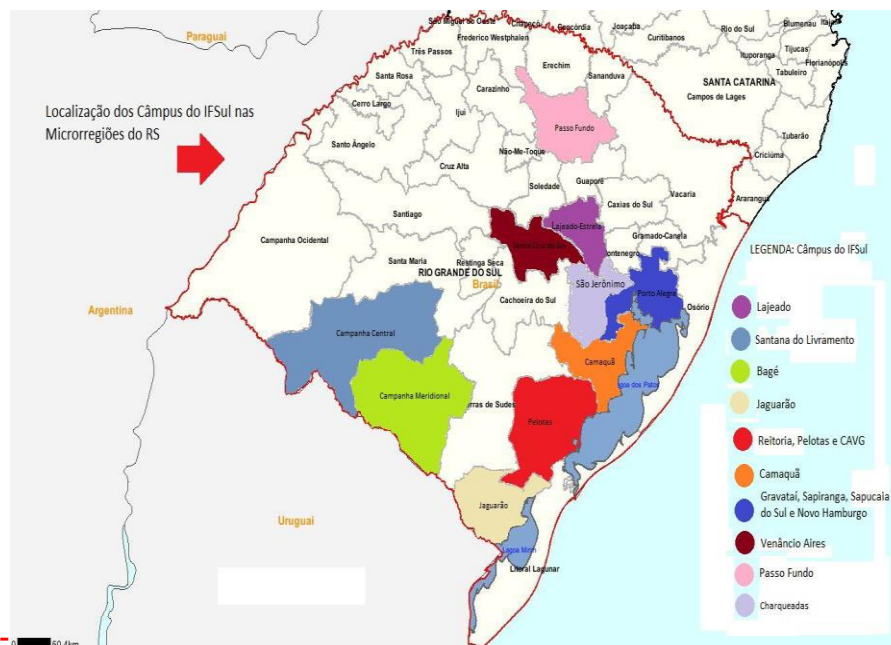
Segundo Peil (1995, p. 9), “durante as décadas de 60 a 80, as ETFs formaram recursos humanos (técnicos de 2º grau) que eram absorvidos quase que totalmente pelas estatais brasileiras”. Os nossos técnicos eram vistos como desbravadores em várias áreas de atuação, desde a construção até as comunicações, sendo, por muitos anos, o alicerce deste País, considerados em um nível superior ao padrão de países da Europa.

A ETFPel continuou se transformando no decorrer dos anos. Novos cursos, novos formatos curriculares, novas tecnologias. Até que, em janeiro de 1999, sob a direção do Prof. Edelbert Krüger, foi promulgado, pelo MEC, o Decreto em 19 de Janeiro de 1999, implantando o Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, CEFET-RS, ampliando os cursos com formação de Nível Superior.

Esta Instituição, que iniciou suas atividades em 1930, com o nome de “Instituto”, retoma esta denominação em 29 de dezembro de 2008, como Instituto Federal de Educação em Tecnologia Sul-rio-grandense, com sede e foro na cidade de Pelotas, nos termos da Lei nº 11.892, com natureza jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

O IFSul é formado por 14 campi: campus Pelotas (1943); campus CAVG (2010)<sup>11</sup>; campus Sapucaia do Sul (1996); campus Charqueadas (2006); campus Passo Fundo (2007); campus Camaquã (2010); campus Venâncio Aires (2010); campus Bagé (2010); campus Santana do Livramento (2010); campus Sapiranga (2013); campus avançado Jaguarão (2014); campus Gravataí (2014); campus Lajeado (2014); campus avançado Novo Hamburgo (2015) (Fonte: PDI<sup>12</sup> 2014-2019).

Figura 03 - Localização dos Campi do IFSul nas Microrregiões do RS



Fonte: IBGE 2014

<sup>11</sup> O CAVG foi anexado ao IFSul-RS, em 2010, através da Portaria 715/2010, quando o MEC consolidou a decisão tomada pela comunidade do referido campus. Até 2010, pertencia à UFPel.

<sup>12</sup> PDI é o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFSul, de 2014-2019.



Tabela 1 - Campi que pertencem ao IFSul-rio-grandense

<b>Campus</b>	<b>Microrregião</b>	<b>Área (Km<sup>2</sup>)</b>	<b>Cidades que compõem a microrregião</b>	<b>Censo 2010/hab.</b>
<b>Pelotas; Pelotas- V. Da Graça (CAVG)</b>	Pelotas	10.321,60	Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, P. Osório, Pelotas, S. Lourenço e Turuçu.	481.853
<b>Camaquã</b>	Camaquã	5.917,20	Arambaré, Camaquã, Barra do Ribeiro, Tapes, Chувисca, Sentinela.	130.382
<b>Charqueadas</b>	São Jerônimo	4.850,40	Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Triunfo, Charqueadas, Gal. Câmara e V. Verde.	143.507
<b>Venâncio Aires</b>	S. Cruz do Sul	5.564,20	Arroio do Tigre, Venâncio Aires, Sobradinho, S. Cruz do Sul, Sinimbu e outros.	319.920
<b>Sapucaia do Sul, Gravataí, Sapiranga e N. Hamburgo</b>	Porto Alegre	5.591,50	Alvorada, Canoas, Guaíba, Gravataí, Parobé, POA, Sapiranga, S. Leopoldo, Viamão, Eldorado do Sul, Araricá, Cachoeirinha, Nova Santa Rita, Mariana Pimentel, Novo Hamburgo.	3.614.782
<b>Passo Fundo</b>	Passo Fundo	7.075,20	Água Santa, P. Fundo, Camargo, Coxilha, Ronda Alta, Vergueiro e outros	327.276
<b>Santana de Livramento e Bagé</b>	Campanha Central	14.260,60	S. do Livramento, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul e São Gabriel .	193.068
<b>Lajeado</b>	Lajeado- Estrela	4.055,20	Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Colinas, Nova Brézia e outros.	299.769
<b>Jaguarão</b>	Jaguarão	6.325,8	Jaguarão, Arroio Grande, Herval e Pedras Altas.	52.202

Fonte – IBGE 2014

No campus do IFSul – Pelotas funcionam 15 (quinze) cursos técnicos de nível médio, 05 (cinco) curso superiores de tecnologia e engenharia, além de cursos de Pós-graduação (especialização e mestrado profissional), formação pedagógica e Educação a distância.

Conforme o PDI, atende, em média, 4.000 (quatro mil) alunos por ano, com a finalidade de orientar e formar para o mundo do trabalho, tendo isso como principal objetivo das Instituições tecnicistas. Esta unidade tem uma área física de 40.400m<sup>2</sup>, com 49.667,27m<sup>2</sup> construídos em três pavimentos.

Na unidade de Pelotas, temos 58 salas de aula, 120 laboratórios específicos e 50 oficinas, somando, para o ensino profissional, 17.000m<sup>2</sup>. Ainda para a prática de esportes, possui um ginásio coberto, duas quadras cobertas e pista de atletismo, com um total de 7.000m<sup>2</sup>. E uma biblioteca com mais de 39.568 exemplares constituído por livros, periódicos, outros materiais impressos e multimídia, relacionados na área do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); um auditório com o nome de uma ex-Prof<sup>a</sup> desta Instituição “Enilda Feistauer”, com capacidade de 300 lugares; mais 05 (cinco) miniauditórios com capacidade de 100 lugares cada. Dados atuais informam que o IFSul – Pelotas possui 359 docentes e 214 técnicos administrativos em educação e, ainda conta com 4 (quatro) empresas terceirizadas com um total de 150 funcionários, que atuam na área da limpeza, segurança, manutenção e portaria. Conforme o setor responsável pelo transporte do IFSul – campus Pelotas, dentro da estrutura de apoio existem 14 veículos de passeio, 5 microônibus e 2 ônibus que têm o objetivo de, além da locomoção de servidores para outros campus, locomover alunos para realizarem microestágios em empresas de área afim a seus cursos.

Figura 04: Imagem aérea do IFSul – campus Pelotas



Fonte: Histórico do IFSul Pelotas- [www.pelotas.ifsul.edu.br](http://www.pelotas.ifsul.edu.br)

A reitoria dos 14 (catorze) campus fica localizada na cidade de Pelotas, tendo, entre suas principais funções, implementar e desenvolver políticas educacionais e administrativas, além de coordenar e supervisionar a gestão sistêmica do Instituto

Federal, seguindo as diretrizes institucionais estabelecidas. A reitoria tem a seguinte estrutura organizacional: Gabinete do Reitor; Vice-reitor; Pró-reitoria de Gestão de Pessoas; Pró-reitoria de Administração e Planejamento; Pró-reitoria de Ensino; Pró-reitoria de Extensão e Cultura; Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação; Diretoria de Assuntos Internacionais; Diretoria Executiva da Reitoria; Diretoria de Projetos e Obras; Diretoria de Desenvolvimento Institucional; Diretoria de Tecnologia e Informação; Procuradoria Federal; Ouvidoria; Assessoria do Reitor; Comissão de Ética; Comissão Própria de Avaliação; Comissão Permanente de Pessoal Docente; Comissão Interna de Supervisão da Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação.

Com o apoio da PROEX (Pro-reitoria de Extensão e Cultura), apesar da autonomia dos núcleos em cada campus, existem os Núcleos com funções distintas, mas todos voltados para a inclusão: NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas), NAPNE (Núcleo de Apoio a pessoas de Necessidades Específicas) e NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade) que estão diretamente relacionados a esta Pro-reitoria. Também, nos Institutos, existem outros núcleos com funções diversas: NUGAI (Núcleo de Gestão Ambiental Integrada), N-Cult (Núcleo de Cultura), NAI (Núcleo de Assuntos Internacionais) e o NESOL (Núcleo de Economia Solidária), NMPH (Núcleo de Memória e Patrimônio Histórico), NUCAP (Núcleo de Capacitação) e o NUPS(Núcleo de Projetos Sociais).

Na Instituição que estamos aplicando a intervenção, existem, em atividade, 08 (oito) núcleos: NUGAI, NEABI, NAPNE, NAI, NUPS, NMPH, NUCAP e, em fase de implantação o NUGED, do qual faço parte da equipe diretiva, conforme Portaria nº 959/2015 (Apêndice A).

Aqui, vamos nos deter em conhecer, dentro do Regimento Geral do IF Sul-rio-grandense, aprovado na resolução 98/2014 pelo CONSUP<sup>13</sup> (Conselho Superior), o qual determinou à PROEX, entre outras funções, o trabalho de inclusão na comunidade estudantil, conforme os artigos abaixo:

**Art. 63.** A Pró-reitoria de Extensão e Cultura, dirigida por um Pró-reitor nomeado pelo Reitor, é o órgão executivo que

---

<sup>13</sup> CONSUP é o Conselho Superior, órgão máximo do IFSul, tem a competência de tomar decisões para a execução da política geral da Instituição.

planeja, superintende, coordena, fomenta e acompanha as atividades e as políticas de extensão e cultura no IFSul em suas relações com a sociedade, articuladas ao ensino e à pesquisa, visando a transformação da sociedade. (p. 23)

**Art. 64,** a Pró-reitoria de Extensão e Cultura, entre outras competências, compreende o DEPAI (Departamento de Ações Inclusivas), no qual está vinculado o COFAI (Coordenadoria de Fomento às Ações Inclusivas), respectivamente com as seguintes funções:

**Art. 70.** Ao Departamento de Educação Inclusiva compete:

- I. apoiar as ações para desenvolver processos de aprendizagem para educação inclusiva;
- II. divulgar os objetivos das ações inclusivas motivando o acesso, permanência e êxito de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social;

**Art. 71.** À Coordenadoria de Fomento às Ações Inclusivas compete:

- I. planejar, estimular e acompanhar políticas continuadas de ações inclusivas no IFSul;
- II. fomentar, divulgar e assessorar programas, projetos e atividades de inclusão social, no âmbito do IFSul;
- III. planejar, organizar e acompanhar as ações de inclusão em conjunto com os Campus, sistematizando as informações e consolidando as ações realizadas;
- IV. realizar estudos, propor diretrizes e desenvolver ações para as questões de inclusão;
- V. incentivar mecanismos que permitam uma maior autonomia, qualidade de vida e inclusão social;
- VI. fortalecer parcerias com as instituições promovendo diálogos permanentes em busca de uma educação significativamente inclusiva;
- VII. promover e incentivar nos Campus do IFSul eventos cuja temática se ampare nas reflexões sobre a importância da educação inclusiva; e
- VIII. estimular estudos e formação permanente com os servidores para desenvolver trabalhos de tecnologia assistiva.

Estes objetivos foram trabalhados através de Núcleos que atuam em suas respectivas áreas. O núcleo que compete à nossa temática é o NUGED, implantado no IFSul Pelotas. Quando não estava legalmente em atividade, todos os assuntos de inclusão eram direcionados à COAE (Coordenadoria de Assistência Educacional), que, com o trabalho das psicólogas e assistentes sociais, auxilia os

alunos em qualquer problema que possa causar desconforto dentro da comunidade institucional.

Para a formação deste Núcleo ou qualquer outro, temos que seguir algumas regras definidas pela Instituição e pelo CONSUP, definidos no seguinte artigo do Regimento Geral do IF Sul-rio-grandense (2014):

Art. 157. Os Núcleos, órgãos de assessoramento das Direções dos Campus ou da Reitoria, poderão ser compostos por servidores lotados em diferentes entes administrativos (departamentos, coordenadorias ou gabinete do Diretor de Campus ou do Reitor), para subsidiar a estrutura administrativa na tomada de decisões (REGIMENTO GERAL IFSUL, 2014, p. 53).

#### 4. JUSTIFICATIVA

Enquanto educador do Instituto Federal Sul-rio-grandense do campus Pelotas, sentíamos que havia uma depreciação na composição dos componentes curriculares de todos os cursos técnicos desta Instituição quanto aos assuntos em que necessitassem intervir quando houvesse críticas negativas à orientação sexual de alguns estudantes. Percebemos que nós, enquanto educadores, não tratávamos com a devida relevância e/ou importância a necessidade de reduzir a intolerância em nosso ambiente de trabalho, principalmente, com os jovens envolvidos nas situações de conflito, os quais, estando em processo de formação, poderia haver um deterioramento de sua integridade psicossocial<sup>14</sup>.

Enquanto docente, participamos de reuniões de conselho de classe, no curso Técnico de Telecomunicações, percebíamos que nós docentes não incluíamos em nossas horas-aula dos componentes curriculares percepções que sensibilizassem o discente com relação ao respeito ao diferente. Nos projetos atuais do PPI (Projeto Pedagógico Institucional) e do PPC (Projeto Pedagógico do Curso), teoricamente, através de núcleos que foram criados, as preocupações estavam de acordo com as necessidades inerentes com relação ao assunto de Gênero e Diversidade. No decorrer dos Conselhos de Classe, no período como docente, no curso de Telecomunicações, percebemos uma despreparação e falta de interesse dos colegas em imbricar os conteúdos específicos dos componentes curriculares com a temática a qual me propus a debater, inserindo ações de cunho reflexivo para transversalizar quando houvesse uma necessidade de interceder em favor de um estudante supostamente discriminado.

Dentro do Regimento Geral do IF Sul-rio-grandense, existe imbricado o NUGED, conforme já mencionado anteriormente, que tem a seguinte concepção:

Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGED): responsável por desenvolver as ações de promoção dos direitos da mulher e da livre orientação sexual, lutando contra a discriminação de gênero e a homofobia nos Campus e Reitoria. (Art. 157, § 7, alínea b, p. 54)

---

<sup>14</sup> Segundo a teoria do desenvolvimento de Erikson (1987), existem oito estágios para o desenvolvimento humano, sendo o quinto estágio o da "identidade/confusão de identidade", onde se adquire a identidade psicossocial, passando a entender o seu papel no mundo.

A partir das reuniões no Conselho de Classe do respectivo curso, víamos que as práticas educativas que levem de fato à conscientização por parte dos alunos, quando debatidas e/ou discutidas através dos componentes curriculares ou práticas/projetos propostos pelos coordenadores de curso, supervisores pedagógicos e/ou orientadores educacionais, não tinham uma intervenção por falta de continuidade e finalização das discussões. Neste cenário, observamos que, efetivamente, as ações dentro dos cursos não refletem ações propositivas e conscientizadoras no trabalho docente, sem que haja uma coordenação adequada à qual recorrer.

Talvez, pela falta de conhecimentos ou, também, por valores arraigados referentes à temática abordada, e, posteriormente, com receio de que o resultado final da intervenção seja interpretado de maneira erroneamente, os educadores normalmente se mantêm neutros e até se opõem a respeito da abordagem de assuntos, abstendo-se do “problema” (que não deixará de existir), relacionados à orientação sexual.

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos (LOURO, 2007, p. 81).

Depreendeu-se disso que o ambiente escolar se constitui, num contexto propício, para se entender que a sexualidade, independente de ser um tema de inclusão nos regimentos escolares, faz parte do sujeito. Conforme Louro (2007, p. 80), por mais que os educadores e/ou gestores afirmem que “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, não temos nenhum problema nessa área”, ou então, “acreditamos que cabe a família tratar desses assuntos” nós devemos ter em mente a preocupação e o papel social inclusivo e ético de educadores.

Entre os principais objetivos, gostaríamos que, tanto os docentes quanto os discentes, tivessem, como base ao término deste projeto de intervenção, uma maior sensibilização e conscientização com a temática externalizada a respeito da livre orientação sexual.

## 5. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é realizar a transversalização, sensibilizando e informando temáticas que diminuam a rejeição às livres orientações sexuais. Reconhecendo a existência de diversas orientações sexuais entre os alunos, poderemos trabalhar, independentemente dos componentes curriculares, nos cursos técnicos da Instituição, esperando haver menos atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias dentro do IFSul – Pelotas.

### 5.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Temos de ter uma verticalização na mudança dos paradigmas educacionais, isto é, a partir dos docentes, promoveremos continuidade ao processo de mudança educacional.

- acompanhar as reuniões dos Conselhos de classe dos cursos técnicos que foram supervisionados para verificar a viabilidade destas intervenções;

- reconhecer e validar, na prática pedagógica, os documentos regimentais (PPI e PPCs) do IFSul e questionar se está havendo aplicabilidade na sala de aula, e identificar a concepção dos documentos na transversalidade da temática motivadora deste projeto;

- estimular, tanto docentes quanto os discentes, que multipliquem estas informações (ancoradas e apropriadas em cada componente curricular que estejam no debate da questão da orientação sexual), para que os objetivos sejam alcançados;

- monitorar o comportamento dos alunos com relação à aceitação da temática oferecida e ver, se estas intervenções, eliminam aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia.

E, por fim, não menos importante, no andamento das questões propositivas desta intervenção, fazer que toda a equipe inserida no projeto contextualize os resultados, pois será considerado um projeto de intervenção com êxito, quando:

executando aquilo que foi planejado como estratégia para alcançar o(s) objetivo(s) do projeto, estaremos alcançando aquilo que foi colocado como premissa ou justificativa na apresentação da situação geradora do projeto. (MOURA e BARBOSA, 2006, p. 53)



Conforme a citação, no decorrer do trabalho, não podemos nos perder dos objetivos a que nos propomos. Quando realizamos nossas ações, a partir de diagnósticos desejados ou não, tivemos que relatar, com a maior veracidade possível, os resultados que embasaram toda a pesquisa, positivo ou negativamente, fazendo com que a situação geradora venha ajudar na continuidade das ações realizadas para melhorar a convivência dentro da comunidade.

## 6. ARCABOUÇO TEÓRICO

A luta pela igualdade e direito à cidadania não é novidade, apenas se mudam os sujeitos. Uma dos grandes movimentos por igualdade que se conhece é o da abolição da escravatura, em 1888. No entanto, podemos constatar que tal processo de abolição ainda se mantém muito frágil e carente de reflexões. Os negros começaram, assim, sua luta por liberdade, que continua até hoje. Já no século XX, a luta das mulheres para se emanciparem é incansavelmente árdua, mas com grandes méritos de reconhecimento. Com certeza, a batalha contra o racismo e a misoginia têm muito que evoluir.

Desde a década de 60, com a emancipação da mulher, a luta por igualdade, relacionada aos tipos de orientação sexual, tornaram-se importantes. As lutas contra a intolerância sexual foram se fortalecendo com as chamadas “Paradas Gays”. A primeira registrada aconteceu em New York, EUA, em um bar chamado Stonewall. Um lugar que, na época, servia para encontros dos homossexuais da cidade. Devido aos frequentadores estarem cansados do abuso das autoridades locais, rebelaram-se e fizeram uma passeata em favor de seus direitos, no dia 28 de junho de 1969. Este movimento fez surgir grupos ativistas e ONG's<sup>15</sup> em defesa desta comunidade LGBT, fazendo com que, no ano seguinte, se organizassem para a primeira parada institucionalizada do gênero no mundo, tornando esta data como o dia internacional do “Orgulho Gay” (RIBEIRO, 2011).

No Brasil, ainda na década de 70, mais precisamente em 1978, o jornalista gaúcho que residia no Rio de Janeiro, João Antonio Mascarenhas, fundou o primeiro jornal direcionado ao público gay, o “Lampião da Esquina”, que, em plena ditadura militar, trouxe registros históricos de luta contra o preconceito, ficando em atividade até 1981 (MACRAE, 1990).

Inicialmente, esses movimentos eram convencionados como *Movimento Homossexual Brasileiro*, que, por muitos anos, foi adotado como legenda. Até que,

---

<sup>15</sup> ONG são as Organizações Não Governamentais criadas para defender os direitos humanos e do meio ambiente.

na década de 80, houve uma mudança para a sigla LGBT<sup>16</sup> (Lésbicas, gays, bissexuais e travestis).

O movimento se fortaleceu, no Brasil, com a 1ª Parada do Orgulho LGBT, ocorrida em São Paulo, no dia 28 de junho de 1997. O tema da parada era “Somos muitos, estamos em muitas profissões”. Na época, foram apenas 2.000 (dois mil) participantes. Com o crescimento do movimento em todo o país e no mundo, hoje, a parada de São Paulo se tornou a maior do mundo no gênero, alcançando, em 2014, mais de 3,5 milhões de pessoas. Recorde que ultrapassou a parada da cidade de São Francisco, Califórnia – considerada a capital gay do mundo.

Figura 05: Foto da primeira Parada Gay em 1970, New York - EUA



Fonte: blog “Assumidamente”

## 6.1. APROXIMAÇÕES COM A LEGISLAÇÃO VIGENTE

No Brasil, existem vários documentos que oferecem condições de intervenções na área da saúde e direitos humanos, mas não há nenhuma lei que regulamente o trabalho voltado à orientação sexual nas escolas dos três âmbitos de educação vigentes. Os documentos que se destacam são: a) Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998); b) Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90); c) Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2004); d)

<sup>16</sup>Ressaltamos que esse modo de designação, embora seja a forma predominante nos meios ativistas, eventualmente assume outras variantes, que invertem a ordem das letras (colocando o “T” à frente do “B” – LGTB); duplicando o “T” (para distinguir entre “travestis” e “transexuais”- LGBTT) ou acrescentando novas letras que remetem a outras identidades pleitadas (com “Q” de “queer” ou “I” de intersexual- LGBTTIQI) (SIMOES e FACCHINI, 2008).

Programa Brasil Sem Homofobia (BRASIL, 2004); e) Caderno Gênero e Diversidade Sexual na Escola (BRASIL, 2009); f) Programa de Saúde na Escola - PSE (BRASIL, 2008).

O caderno dos PCN's para o Ensino Fundamental na década de 90, que aborda a temática da educação sexual, é considerado o marco indicador da legitimação do debate no tema sexualidade na escola. Segundo Silva sugere (2011, p. 77), o assunto deve ser trabalhado de forma transversal, em todos os componentes curriculares, incluindo o tema da Orientação Sexual junto com outras temáticas importantes para a formação do adolescente. Esse documento ainda ocupa, no cenário atual, o papel de "norteador" das atividades desenvolvidas no âmbito escolar em muitas redes escolares no Brasil.

Segundo o PNE (Plano Nacional de Educação), através da Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, alínea III, do artigo nº 2, diz que tem que superar as desigualdades sociais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação. Também a alínea dez fortalece que temos de promover o princípio de respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. Quando se fala nesses direitos, referimo-nos a todas as formas de discriminação, estando incluídos os problemas relacionados com as etnias, religião, orientação sexual, racial e gênero. Dentro das 20 (vinte) metas apresentados pelo PNE, o objetivo geral da meta 3 diz que: “ tem a função de universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos e elevar, até a final de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrícula no ensino médio para 85%”.

Especificamente, o item 3.8 desta meta se refere à estratégia que precisa ser trabalhada por nós educadores e gestores de escolas em qualquer âmbito da educação, que venha a fortalecer o nosso objetivo desta intervenção:

Temos que estruturar e fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso e da permanência dos(as) jovens beneficiários(as) do programa de transferência de rendas, do ensino médio, quanto à frequência, ao aproveitamento escolar e a interação com o coletivo, bem como das situações de **discriminação, preconceitos** e violências, práticas irregulares de exploração do trabalho, consumo de drogas, gravidez precoce, em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à adolescência e juventude (BRASIL, MEC, PNE, 2000, grifos nossos).

Ainda é citado nesta meta, no item 3.13, que se deva “implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer forma de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão”.

Dentro do MEC (PPA 2012-2015)<sup>17</sup>, temos o “Plano Mais Brasil”, que, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), tem a função de implementar políticas públicas integradas aos programas e ações da Educação Superior, Profissional e Tecnológica e Básica, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades educacionais, atingindo os diferentes públicos e temáticas; e, entre eles, está a Educação de Inclusão de Gênero e Diversidade Sexual. Dentre as ações, projetos e programas da SECADI, podemos citar, como de fundamental importância, as voltadas para a formação de gestores e educadores, para permitir a promoção do pleno acesso à escolarização e a participação de todos os estudantes, com redução das desigualdades educacionais, com equidade e respeito às diferenças.

Não podemos deixar de citar um grande reforço para o segmento da inserção da educação inclusiva, a Declaração de Salamanca (1994)<sup>18</sup>, promovida pela UNESCO, considerada, mundialmente, um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1988) e a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990).

Um dos princípios fundamentais da escola inclusiva, assegurado pela Declaração de Salamanca, é que, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter, as crianças têm que ter uma educação de qualidade, atendendo, assim, as diversas necessidades por que venham a passar.

## 6.2. ALGUNS ESTUDOS RELACIONADOS À ORIENTAÇÃO SEXUAL

### 6.2.1. Direitos Humanos

Quando falamos em Direitos Humanos, concordamos que são inerentes ao ser humano, sendo assim, essenciais para todos. Esse debate é um assunto mais do que atual, porquanto as relações humanas, com suas complexidades de conceitos, vão mudando com o passar dos tempos, e, inquestionavelmente,

---

<sup>17</sup> Principais Ações e Programas de Responsabilidade do Ministério de Educação no PPA (Plano Plurianual de 2012-2015) (Fonte: Relatório de Gestão- Secretaria de Gestão- Secretaria Executiva/MEC- Exercício 2013).

<sup>18</sup> Declaração de Salamanca, na Espanha, ocorreu com a participação de 92 países e 25 ONG's, vindo consolidar a educação inclusiva (MENEZES, 2002).

precisam evoluir entre as instituições e, especialmente, entre as nações, protegendo as características próprias de cada localidade. O respeito deve haver entre pessoas, entre as diferentes formas de pensar e agir, caracterizando a construção mais ampla do conceito de dignidade da pessoa humana. Segundo Piovesan (2006, p. 18), “o conceito de direitos humanos é dotado de universalidade, pois possui extensão universal, basta possuir condição de pessoa para ser titular de direitos”.

Desde 1948, quando a Declaração dos Direitos Humanos foi institucionalizada em uma sociedade que se diz democrática, materializaram-se valores como igualdade e liberdade, necessitando, assim, de atitudes, costumes e práticas pessoais, coletivas e concretas. Claro que ainda não eram externalizadas todas as formas de discriminação hoje tão fortemente debatidas.

A Conferência Mundial de Viena de 1993 vem ressaltar a necessidade de estimular e orientar compromissos sociais e institucionais em favor da educação, da democracia e da justiça social. Apesar de ter havido alguns avanços em relação aos direitos humanos, principalmente nas citações que se referem aos indígenas, mulheres, crianças, referentes às migrações que ocorrem no mundo, às pessoas sujeitas à tortura e pessoas incapacitadas, percebemos que, em se tratando de orientação sexual, não foi sinalizado nenhum tipo de preocupação relevante.

Nas sessões que tratam da igualdade, dignidade e tolerância (sessão 19 até 24), apenas a sessão 22 se aproxima do que atualmente defendemos, mas ainda muito longe do ideal:

A Conferência Mundial sobre os Direitos do Homem apela a todos os governos para que tomem as medidas adequadas, em observância das obrigações internacionais e no respeito dos respectivos sistemas jurídicos, para fazer face à intolerância e à violência conexas baseadas em religião ou credo, incluindo práticas de discriminação contra mulheres e a profanação de locais religiosos, reconhecendo que cada indivíduo tem direito à liberdade de pensamento, consciência, expressão e religião. A Conferência convida, igualmente, todos os Estados a porem em prática as disposições contidas na Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação baseadas em religião ou credo (DIREITOS HUMANOS EM VIENA, 1993, Item B.1, sessão 22).

Fazendo uma comparação entre a Declaração Universal de 1948 e a Declaração de Viena de 1993, Piovesan (2004) diz que a última efetivou de forma universal os Direitos Humanos, e que:

A Declaração Universal de 1948, foi adotada por voto, com abstenções, num foro então composto por apenas 56 países, se levarmos em conta que a Declaração de Viena é consensual, envolvendo 171 Estados, a maioria dos quais eram colônias no final dos anos 40, entenderemos que foi em Viena, em 1993, que se logrou conferir caráter efetivamente universal àquele primeiro grande documento internacional definidor dos direitos humanos (PIOVESAN, 2004, p. 63).

A luta pelos direitos humanos continua; porém, para atingir sua plenitude, deveria ser incluído o debate sobre a orientação sexual. Posteriormente, alguns educadores e defensores da causa tentaram incluir na Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em Durban, África do Sul, em 2001, porém, não se obteve êxito.

O Vaticano e os países muçulmanos se uniram para barrar a inclusão dos homossexuais entre as vítimas da discriminação nos documentos finais da Conferência contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, que acaba amanhã em Durban (ESCOSSIA, 2001, p. 1).

Apesar da lentidão do processo, Zenaide (2008) diz que:

A inclusão dos direitos humanos na educação do Brasil vem progressivamente se consubstanciando no PNE, no PCN, a Lei 10.639/2003 que estabelecem diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade das temáticas “História e Cultura Afro-Brasileira, Plano de Política para as Mulheres e no Programa Brasil sem Homofobia (GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E EDUCAÇÃO, 2008, p. 15).

No Brasil, já é o terceiro PNDH (Programa Nacional dos Direitos Humanos) institucionalizado nas leis federais. A Lei nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009, amplia os direitos relevantes à diversidade. No art. 2, do PNDH-3, foram implementadas normatizações, de acordo com os eixos orientadores e suas respectivas diretrizes. Aqui, citaremos o eixo de orientação nº 3 e a diretriz nº 10, afirmando que temos de universalizar direitos em um contexto de desigualdades, existindo uma garantia à igualdade na diversidade. Relatando a seguinte ação programática no primeiro objetivo estratégico, afirma que, para construirmos uma sociedade igualitária, devemos:

Realizar campanhas e ações educativas para desconstrução de estereótipos relacionados com diferenças étnico-raciais, etárias, **de identidade e orientação sexual**, de pessoas com deficiência, ou segmentos profissionais socialmente discriminados (PNDH-3, 2009, grifos nossos).

No segmento a seguir, alvo de nosso interesse e análise, percebemos o fortalecimento nas ações programáticas do quinto objetivo estratégico:

- a) Desenvolver políticas afirmativas e de promoção de cultura de respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero, favorecendo a visibilidade e o reconhecimento social.
- b) Apoiar projeto de lei que disponha sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo.
- c) Promover ações voltadas à garantia do direito de adoção por casais homoafetivos.
- d) Reconhecer e incluir nos sistemas de informação do serviço público todas as configurações familiares constituídas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, com base na desconstrução da heteronormatividade.
- e) Desenvolver meios para garantir o uso do nome social de travestis e transexuais.
- f) Acrescentar campo para informações sobre a identidade de gênero dos pacientes nos prontuários do sistema de saúde.
- g) Fomentar a criação de redes de proteção dos Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, principalmente, a partir do apoio à implementação de Centros de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate à Homofobia e de núcleos de pesquisa e promoção da cidadania daquele segmento em Universidades Públicas.
- h) Realizar relatório periódico de acompanhamento das políticas contra discriminação à população LGBT, que contenha, entre outras, informações sobre inclusão no mercado de trabalho, assistência à saúde integral, número de violações registradas e apuradas, recorrências de violações, dados populacionais de renda e conjugais.

Considera-se, num primeiro instante, que há um interesse político em diminuir as hostilidades que se evidenciam nas atitudes da sociedade em que estamos inseridos. No decurso da argumentação precedente, fica concretizado que a homofobia está sendo combatida, pelo menos teoricamente. O que realmente nos falta é aplicar estas argumentações continuamente, até que a heteronormatividade, definida a seguir, seja desconstruída em favor de um bem comum, diminuindo, dessa forma, a discriminação.

Anteriormente ao PNDH-3, foi criado o programa Brasil Sem Homofobia, lançado em 2004. A partir de uma série de discussões entre o Governo Federal e a



sociedade civil organizada, com o objetivo de promover a cidadania e os direitos humanos do público LGBT, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e a discriminação, não podemos compartilhar que a sociedade brasileira seja justa, igualitária, democrática e tolerante. Só o será se priorizar o combate a todas as formas de preconceito e discriminação existentes em seu meio. Por isso, a importância de contribuir para a construção de uma cultura de paz, estimulando o respeito a todas as diferenças.

Neste sentido, o Programa Brasil Sem Homofobia representa um marco histórico e importante, pois se volta para as necessidades e reivindicações da população LGBT, propondo estratégias claras de combate à discriminação e ao preconceito em razão da orientação sexual e da identidade de gênero. Foi considerada uma das bases fundamentais para ampliação e fortalecimento do exercício da cidadania no Brasil. Nilmário Miranda, na época Secretário Especial dos Direitos Humanos, afirmava que:

Um dos objetivos centrais deste programa é a educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos. Buscamos a atitude positiva de sermos firmes e sinceros e não aceitarmos nenhum ato de discriminação e adotarmos um “não à violência” como bandeira de luta (BRASIL SEM HOMOFOBIA, 2004, p. 7).

### **6.2.2. Gênero**

Na metade do século XX, Simone de Beauvoir, escritora francesa, citava no seu livro “O segundo sexo” (1949), a famosa frase que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Através desta contextualização, ela tentava descartar qualquer determinação “natural” da conduta feminina e que o conceito de gênero é a construção social e cultural do sexo, independentemente do sexo biológico a que se apresenta (BRASIL, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009).

Conforme Scott (1995, p.75), “o termo gênero, também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas”, por exemplo, no fato de as mulheres nascerem para ser mães e os homens terem uma força muscular superior, mas gênero passa a indicar uma forma de “construção cultural”, independentemente do sexo adquirido.

Outra autora atuante nesta linha de pesquisa, Judith Butler é considerada uma das mais importantes estudiosas de gênero na contemporaneidade. Dentro dos seus debates, relata que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído. Defende que “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural do significado num sexo previamente dado” (BUTLER, 2003, p.25).

Em uma interlocução entre Butler e Beauvoir, partindo da emblemática afirmação citada pela segunda autora, “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Butler indica os limites dessas análises de gênero que, segundo ela, “pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis de gênero na cultura” (BUTLER, 2003, p. 28) e aponta para o fato de que “não há nada em sua explicação (de Beauvoir) que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2003, p. 28).

A história demonstra que a dicotomia entre o gênero masculino, feminino e a superioridade falocêntrica<sup>19</sup> é uma construção secular. Por exemplo, na narrativa bíblica, a mulher (neste caso Eva) seria feita desde a costela do homem (neste caso Adão) e só este, masculino, se faria a partir de Deus. Esta teoria católica, com uma visão unívoca, que só admite uma interpretação, vem fortalecendo todo este patriarcado.

A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista (BUTLER, 2003, p. 59).

Ainda de uma forma mais generalizada, mas não menos importante, os PCN's, formulados pelo MEC para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, no tópico que debate essa temática, descreve o conceito sobre gênero:

O conceito gênero diz respeito ao conjunto das representações sócias e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados

---

<sup>19</sup> Falocêntrica – Postura, convicção ou comportamento baseado na ideia de superioridade masculina, simbolizada no falo (FERREIRA, Mini Aurélio, 2001, p.312).

por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e dos valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero (BRASIL, PCN, 2000, p. 321).

Percebemos que o aprendizado de gênero não é apenas feito na família, é uma socialização feita nas escolas e em todas as instituições sociais das quais participamos. Instintivamente, começamos a formar a discriminação desde o início da formação de uma criança, fazendo distinção de cor nas roupas entre meninos e meninas, nos tipos de brinquedos e brincadeiras aplicadas nas crianças, nos gestos, palavreados, desde o momento que dizemos a um menino que “homem não chora”, criando, a partir daí, um bloqueio para a sensibilidade, como se fosse uma característica exclusivamente feminina.

Louro (1997, p.64) afirma que “temos de estar atentos/as, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui”. A escola, por essência, cria dicotomias entre meninos e meninas, gerando padrões de comportamento, através do discurso ou de jogos e brincadeiras. Guimarães (2008, p.43) diz que “a educação escolar pauta-se em etiquetar as crianças, obrigando a corresponder à imagem que lhes é imposta, atendendo ao que se espera delas”.

### **6.2.3. Normatividade na Diversidade da Orientação Sexual**

A diversidade, problema para unificação do estado nacional, emerge, agora, como fator de construção de propostas contra-hegemônicas<sup>20</sup>. Com a crise do modelo capitalista, vimos não só reivindicações dos sujeitos com relação à diversidade étnica, mas também linguística ou religiosa. Entram novos atores sociais que reivindicam especificidades para sua condição de “deslocados” pela violência, geradas pela exclusão e discriminações, como, por exemplo, que se referem às identidades sexuais e de gênero não convencionais.

---

<sup>20</sup> Falar em hegemonia e contra hegemonia é pensar no antagonismo entre as classes sociais que, a partir de sua posição dominante ou subalterna no interior da sociedade e do estado de classes, exercem, sofrem e disputam permanentemente o poder (DANTAS, 2008, p. 9)

A masculinidade hegemônica se constitui como um modelo ideal, que inviabiliza outras formas variadas de masculinidade, tentando incutir que apenas o gênero masculino tem essas características. Fortalecendo esta teoria, da autoafirmação masculina, Sabino (2000) afirma que, para “processo de aprovação”...

(...) demonstrações de força, destemor e virilidade que constroem a honra de um homem perante a sociedade ou grupo em que vive. A falta de um desses itens obviamente coloca em risco a honra masculina, construída em contraposição a determinadas características femininas que um “homem de verdade” jamais deve dar indícios de ter (SABINO, 2000, p.92)

A inadequação dos valores estabelecidos por um grupo social ou cultura tendem a gerar uma série de comportamentos prejudiciais no desenvolvimento e relacionamento entre indivíduos: o preconceito, a discriminação e a intolerância. Dizemos que estes comportamentos, quando são encontrados na sociedade, refletem-se em situações de violência e de exclusão social<sup>21</sup>.

Quando falamos na diversidade das orientações sexuais, estamos incluindo as diferentes pessoas que destoam de um padrão considerado “normal” por uma grande massa populacional, ou nossos grupos de representações sociais, seja por uma atitude, estilo de vida ou maneira de se vestir. Chegamos a ouvir que os grupos discriminados “favorecem” a discriminação, principalmente quando se fala na diversidade relacionada à orientação sexual. Nesse cenário, entendemos que todos nós somos singulares e, conseqüentemente, normal ou normais. Assim, os com maior proximidade e/ou aderência de comportamentos, pensamentos e ideologias se relacionam em grupos dentro da sociedade, porém não podem ser considerados diferentes e, muito menos, discriminados.

#### **6.2.4. Linhas de Homonormatividade e Heteronormatividade que perpassam a Homossexualidade**

Se é que podemos conceitualizar, pois sabemos que a homossexualidade não é um modismo, nem tampouco uma patologia, uma opção que se escolhe na frente do espelho, que teve um início e que, um dia, teria um fim.

---

<sup>21</sup> [www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/diversidade](http://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/diversidade)

Foucault (1998) diz que, no fim do século XIX, os termos homossexualidade e homossexual apareceram no discurso médico como formas patologizantes ao se referir a experiências afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Assim como temos que considerar a heteronormatividade, conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1991) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual na sociedade em que vivemos, esperamos que a “homonormatividade” venha fazer parte de nosso cotidiano. Uma das dúvidas mais frequentes entre os jovens é entenderem o que é homossexualidade.

A homossexualidade é a atração afetiva e sexual por uma pessoa do mesmo sexo. Da mesma forma que a heterossexualidade (atração por uma pessoa do sexo oposto) não tem explicação, a homossexualidade também não tem. Depende da orientação sexual de cada pessoa. Por esse motivo, a Classificação Internacional de Doenças (CID) não inclui a homossexualidade como doença desde 1993. (BRASIL SEM HOMOFOBIA, 2004, p. 29).

Segundo Brandão (2002, p. 15), o termo “homossexual” foi utilizado pela primeira vez em 1869, pelo médico húngaro Karoly Benkert, que enviou uma carta ao Ministério da Justiça da Alemanha, em defesa dos homossexuais que estavam sendo perseguidos por questões políticas. Vemos que essa perseguição não pertence aos tempos contemporâneos, independentemente da cultura e motivos, sempre existiu. Já Dias (2000) complementa que homossexualidade...

Exprime tanto a idéia de semelhante, igual, análogo, ou seja, homólogo ou semelhante ao sexo que a pessoa almeja ter, como também significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo. (DIAS, 2000, p. 31)

Até a década de 70, a homossexualidade era vista como uma doença, tanto que era tratada como “homossexualismo”, cujo sufixo “ismo” remete à doença. Em 1975, foi inserido na Classificação Internacional das Doenças – CID, como sendo um transtorno sexual. Em 1985, a Organização Mundial de Saúde – OMS – publicou Circular informando que o “homossexualismo” deixava de ser uma doença, passando a ser considerado um desajustamento comportamental. Mas, em 1995, que o “homossexualismo” deixou de ser considerado um distúrbio psicossocial e,

consequentemente, deixou de constar no CID, sendo substituído o sufixo “ismo” pelo sufixo “dade”, que passou a significar “modo de ser”<sup>22</sup>.

A heteronormatividade foi a concepção aceita e valorizada, como padrão da escola brasileira, historicamente falando. Edificado como modelo, o componente teria as seguintes características: masculino, branco e heterossexual. Por isso, conforme observa Louro, no espaço da educação:

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na seqüência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO, 2004, p. 27).

Conforme alguns autores, a definição de homonormatividade se contrapõe à conceitualização dada ao termo heteronormatividade, visto por muitos, também, como uma forma errônea de se definir homossexualidade, isto é, muitos acham que seguir a homonormatividade também discrimina.

Nas concepções homonormativistas, afirma-se que deveria haver um padrão para o comportamento gay. Entramos no questionamento de que será que deve existir um padrão homonormativo assim como um padrão heteronormativo? Acreditamos que isso pode se tornar mais um discurso opressor e devemos ter muito cuidado para não internalizar as consideradas normas de uma sociedade “ideal”. Quando começamos a nos preocupar com valores que são ditos e tratados como se fossem regras universais: isso pode, aquilo não, a tua forma de vestir é inadequada, etc, são criados grupos sociais, se tornando nichos que predeterminam comportamentos, dizendo quais podem ou não ser externalizados, se enquadrando em estereótipos de comportamento, modo de vestir e outros estigmas agentes de exclusão.

Afinal, essas diferenças determinam a marginalização de grupos que fogem a padrões de normatividade, se opondo à luta pela aceitação da diversidade que defendemos.

Em suma, a homonormatividade pode ser concebida como um sistema de normas adaptadas a não-heterossexuais e como parte integrante da

---

<sup>22</sup> Fonte: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1645/1568>

heteronormatividade, já que ela “não desafia as instituições e os valores heterossexistas mas, em vez disso, legitima, sustém e procura a inclusão (no seio dessas instituições e desses valores)” (DUGGAN, 2003, p. 50).

Diante do anseio de construirmos uma sociedade e um ambiente escolar mais justo, somos cômicos de que a escola não seria capaz de combater o preconceito homossexual sozinha, pois as dicotomias sexuais são ainda mais difíceis de serem contextualizadas na sala de aula.

Ainda se vive, na concepção escolar, que o padrão de socialização é produzido pela heteronormatividade; isto é, reforçar a identificação da sexualidade conforme o gênero, segundo alguns educadores, ainda é a maneira mais correta. Este cenário causa uma dicotomia e discriminação com as pessoas de orientação sexual fora do padrão, consideradas “normais” por grupos dentro da sociedade.

Segundo Ribeiro (2002), no início da década de 60, estudos sobre o comportamento sexual começou a ser discutido, principalmente em escolas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Com o golpe militar de 1964, foi abortado dos currículos escolares, voltando fortemente, no final da década de 90, segundo Ribeiro (2002).

No final da década de 90, com a inclusão da orientação sexual como tema transversal curricular sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para se trabalhar nas escolas de ensino fundamental e médio, o Ministério da Educação resgata a importância e a necessidade da escola tratar de assuntos ligados à sexualidade e ao comportamento sexual (RIBEIRO, 2002, p. 14).

É reconhecido que a escola não pode combater sozinha os preconceitos, uma vez que os alunos já trazem do convívio familiar informações por demais distorcidas em relação a credências, dúvidas e preconceitos, normalmente vinculadas a suas formações religiosas, éticas ou culturais, lhes dando uma visão negativa em relação ao sexo. Mas, na visão dos PCN's, a escola é, portanto, o espaço ideal para falar de sexo:

Devido ao tempo de permanência dos jovens nas escolas e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, constituindo local privilegiado. (BRASIL, 2000, p. 114).

Os PCN's propõem uma transversalidade da temática que trata da sexualidade em todos os componentes curriculares, não constituindo um componente curricular específico, fazendo o aluno se questionar, por exemplo,

acerca das diferentes orientações de seus colegas, independente de gênero. Para isso, o educador tem que estar preparado para discutir estes assuntos: “deve ter o discernimento para não transmitir valores, crenças e opiniões como sendo princípio ou verdades absolutas” (BRASIL, 2000, p. 123).

O orientador sexual deve, antes de mais nada, acreditar em sua proposta, na necessidade de se levar para a sala de aula o debate sobre sexo e sexualidade. Desta forma, deve ser uma pessoa coerente com sua proposta, que não tente passar modelos e, sim, analisar com os alunos as diferentes situações e visões que existem sobre o tema. Ser verdadeiro sem se achar portador da verdade absoluta. Deve ter conhecimento sobre o assunto sem ser onipotente e ter sensibilidade para perceber as necessidades dos alunos e procurar elaborar um programa que vá ao encontro dessas necessidades e das expectativas dos alunos (RIBEIRO, 1990, p. 20).

Com todas estas constatações, vimos que temos formas de trabalhar e melhorar as relações interpessoais dentro das instituições. Convictamente temos que combater qualquer ideologia religiosa, política ou educacional que faz pessoas acreditarem que seres humanos diferentes estão em desigualdade de condições para evoluir, tanto profissionalmente quanto como seres humanos.

Apesar de os PCN's defenderem a transversalidade das temáticas que minimizem as intolerâncias com relação às diferentes orientações sexuais, se não colocarmos em prática, tudo isso passa a ser uma pseudoeducação, não chegando a lugar nenhum.



## 7. CAMINHO METODOLÓGICO PARA O DIAGNÓSTICO

Quando começamos a pesquisar o que defenderíamos na formação do meu trabalho, pensamos como seria a fundamentação, para que não se tornasse um trabalho empírico. Para se reconstruir com precisão o movimento das idéias a respeito deste tema, haveríamos de estabelecer íntima conexão com grandes acontecimentos relacionados com mudanças de paradigmas no decorrer das décadas referentes ao tema. Esperamos ter superado esse desafio.

A aplicação dos instrumentos foi realizada em duas etapas para chegar ao diagnóstico final. Na **primeira etapa**, um questionário fechado foi realizado com os alunos dos cursos escolhidos. Na **segunda etapa**, houve a aplicação de um questionário aberto às psicólogas e à Coordenadora da COAE do IFSul – RS Pelotas.

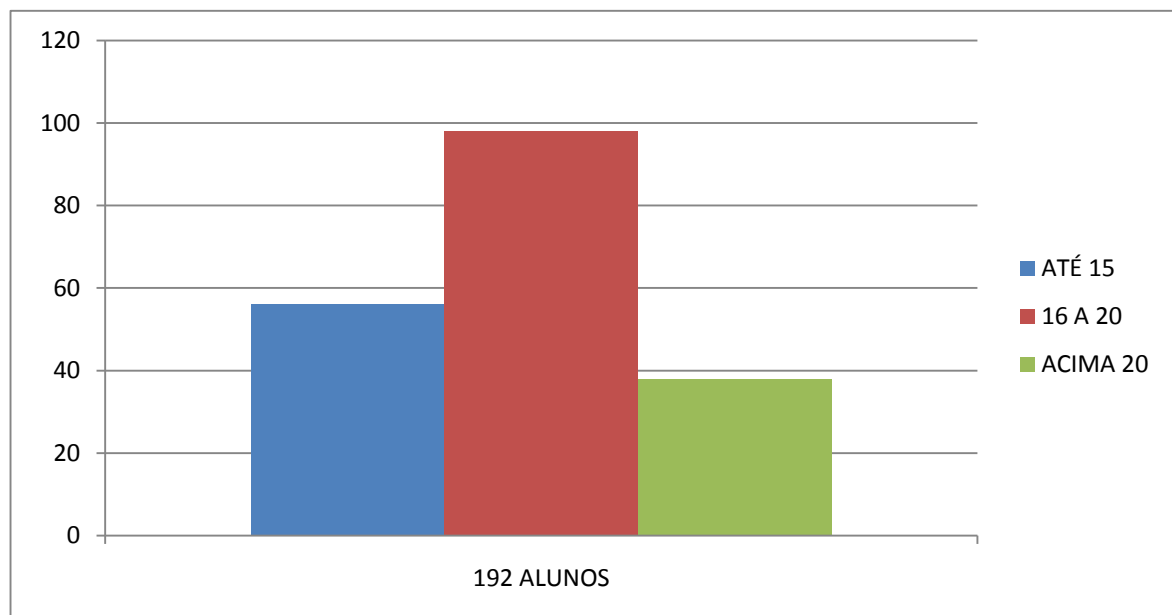
Nossa principal preocupação seria como trabalhar com jovens, estudantes de uma escola tecnicista, que não interferisse na individualidade de suas opiniões, mas que pudessemos ajudá-los a conviver com a diferença e com as orientações sexuais diversas. Em um primeiro instante, resolvemos trabalhar questionários, com perguntas fechadas e abertas, aos quais poderiam, anonimamente, responder sem constrangimento.

Conforme Marconi e Lakatos (2010, p.186), o questionário, com perguntas fechadas, tem a função de ver se, ao ser aplicado, atinjam a três importantes elementos: fidedignidade, validade e operatividade. Já com a COAE, houve a aplicação de um questionário aberto, pois precisava de informações mais específicas sobre como se posicionavam as profissionais que trabalham com a orientação, quando surgia algum problema relacionado com o preconceito relativo às orientações sexuais dos alunos e dos colegas do Instituto.

Na primeira etapa, inicialmente, foi feita a pesquisa em 04 (quatro) dos 10 (dez) cursos técnicos do campus IFSul – Pelotas. Os cursos selecionados foram Sistema de Telecomunicações, Eletrotécnica, Química e Eletrônica. Para se fazer a coleta de dados, foi pedida uma autorização ao Diretor de Ensino e, conseqüentemente, aos coordenadores dos cursos escolhidos (Apêndice B). Tendo

um total de 192 questionários respondidos nos respectivos cursos, fizemos a seguinte análise: participaram da pesquisa alunos da faixa etária dos 15 a mais de 20 anos, nos três turnos. Conforme veremos no gráfico a seguir, não separamos por cursos, e, sim, por faixa etária: até os 15 anos, foram 56 alunos questionados (29,16%); dos 16 anos até 20 anos, 98 alunos, totalizando o maior percentual (51,04%); o terceiro grupo, acima de 20 anos, responderam 38 alunos, sendo o menor grupo por faixa etária (19,80%). Foi importante não fazer por cursos, para não haver um comparativo de um curso ser mais discriminatório que outro.

Gráfico nº 1 - Número de alunos questionados nos quatro cursos, por faixa etária



Fonte: Dados primários do pesquisador

Paralelo ao trabalho de intervenção, houve um interesse em ser implantado nesta Instituição, através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), um núcleo que se preocupasse em tornar mais fácil a convivência com as diferenças. O NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade). Entre os 14 (catorze) campi, apenas um tinha este núcleo, o campus de Charqueadas. Conforme a chefe do Departamento de Ações Inclusivas, o núcleo tem o objetivo de se instalar em 30% dos campi. Como estava iniciando um trabalho de pesquisa nesta temática, concluímos que seria muito pertinente me envolver com a implantação deste núcleo no IFSul – Pelotas. Primeiramente, procurei à coordenadora e lhe deixei a par do meu trabalho, havendo um grande interesse da mesma. Em sequência desta conversa, procuramos a COAE do campus e expomos o interesse em desenvolver este trabalho. As psicólogas desta coordenadoria se propuseram a colaborar com a implantação deste núcleo.

A equipe diretiva não poderia ser formada apenas por servidores da Instituição, pois é necessário, para sua composição, voluntários, pessoas e instituições da comunidade que se envolvam neste trabalho. Além do Grêmio Estudantil da Instituição, foram convidados representantes da Associação da LGBT de Pelotas e da Comissão da Diversidade Sexual e combate à diversidade com base na orientação sexual e identidade de gênero, ligados à OAB de Pelotas, conforme o pedido de Portaria feito à Instituição (Apêndice C) .

A primeira reunião para formação da equipe diretiva foi realizada em 11 de março de 2015; estiveram presentes, conforme a lista de presença em anexo (Anexo IV), servidores, estudantes e representantes da comunidade. Esta primeira reunião teve o objetivo de se avaliar a necessidade deste núcleo dentro da Instituição, conforme a Ata 001/2015 (Anexo V).

#### 7.1. PRIMEIRA ETAPA DO DIAGNÓSTICO

Após as reuniões, foi definida a primeira etapa do diagnóstico: um questionário com 16 (dezesesseis) perguntas fechadas e uma questão com pergunta aberta (Apêndice D), aplicado aos alunos do primeiro módulo. Foram questionados 192 (cento noventa e dois) alunos, distribuídos nos 4 (quatro) cursos técnicos citados. Esta fase diagnóstica foi realizada no período de 06 de abril até 17 de abril de 2015, nos três turnos.

Normalmente, enquanto aplicávamos os questionários, o qual era respondido, em média, em 20 minutos, os alunos não questionavam nenhuma das perguntas e, em quase todas as turmas, o professor se afastava da sala de aula; acreditamos que era para deixar os alunos à vontade, caso quisessem perguntar algo sobre o instrumento aplicado. Apenas um aluno nos perguntou se os resultados da pesquisa seriam repassados a eles, respondemos que sim, que iriam ter retorno posteriormente. Percebíamos, principalmente entre os mais jovens, que, conforme iam respondendo os instrumentos, alguns faziam em voz baixa, comentário com o colega do lado, riam discretamente, mas isso não era motivo para interferirmos.

Foram escolhidos alunos ingressantes, pois assim conseguimos acompanhar suas mudanças de comportamento e evolução cognitiva com relação à temática que estamos intervindo, para que, no segmento do trabalho, possamos analisar uma melhora ou não na socialização entre os sujeitos.

As matrizes analíticas a seguir mostram como as perguntas foram distribuídas na elaboração do questionário aplicado aos alunos e gestores da COAE.

**Tabela 2** - Matriz Analítica do Instrumento aplicado no diagnóstico 1/Alunos

<b>Blocos</b>	<b>Questões</b>	<b>Foco Proposto</b>	<b>Pergunta aberta/fechada</b>	<b>Aplicação/Intervenção</b>
Bloco 1	Q1 a Q5	Assuntos Gerais	Fechada	Características/alunos
Bloco 2	Q6 a Q11; Q14 a Q16	Diversidade	Fechada	Intervenção
Bloco 2	Q17	Opinião Livre	Aberta	Intervenção
Bloco 3	Q12 E Q13	Gênero	Fechada	NUGED

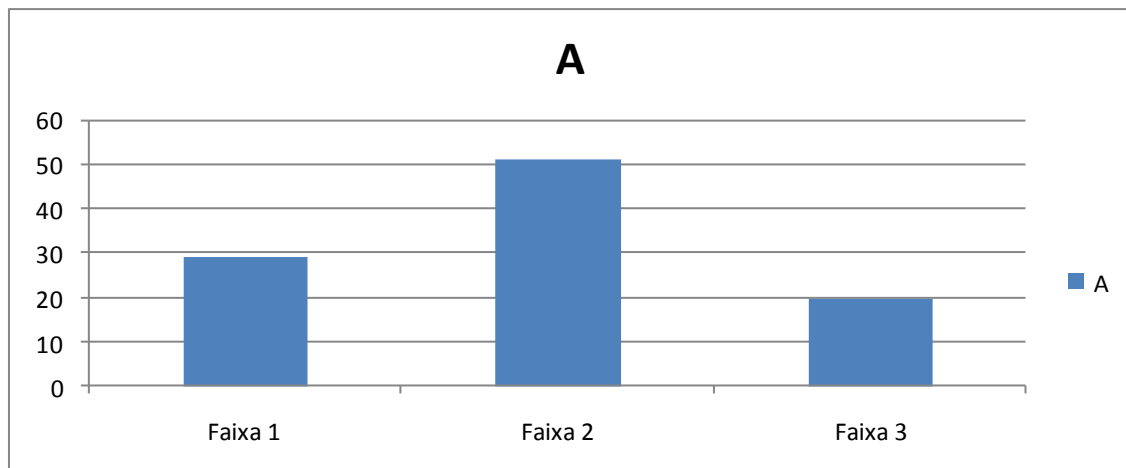
Fonte: Instrumento elaborado pelo pesquisador

#### BLOCO 1

<p><b>1. Sua idade    A. Até 15 anos ( )    B. De 16 até 20 anos ( )    C. Acima de 20 anos ( )</b></p>
---

Na questão nº 1, relatava a idade dos alunos: 29,16% (Faixa 1) tinham idade até 15 (quinze) anos; 51,04% (Faixa 2) estavam na faixa etária de 16 (dezesesseis) a 20 (vinte) anos e 19,8% (Faixa 3) tinham idade acima de 20 (vinte) anos.

Gráfico 2 – Questão nº 1- Idade dos alunos

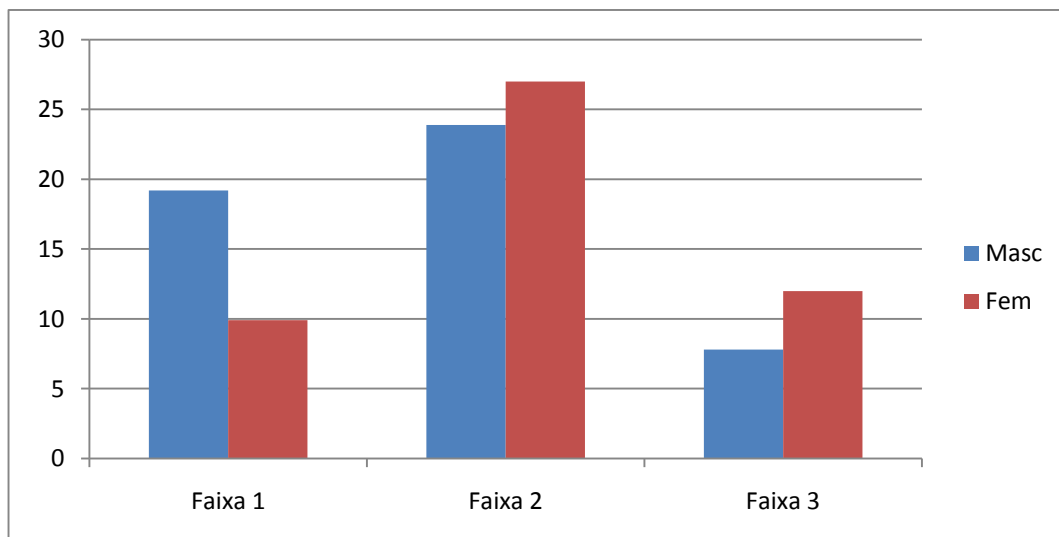


Fonte: Dados primários do pesquisador

**2. Sexo: A. Masculino ( ) B. Feminino ( )**

A questão nº 2 foi perguntado aos alunos o seu sexo. No total pesquisado de 192 alunos, 50,9% é do sexo masculino (faixa 1=19,2%; faixa 2= 23,9% e faixa 3= 7,8%) e 49,1% do sexo feminino (faixa 1= 9,9%, faixa 2=27,2% e faixa 3=12%).

Gráfico 3 - Questão nº 2- Sexo dos alunos

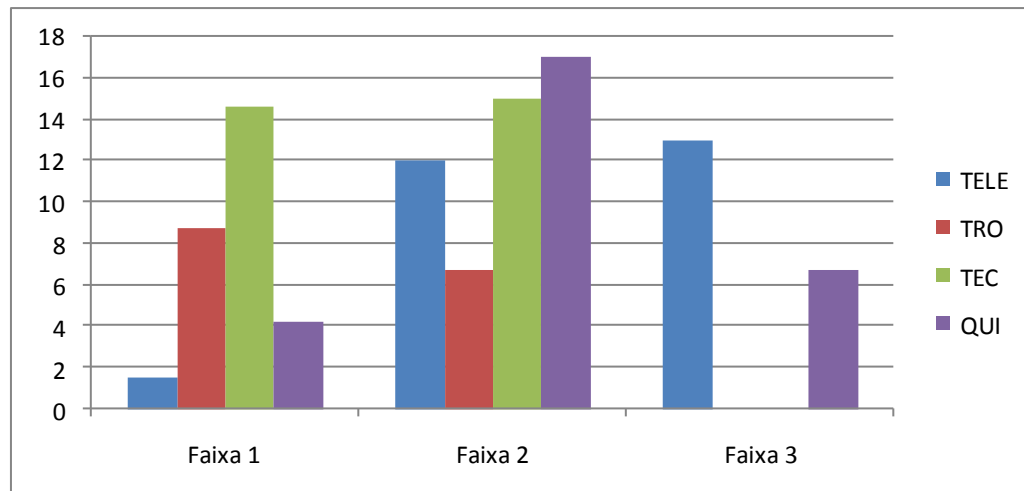


Fonte: Dados primários do pesquisador

**3. Curso Técnico: A. Telecomunicações ( ) B. Eletrônica ( ) C. Eletrotécnica ( ) D. Química ( )**

Na questão nº 3, foi indagado a qual dos cursos o aluno pertencia. Da soma das três faixas etárias, resultou 26,5% em Telecomunicações; 14,8% em Eletrônica; 27,9% no curso de Química; 29,7% em Eletrotécnica e 0,9% não identificaram o curso a que pertenciam.

Gráfico 4 – Questão nº 3- Curso ao qual pertence

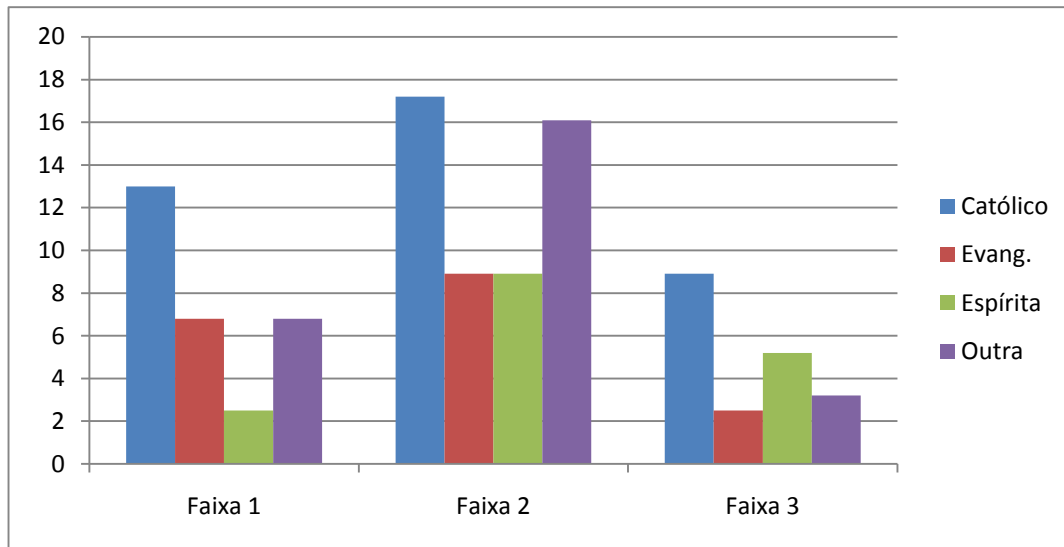


Fonte: Dados primários do pesquisador

**4. Religião: A. Católica ( ) B. Evangélica ( ) C. Espírita ( ) D. Outra ( )**

Na questão nº 4, foi perguntado se eles tinham religião. A católica predominou nas três faixas etárias. A católica ficou com 39,1% (faixa 1=13%, faixa 2= 17,2% e faixa 3= 8,9%). A evangélica teve 18,2% (faixa 1= 6,8%, faixa 2=8,9% e faixa 3=2,5%). A religião espírita teve 16,6% (faixa 1= 2,5%, faixa 2=8,9% e faixa 3=5,2%). Na alternativa D, era sobre outra religião ou nenhuma, teve 26,1% de respostas (faixa 1=6,8%, faixa 2=16,1% e faixa 3=3,2%)

Gráfico 5 - Questão n° 4- Qual sua religião

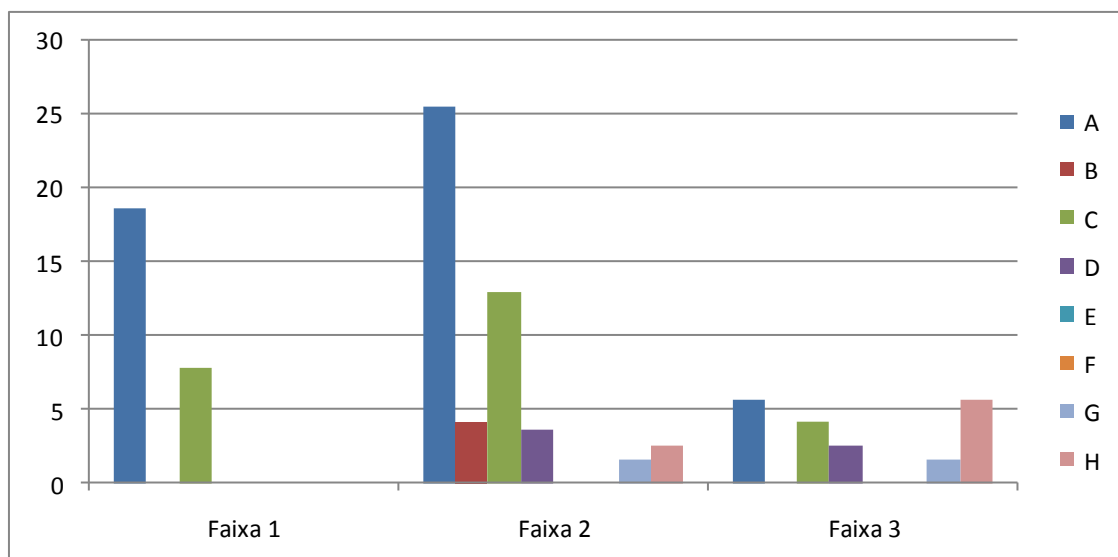


Fonte: Dados primários do pesquisador

**5. Estrutura Familiar onde mora: A. Pai e Mãe ( ) B. Somente c/ pai ( ) C. Somente c/ a mãe ( ) D. Com outros parentes (avós, tios ( ) E. Com dois pais ( ) F. Com duas mães ( ) G. Com amigos ( ) H. Sozinho ( )**

A questão n° 5 questionava sobre a sua estrutura familiar. A estrutura que mais predominou foi a composta por pai e mãe, um total de 49,9% (faixa 1= 18,7%, faixa 2= 25,5% e faixa 3= 5,7%). A segunda opção foi os que moram somente com a mãe, tendo 25% (faixa 1= 7,8%, faixa 2= 13% e faixa 3= 4,2%).

Gráfico 6 – Questão n° 5- Qual sua estrutura familiar



Fonte: Dados primários do pesquisador

### Análise das Questões de 1 a 5 – Bloco 1

Estas primeiras questões têm o objetivo de sabermos como são formados os sujeitos que se submeteriam à análise. Vimos que o maior número de alunos questionados tinha entre 16 e 20 anos, ainda predomina a religião católica e quase 50%, formada por uma família intitulada “tradicional” (pai e mãe). O percentual de discentes do gênero masculino e feminino está praticamente igual, sinalizando um menor preconceito com relação aos cursos tecnicistas.

### BLOCO 2

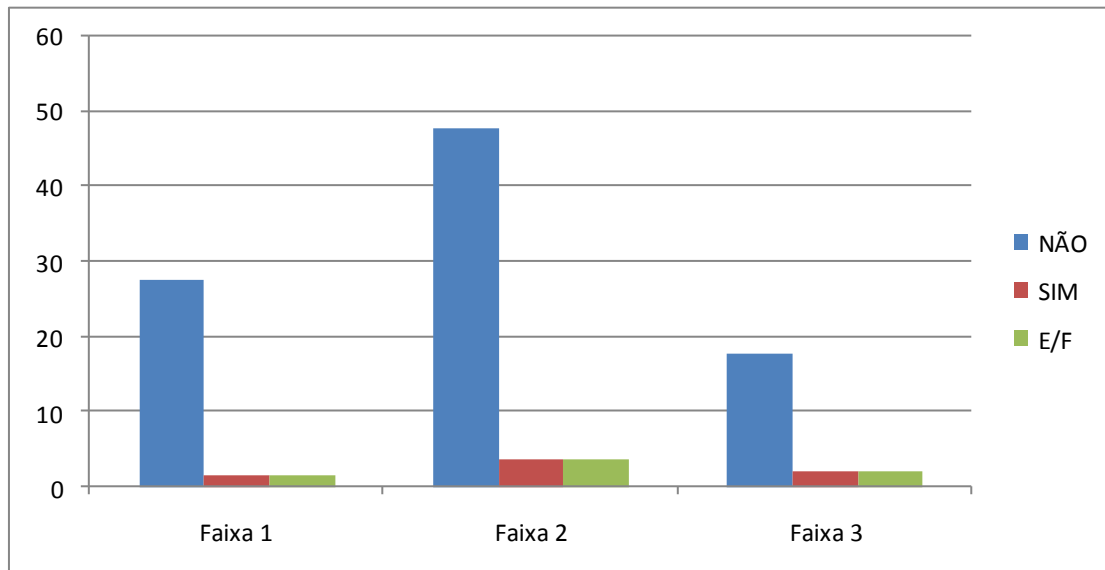
**6. Tens algo contra a alguma das formas de estrutura familiar citada acima?**  
**SIM ( ) NÃO ( )** Quais? **A. Pai e Mãe ( ) B. Somente c/ pai ( ) C. Somente c/ a mãe ( ) D. Com outros parentes (avós, tios ( ) \*E. Com dois pais ( ) \*F. Com duas mães ( ) G. Com amigos ( ) H. Sozinho ( )**

A questão nº 6 perguntava aos alunos se eles tinham algo contra a alguma forma de estrutura familiar citada acima. Um total de 92,4% (faixa 1=27,6%, faixa 2=47,4% e faixa 3= 17,4%), na soma das três faixas etárias, responderam que não tinham nada contra qualquer união familiar aqui citada. Em segunda opção, os que disseram SIM foi 100% relacionado às alternativas E e F (com dois pais ou com duas mães, respectivamente): com total de 7,1% (faixa 1= 1,5%, faixa 2= 3,6% e faixa 3= 2%).



Gráfico 7 – Questão n° 6 – Se tinha algo contra as famílias citadas na pergunta anterior.

\*E e F se refere aos casais da Q. n°5: casal formado com dois pais ou duas mães.

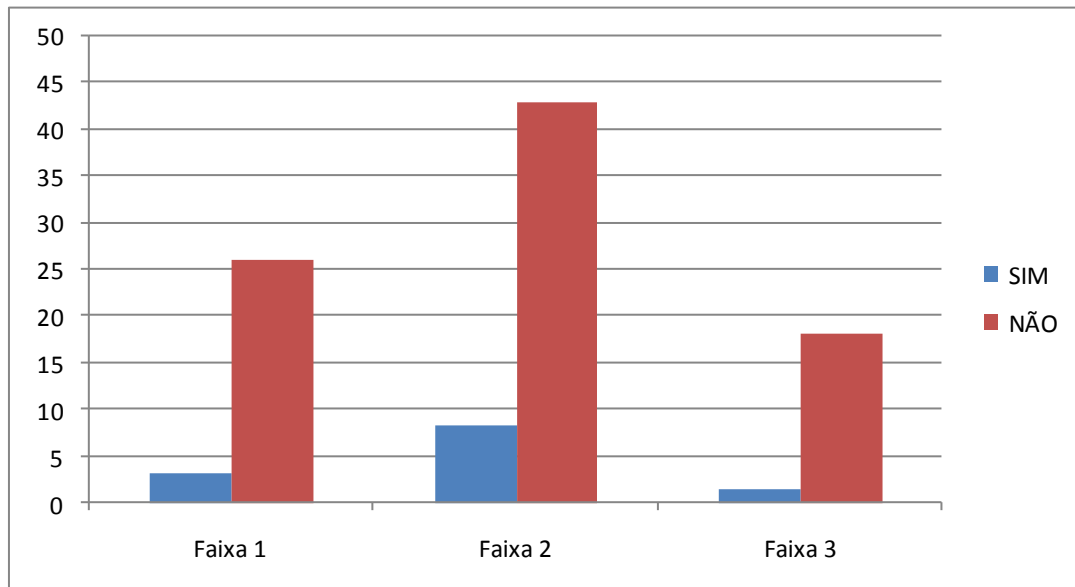


Fonte: Dados primários do pesquisador

**7. Caso tenhas alguns amigos com a orientação sexual que não seja a heterossexual (pessoas que se relacionam com pessoas do sexo oposto), e, sim, homossexual (pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo), teus pais se opõem à tua amizade com eles? A. SIM ( ) B. NÃO ( )**

Na questão n° 7, foi perguntado a eles se tivesse algum amigo que fosse homossexual, seus pais se oporiam a esta amizade? 87,7% (faixa 1= 26%, faixa 2= 42,9 e faixa 3= 18,2%) disseram que não têm problema. Responderam SIM, seus pais se oporiam à amizade, somou um total de 12,9% (faixa 1= 3,1%, faixa 2= 8,3% e faixa 3= 1,5%).

Gráfico 8 – Questão nº 7-Se tivesse amigos homossexuais, seus pais se oporiam?

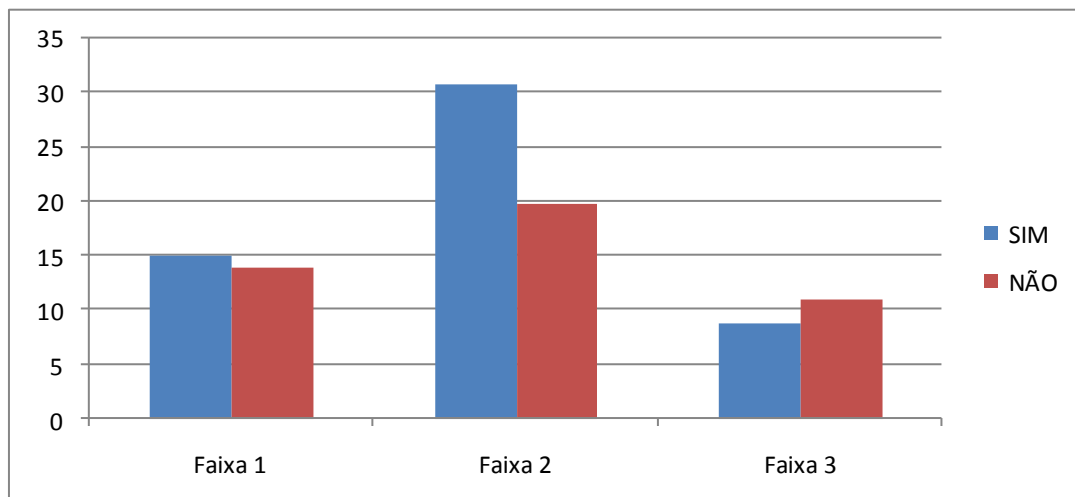


Fonte: Dados primários do pesquisador

**8. E tu tens amigos homossexuais dentro da comunidade escolar?**  
**A. SIM ( ) B. NÃO ( )**

A questão nº 8 perguntava se eles tinham amigos homossexuais dentro da escola. 54,7% (faixa 1=15,1%, faixa 2= 30,8% e faixa 3=8,8%) disseram que tinham amigos homossexuais dentro do ambiente escolar. Um total de 44,8% (faixa 1= 14%, faixa 2= 19,8% e faixa 3= 11%) responderam que não tinham amigos homossexuais dentro da escola.

Gráfico 9 – Questão nº 8- Tem amigos homossexuais dentro da escola?

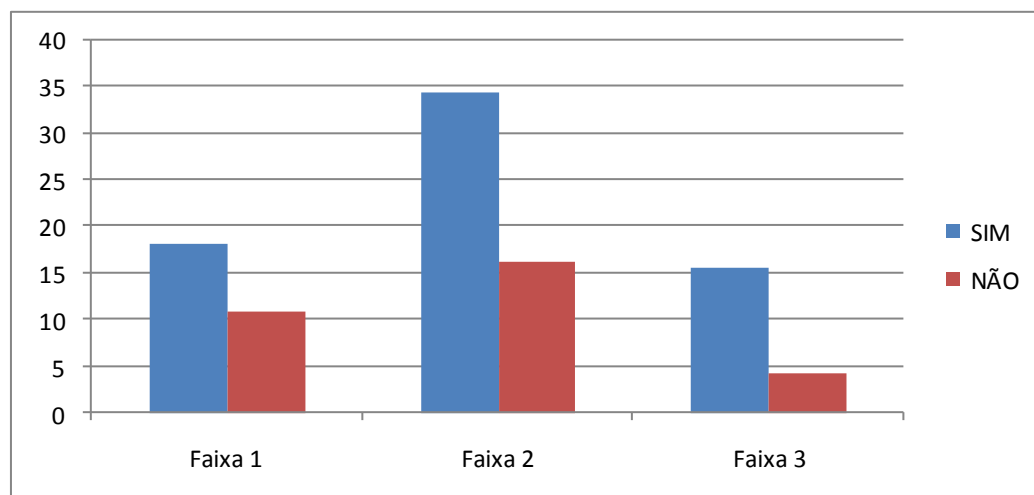


Fonte: Dados primários do pesquisador

**9. E tu tens amigos homossexuais na comunidade onde vives ?**  
**A. SIM ( ) B. NÃO ( )**

A questão nº 9 perguntou se eles teriam amigos homossexuais na comunidade onde vivem. 68,2% (faixa 1= 18,2%, faixa 2= 34,4% e faixa 3= 15,6%) disseram que SIM, tem amigos homossexuais e 31,3% (faixa 1= 10,9%, faixa 2= 16,2% e faixa 3= 4,2%) não tinham amigos gays na comunidade onde vivem.

Gráfico 10- Questão nº 9- Tem amigos homossexuais na comunidade?

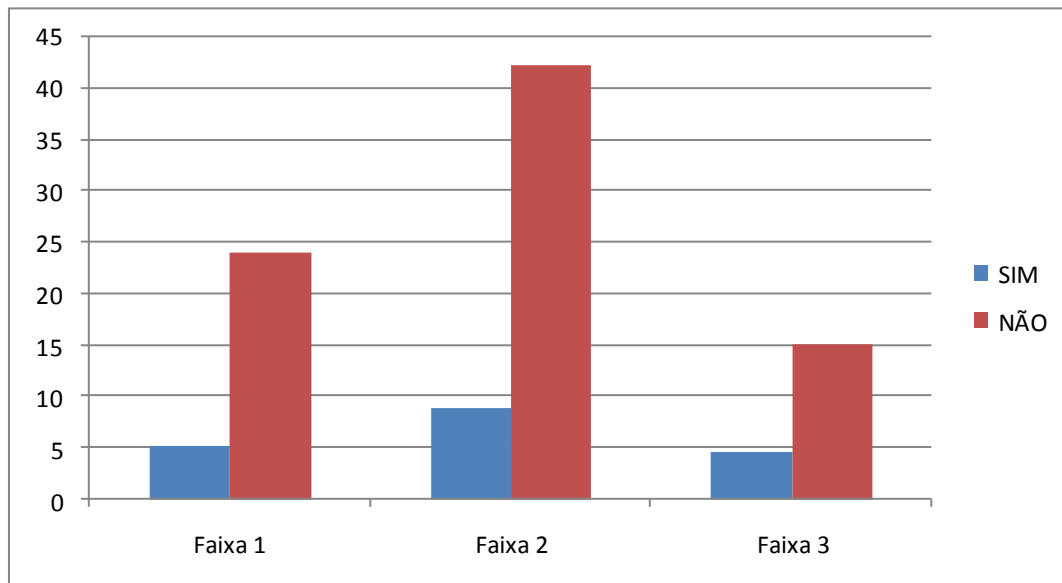


Fonte: Dados primários do pesquisador

**10. Te incomoda ao ver duas pessoas do mesmo sexo de mãos dadas ou trocando carinhos homoafetivos? A. SIM( ) B. NÃO ( )**

A questão nº 10 questionou se eles se incomodavam em ver duas pessoas do mesmo sexo de mãos dadas ou trocando carinhos homoafetivos. Do total de 192 alunos, 48,4% (faixa 1= 5,2%, faixa 2= 31,2% e faixa 3= 12%) disseram que se incomodam com este comportamento e, 37,8% (faixa 1= 11%, faixa 2= 19,8% e faixa 3= 7%) não se incomodam com este comportamento.

Gráfico 11 – Questão nº 10- Se incomodam em ver um casal do mesmo sexo de mãos dadas?

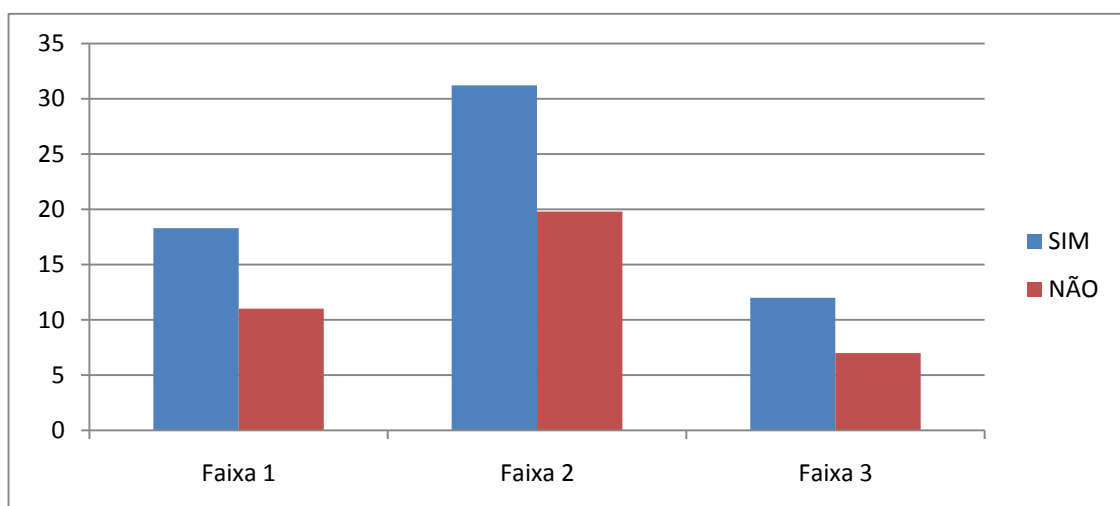


Fonte: Dados primários do pesquisador

**11. Na tua casa, a família conversa sobre assuntos que esclareçam o que é homossexualidade? A. SIM ( ) B. NÃO( )**

Na questão nº 11, foi perguntado se a família conversa sobre assuntos que esclareçam o que é homossexualidade. 61,5% (faixa 1= 18,3%, faixa 2=31,2% e faixa 3= 2%) disseram que conversam sobre o assunto em casa. E 37,8% (faixa 1= 11%, faixa 2= 19,8% e faixa 3= 7%) não conversam em casa.

Gráfico 12 – Questão nº 11 –Conversa com a família sobre esclarecimentos relativos à homossexualidade?



Fonte: Dados primários do pesquisador

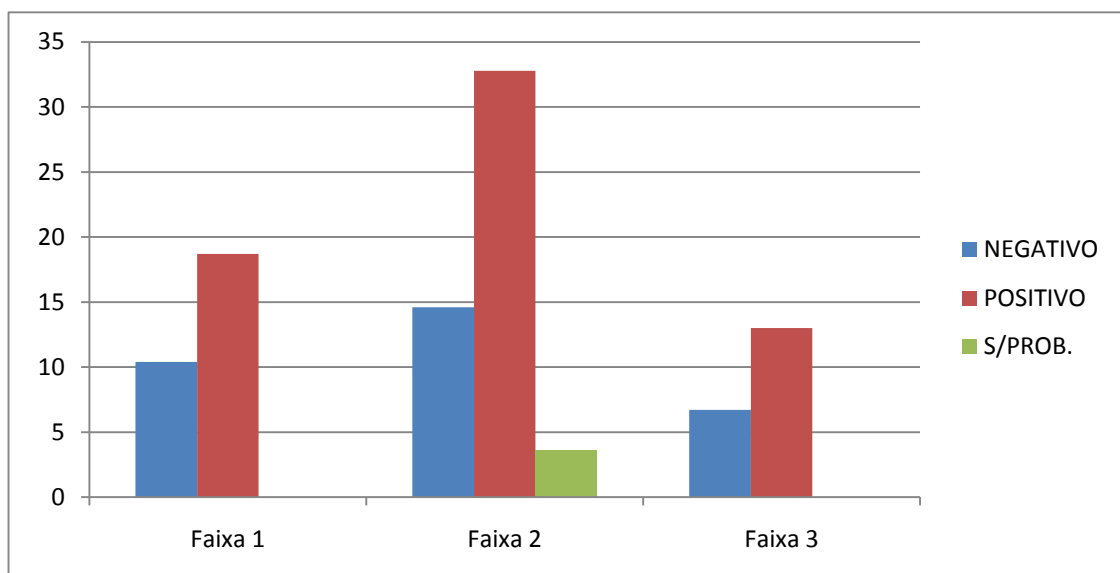
### Análise das Questões de 6 até 11- Bloco 2

Apesar de a maioria afirmar que não tem nada contra a estrutura familiar considerada fora do padrão “normal”, um percentual de 92,4% têm amigos homossexuais dentro e fora da escola e, apesar de serem esclarecidos por familiares, observamos que, na questão 10, quase 50% ainda se incomodam em ver carinhos homoafetivos. Concluimos que, por questões culturais, religiosas e, também, por uma forte representatividade da chamada “família tradicional”, composta por pai e mãe, ainda está influenciando muito na aceitação das diferentes relações aqui representadas. A partir daí, fizemos vários debates com alunos e servidores da Instituição.

**14. De que forma acredita que as novelas influenciam para um aumento no comportamento homoafetivo? A. Negativamente ( ) B. Positivamente ( )**

Na questão nº 14, questionei aos alunos se acreditavam que as novelas influenciavam Negativa ou Positivamente para um aumento no comportamento homoafetivo. De 192 alunos, 64,5% (faixa 1= 18,7%, faixa 2= 32,8% e faixa 3= 13%) disseram que ocorre uma influência positiva. Enquanto 31,7% (faixa 1= 10,4%, faixa 2= 4,6% e faixa 3= 6,7%) acham que influenciam negativamente. E 3,8% não opinaram sobre o assunto.

Gráfico 13 – Questão nº 14 – As novelas influenciam negativa ou positivamente para um aumento no comportamento homoafetivo?

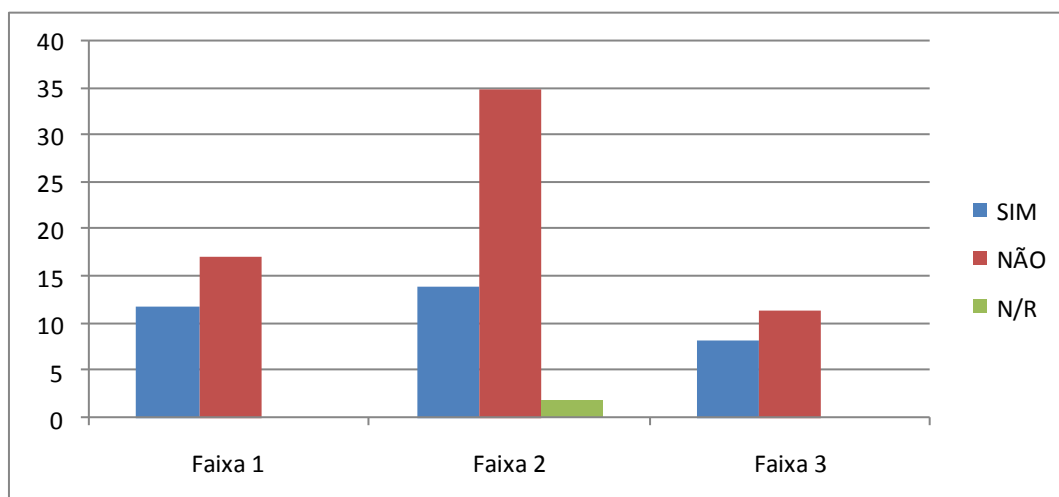


Fonte: Dados primários do pesquisador

**15. Achas que “ser homossexual” é uma questão de opção? Isto é uma escolha que pode ser mudada a qualquer momento? A. SIM ( ) B. NÃO ( )**

Na questão nº 15, perguntamos aos alunos se acham que “ser homossexual” é uma questão de opção, isto é, uma escolha que pode mudar a qualquer momento. 63,5% (faixa 1= 17,2%, faixa 2= 34,9% e faixa 3= 11,4%) assinalaram que NÃO é uma questão de opção. Enquanto 34,2% (faixa 1= 11,9%, faixa 2= 14% e faixa 3= 8,3%) acham que é uma questão de opção, isto é, podem mudar de opinião a qualquer momento.

Gráfico 14 – Questão nº 15- Ser homossexual é uma questão de “opção”?

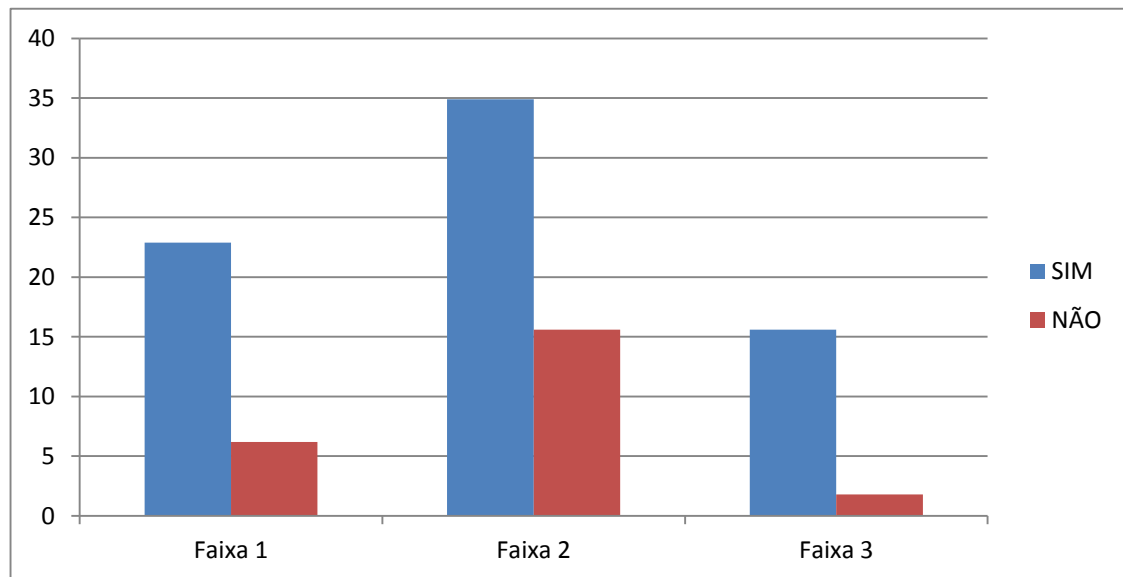


Fonte: Dados primários do pesquisador

**16. Tu achas importante, dentro da tua escola, ter esclarecimentos sobre todas as formas de orientações sexuais? A. SIM ( ) B. NÃO ( )**

Na última questão de múltipla escolha, perguntei se achavam importante, dentro da escola, ter esclarecimentos sobre todas as formas de orientação sexual. Um total de 73,4% (faixa 1= 22,9%, faixa 2= 34,9% e faixa 3= 15,6%) disseram que SIM, é muito importante o debate desta temática dentro da escola. Enquanto 25,9% (faixa 1= 6,2%, faixa 2= 15,6% e faixa 3= 4,1%) declaram que não é necessário este tipo de assunto dentro da escola.

Gráfico 15 – Questão nº 16- Achrom importante, dentro da escola, terem esclarecimentos sobre todas as formas de Orientação Sexual?



Fonte: Dados primários do pesquisador

### Análise das questões 14 a 16 – Bloco 2

Conforme as respostas, vimos que a mídia tem grande influência no comportamento dos jovens, tanto positiva quanto negativamente. Ainda há uma grande percentagem de jovens (34,2%) que acredita que “ser” homossexual é uma questão de opção. Na questão número 16, que veio dar suporte à minha intervenção, 73,4% acharam que a escola tem de dar esclarecimentos sobre as orientações sexuais existentes, pois o que lhes faltam é informação sobre a temática.

**17. Se quiseres, dê sua opinião sobre a temática acima: \_\_\_\_\_**

A questão nº 17, para fechamento do questionário, solicitei uma opinião sobre a temática avaliada.

Dos 192 questionados, responderam um total de 43(22,4%) alunos: (faixa 1= 10%, faixa 2=23% e faixa 3= 10%). Cito algumas das respostas que mais se destacaram em cada faixa etária:

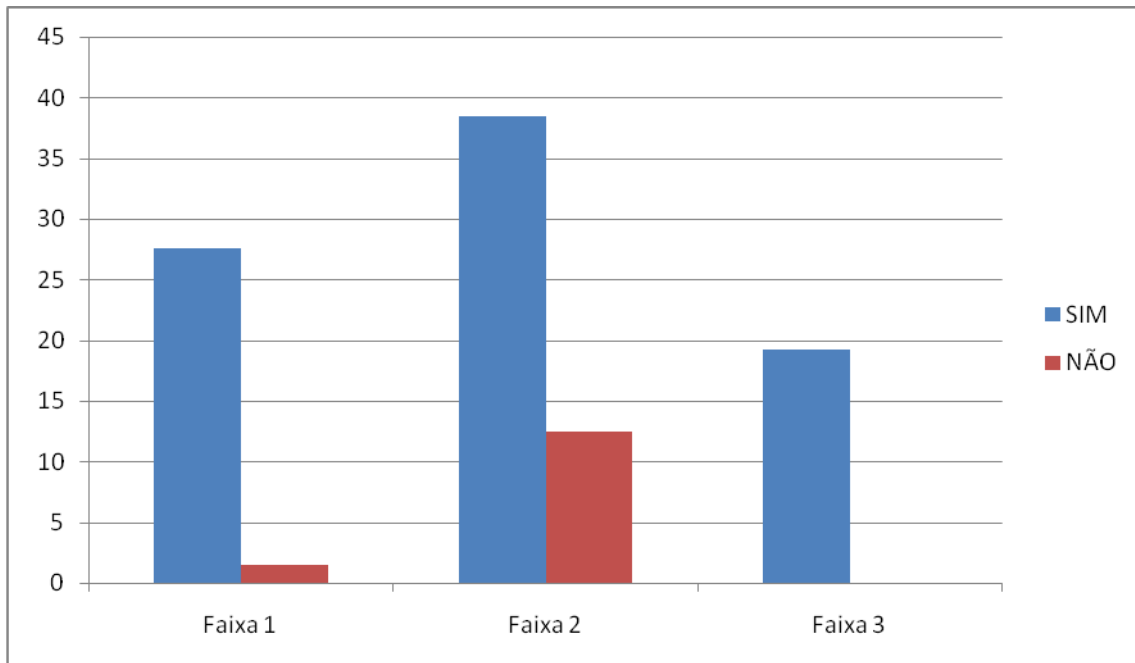
- a) Faixa até 15 anos – Nesta faixa etária, 10 (dez) alunos manifestaram suas declarações. O aluno “b” disse que “não tinha nada contra os homossexuais, mas não poderia ser devido a sua religião”. Outro aluno comentou que uma pessoa pode mudar sua “opção” sexual quando ela quiser. Disse que “um dia ela pode estar atraída por uma pessoa do mesmo sexo”. Um terceiro falou que não concorda com a homossexualidade, mas respeita.
- b) Faixa dos 16 a 20 anos – Esta faixa etária, por ter o maior número de alunos questionados, 23 (vinte e três) responderam. O aluno “c” acha que “ser gay é uma doença, já nasce assim, acha que é uma falha genética”. A aluna “d” diz que “ não sou contra o homossexualismo, mas, de acordo com os princípios bíblicos, entendo que isso seja pecado, porém devemos amar o pecador e não o pecado. A aluna “e” diz: “não tenho nenhum tipo de preconceito, mas acho que a publicidade e as novelas estão cada vez mais incentivando este comportamento”. A aluna “f” diz: “ Deus fez o homem e a mulher para viver juntos, deixar a casa de seus pais. Isto é o certo! O resto é moda”. Os outros alunos que opinaram disseram que acham muito interessante ter esclarecimentos dentro da escola que os ajudem nas dúvidas com relação aos tipos de orientação.
- c) Faixa acima de 20 anos – Responderam 10 (dez) alunos. As respostas que são contra a todas as formas de orientação são as que estão embasadas em ideologias religiosas. O aluno “x” diz que: “ Deus abomina a relação de pessoas do mesmo sexo, pois ele fez o homem e a mulher para ser uma só carne”. O aluno “y” diz; “ Por ser pai de família e por ter filhos adolescentes, acho que a homossexualidade está sendo explorada de uma maneira negativa, o oposto com o que ensinei aos filhos e que pregam dentro da religião evangélica”. Já o aluno “z” acha que: “Principalmente os adolescentes são sim influenciados pela mídia e o modismo”. Os outros que responderam, apoiaram qualquer tipo de intervenção que possa melhorar a convivência entre as diferenças.

### BLOCO 3

**12. Achas que as pessoas do gênero feminino podem fazer qualquer curso dentro do IFSul - Pelotas? SIM ( ) NÃO ( )**



Gráfico 16 - Questão nº 12- As meninas podem fazer qualquer curso dentro do IFSul?

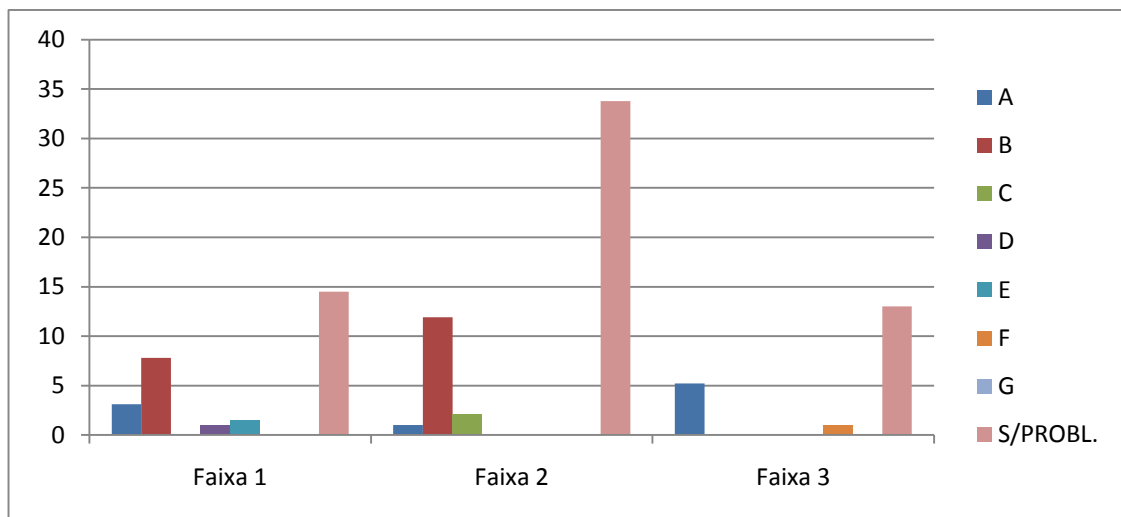


Fonte: Dados primários do pesquisador

**13. Tem algum curso técnico que tu aches que NÃO se identifica com meninas? A. Eletrônica ( ) B. Mecânica ( ) C. Telecomunicações ( ) D. Química ( ) E. Eletromecânica ( ) F. Edificações ( ) G. Eletrotécnica ( ) H. Designer em Comunicação Visual ( ) I. Designer de Interiores ( ) J. Restauro de Edificações(EJA) ( )**

Na questão nº 13, ainda falando sobre gênero, perguntamos qual(is) o(s) curso(s) que não se identifica com meninas. Dos 10 (dez) cursos, o mais citado foi o curso de Mecânica (B), com 24,9% (faixa 1= 7,8%, faixa 2= 11,9% e faixa 3= 5,2%). Outros cursos citados são irrelevantes para a pesquisa.

Gráfico 17 – Questão nº 13 -Quais os cursos que não se identificam com as meninas?



Fonte: Dados primários do pesquisador

### Análise das questões 12 e 13- Bloco 2

Vimos que, no assunto que se refere a gênero, os jovens estão mais flexíveis com relação às meninas fazerem qualquer curso técnico dentro da Instituição, com exceção o curso de Mecânica, visto como um curso essencialmente masculino.

### Análise Geral do Primeiro Diagnóstico

Vimos, nesta primeira fase do diagnóstico, que as principais reprovações com relação às orientações sexuais consideradas fora do chamado “padrão de normalidade” tinham muita influência relacionada às faixas etárias e às questões religiosas. Tivemos de ter muito cuidado quando fomos abordar as turmas para formação e informação das relações diversas que existem em nossa sociedade.

## 7.2. SEGUNDA ETAPA DO DIAGNÓSTICO

**Tabela 3** - Matriz Analítica do Instrumento aplicado no diagnóstico 2/gestores da COAE

<b>Blocos</b>	<b>Questões</b>	<b>Tipo de Perguntas</b>	<b>Característica Principal</b>
Bloco 1	Q2 e Q3	Aberta	Vivência profissional no IFsul
Bloco 2	Q1; Q4 e Q5	Aberta	Opinião referente ao tema

O questionário aberto (Apêndice E) aplicado a duas psicólogas e a Coordenadora. Um questionário aberto que teve como objetivo revelar como as servidoras interagiam com os problemas relacionados à orientação sexual, vivenciados por alunos ou servidores em geral, quando se apresentavam na instituição. Iremos nos referir às três servidoras com nome fictício, por uma questão de ética. Iremos chamá-las de Alfa, Beta e Gama.

### BLOCO 1

**Q. 2- Como psicóloga ou Coordenadora do COAE (Coordenadoria de Assistência Educacional), já te envolvereste em situações que tivesse de intervir quando a problemática fosse intolerância às diferenças sexuais entre alunos? Sem citar nomes, podes relatar?**

A segunda questão foi se elas já haviam se envolvido em alguma situação as quais tivessem de intervir em um problema de intolerância sexual dentro da escola. Das três profissionais, a única que fez este tipo de intervenção foi a Gama, dizendo que já atendeu alunos homossexuais. Nenhuma das servidoras questionadas tinha

se envolvido com problemáticas ocorridas no âmbito escolar, tão somente com problemas relacionados à família do aluno.

**Q. 3- Já houve relato de caso em que o docente discriminasse um aluno ou outro servidor por sua orientação sexual? Podes relatar?**

Na terceira questão, indaguei se já tinham vivenciado um docente discriminando um aluno ou outro servidor por sua orientação sexual. Sem entrar em detalhes, Gama foi a única que comentou já ter ouvido histórias relacionadas à discriminação entre professores, não detalhando qual foi o resultado da problemática.

## BLOCO 2

**Q. 1- Achas que a escola tem o dever de combater qualquer tipo de preconceito que ocorra com os alunos ou servidores? Por quê?**

A primeira questão era se achavam que a escola tinha o dever de combater qualquer tipo de preconceito que ocorresse com os alunos ou servidores. Alfa disse que “a Instituição não pode se furtar do papel de educadora da igualdade com projetos que tratem da diversidade em seus currículos, identificando e antecipando questões entre os alunos”. Já Beta disse: “A escola tem a obrigação de educar para a vida e para a convivência em sociedade, pois a vida, o mundo é diverso. Conviver e respeitar com o que é diferente de si é um dos maiores desafios do ser humano e, esta tarefa depende da educação”. Gama falou que “a escola deve ser um espaço onde as diferenças devem ser respeitadas”.

**Q. 4- Achas importante ter uma pesquisa que mostre, quando houver, a realidade da Instituição relacionada à intolerância sexual?**

A quarta questão era para saber se achava importante ter uma pesquisa que mostrasse, quando houvesse, a realidade da Instituição com relação à intolerância

sexual. Beta considera importante um trabalho no sentido de desenvolver o respeito e a tolerância às diferenças. Gama acrescentou dizendo que “todas as pesquisas que ajudem a aprofundar o conhecimento relacionado à realidade institucional são válidas”.

**Q. 5- Como devem ser feitas as intervenções para sensibilizar, melhorar a convivência entre as diferenças?**

Na quinta e na última questão, foi solicitada uma opinião de como deveriam ser feitas as intervenções para melhorar a convivência entre as diferenças. Alfa acredita que " se trabalharmos com projetos da diversidade em seus currículos, identificando e antecipando questões entre alunos". Beta comentou que "poderia ser através do diálogo aberto, palestras, filmes, grupos de apoio, etc". Para finalizar, Gama disse que:

(...) Independente das ações que forem feitas, as intervenções devem ter um olhar multidisciplinar. A realidade do campus Pelotas hoje infelizmente não é essa. Geralmente as demandas são empurradas a um profissional “milagroso” e esperado que as problemáticas sumam. A complexidade do ambiente escolar exige uma equipe que trabalhe junta (...)

Análise Geral do Segundo Diagnóstico

Neste segundo momento do diagnóstico, vimos que os gestores questionados se sentiam sem suporte para lidar com alguns problemas que apareciam. Diziam que era muito importante ter um núcleo que os ajudassem na construção de ações, e estas ações viessem ao encontro dos objetivos a que se propunham: ajudar a todos que se sentissem discriminados.

## 8. PLANO DE AÇÃO

Tudo começou com a escolha sobre que área seria abrangida por meu trabalho de mestrado. Houve uma intenção de alguns colegas da instituição de que se fizesse um núcleo com o objetivo de ajudar na formação do jovem, a torná-lo, não somente um profissional competente, mas um jovem que se integrasse na diversidade humana que nos é apresentada no decorrer de nossas vidas. Como já descrevemos em outro momento, vários núcleos dão suporte à educação extraclasse. Escolhemos o que poderia auxiliar na formação e humanização dos jovens oriundos de classes sociais e culturais diferentes. Também percebemos que precisávamos trabalhar com toda a comunidade que fazia parte da educação nesta instituição.

Com a ajuda da leitura de *A Roda e o Registro* de Cecília Warschauer, fizemos nossas reuniões baseadas na afirmação da autora, ao dizer que “o diálogo e a prática interdisciplinar caminham de mãos dadas como caminham de mãos dadas professores e alunos” (WARSCHAUER, 2002, capa).

Dando continuidade ao nosso trabalho, vimos que as rodas de conversa foram muito produtivas. Ouvindo experiências de pessoas que frequentaram as reuniões, pudemos concretizar ações aqui referendadas. Conforme Warschauer, as rodas têm grande valoração pelas características de:

...reunir indivíduos com histórias de vidas diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascido desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações (WARSCHAUER, 2002, pág. 46).

Estas rodas de conversa foram muito importantes para tomarmos algumas decisões. Ajudaram a definir que tipos de questionamentos seriam importantes e relevantes para focar em nossas futuras ações. Debates os diagnósticos levantados anteriormente: um questionário aos discentes, e outro ao grupo que trabalha diretamente com eles, gestores da COAE.

Nas ações de retorno e debate com a comunidade, trabalhamos, também, com a técnica de observação definida por Marconi e Lakatos (2010). Enquanto ocorriam as mini palestras e conversas, as observações se tornaram importantes na análise final.

A observação ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 174).

Os meios utilizados foram por meio da observação não estruturada ou também conhecida como observação passiva, a partir da qual nós fazíamos um papel de espectador, isto é, não interferindo em suas opiniões. A nossa interferência era apenas no relato de informações diagnosticadas, tornando-se, assim, um relato de uma forma espontânea e informal. Não tinha uma necessidade de um controle previamente elaborado. Em todas as ações, realizamos uma observação não participativa e de forma individual.

Conforme a análise das duas etapas do diagnóstico, começamos a trabalhar e organizar ações paralelas que podiam sensibilizar e esclarecer dúvidas sobre orientação sexual.

A tabela a seguir mostra as ações de plano de ação que foram implementadas no período denominado.

**Tabela 4** - Matriz Analítica das Ações Interventivas realizadas no período de Maio/2015 até Julho/2016

Ação	Indicadores	Ações/Propostas	Objetivos
Ação 1 até Mai/2015	Necessidade de formação de uma equipe diretiva composta por discentes, servidores e comunidade em geral.	-Roda de Conversa para formação da equipe diretiva, na implantação do NUGED;  -Realização de um "Coffe Break" com toda a comunidade.	Maior empoderamento de outras ações que foram realizadas a partir da formação do Núcleo.
Ação 2 Out/2015	Colocar a par a equipe sobre o resultado dos questionários aplicados no diagnóstico.	Roda de Formação com a equipe do NUGED.	Apresentação das principais questões do diagnóstico para ações futuras.
Ação 3 Nov/2015	Necessidade de fortalecer a equipe.	Roda de Formação com a equipe da	Divulgação e ampliação de ações do NUGED;

		COAE.	Aproximação com os profissionais da COAE.
Ação 4 Dez/2015	Necessidade de divulgação do NUGED.	Exposição no Hall da Instituição.	Ação expositiva para visibilidade do NUGED.
Ação 5 Jun/2016	Devolutiva, através do NUGED, aos Conselhos de Classe dos cursos inicialmente diagnosticados.	Retorno aos Conselhos de Classe dos cursos questionados: TELE, TRO, QUI e TEC  (técnica de observação)	-Esclarecimento aos cursos, através do NUGED, sobre as temáticas abordadas;  -Apresentação e disponibilidade do NUGED para atender demandas sobre a temática.
Ação 6 Jul/2016	Fortalecimento perante os alunos, referente ao debate posto no NUGED sobre a orientação sexual.	Campanha “Papo Cabeça” com os alunos dos cursos questionados  (técnica de observação).	-Esclarecimento aos cursos, através do NUGED, sobre as temáticas abordadas;  -Apresentação e disponibilidade do NUGED para atender demandas sobre a temática.

Todas as ações aqui descritas foram consideradas de grande relevância, porquanto acreditamos que as intervenções realizadas deram um empoderamento a todo o trabalho realizado.

Claro que, para um professor transversalizar temáticas que falem de sexualidade, teria primeiro que se despir dos preconceitos que ele mesmo possui. Como já dissemos, teria que ser preparado para este debate. Tem que ter claro em sua forma de pensar que transversalidade pede uma postura pedagógica diferente:

Os temas transversais referem-se às preocupações emergentes em nossa época e objetivam a formação integral do ser humano, não rejeitando as disciplinas curriculares. Essa forma de trabalho implica, entretanto, uma mudança de postura de educadores e educadoras que buscam compreender a realidade escolar não como algo fragmentado, mas tendo como eixos a autonomia da vida diária, a educação da afetividade, as formas de convivência e a cooperação, a ajuda e os direitos e deveres mais elementares. O compromisso, portanto, dos temas transversais é com a construção da cidadania, o que implica praticar princípios éticos – respeito, solidariedade, responsabilidade, uso construtivo da cidadania, liberdade e autonomia – e princípios políticos – direitos e deveres da vida cidadã. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 47).



A partir da análise do questionamento acima, procuramos trabalhar exatamente com isto: ética e respeito, fazendo com que todos os envolvidos ajudem na formação dos cidadãos dentro e fora da comunidade escolar.

A própria sociedade na qual vivemos tem demonstrado um desejo em entender as diferentes facetas de gêneros. Claro que este interesse representa uma gota no oceano. Nada se consegue se os meios de comunicação não ajudarem a divulgar. Por exemplo, a Revista Nova Escola tem divulgado conteúdos que discutam sexo, sexualidade e gênero. Na edição nº 279, de fevereiro de 2015, houve uma reportagem sobre uma criança de 05 anos, chamado Romeo Clarke, discriminado porque gostava de se vestir com roupas de gênero feminino.

Segundo Soares (2015, p. 25), “Quando eclode o machismo, homofobia ou o preconceito aos transgêneros<sup>23</sup>, pais e professores agem rápidos para por ‘panos quentes’ e, sempre que possível, fazer de conta que nada aconteceu”. Normalmente, é isto o que acontece: ao invés da escola ajudar a entender as diferenças, torna-se um ambiente de opressão, fazendo com que os jovens abandonem as salas de aula por não se sentirem acolhidos dentro dos educandários.

A escola não pode ser conivente com qualquer tipo de discriminação. Somente será desacelerada a intolerância quando isso for questionado e tratado com seriedade por quem estiver no comando destas Instituições educacionais:

A instituição deve ser um ambiente em que todos os alunos se sintam acolhidos. Para que isso aconteça, é importante que a sexualidade seja discutida constantemente, mostrando que não há uma única maneira possível de explorá-la. Também é preciso apoiar alunos que busquem os educadores para discutir sua sexualidade. Nas regras de convivência e nas ações concretas de gestores e professores, deve estar claro que situações de homofobia e piadinhas não são toleráveis. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2015, nº 279, p. 27)

A nosso ver, todo o mestrado profissional só terá êxito quando os questionamentos teóricos que foram estudados forem colocados em prática, independentemente dos resultados trazerem mudanças positivas ou negativas à sociedade que está sendo pautada.

---

<sup>23</sup> Pessoa que age, tanto socialmente quanto na vida privada, como se pertencesse ao sexo oposto. É um termo que se refere a transexuais e travestis. (Michaelis - Dicionário da Língua Portuguesa)

Neste caso, nossa pauta está na interconexão das relações entre sexo e gênero. Butler (2003) afirma que “gênero é culturalmente construído” (p. 24). Não podemos deixar que a intolerância desconstrua as diferenças já conquistadas em nossa sociedade. Novamente, Butler afirma que:

Se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete exclusivamente corpos femininos (BUTLER, 2003, p. 24).

Depois de encerrado o mapeamento, realizamos ações, a partir das quais pudéssemos trabalhar com as fragilidades encontradas no resultado do questionário aplicado no momento do diagnóstico. Através do núcleo criado dentro do IFSul - Pelotas, o NUGED, vimos que seria mais fácil realizar as intervenções propostas para ter uma maior aceitação das ideias e atingirmos nosso objetivo: diminuir a intolerância relacionada à orientação sexual.

Optamos por que as intervenções devessem ocorrer em pequenos grupos, isto é, levados aos Conselhos de Classe e corpo discente nos cursos diagnosticados.

## 8.1. DETALHAMENTO DAS AÇÕES

### AÇÃO Nº 1

Para dar início às ações pretendidas, fui à busca de integrantes para formação da equipe diretiva do núcleo, o NUGED. Após muitos contatos com servidores, discentes e comunidade externa da instituição, realizamos nossa primeira reunião. Dessa primeira reunião, participaram 06 (seis) servidores do IFSul, 07 (sete) alunos de cursos diversos, representante da Associação da LGBT de Pelotas e representantes de um segmento da OAB que trabalha com gênero e sexualidade.

Cada um expôs seus objetivos dentro de suas respectivas funções. Nós, servidores, detalhamos o porquê da necessidade de um núcleo que tornasse a convivência institucional mais harmoniosa. Demonstramos o interesse da instituição em criar mais núcleos com estes objetivos. Percebemos que, com um núcleo

legalmente implantado na instituição, teríamos mais alicerce para realizarmos ações que viessem a somar nas finalizações de nossos objetivos.

Dando segmento aos trabalhos, entramos com toda a documentação exigida para a implantação do núcleo dentro da Instituição. Após toda a formalização burocrática na formação da equipe diretiva, composta por alunos, servidores e comunidade em geral, representados por segmentos importantes como a OAB e a Associação LGBT de Pelotas, realizamos um “Coffe Break” (Anexo VI), registrado na página oficial do IFSul de Pelotas, em 19 de maio de 2015, para inaugurarmos o núcleo.

Convidamos a equipe gestora desta Instituição, desde o Reitor aos chefes de Departamento, políticos da cidade, alunos e servidores da Instituição para participar do evento. Com este ato formal de inauguração, o impacto foi positivo. Uma Instituição Federal, com uma visão voltada para a área tecnológica, começou a repensar questões de um modo geral, antes não consideradas parte da formação dos alunos.

No discurso dos principais representantes, vimos que demonstraram um grande interesse que exista a transversalização da temática dentro das escolas.

Figura 06-Foto de posse no NUGED



Fonte: em 19/05/2015- (site oficial do IFSul – RS)

Neste evento, além da equipe que estava sendo empossada, tínhamos representantes da Câmara de Vereadores de Pelotas, Deputada Estadual e membros da equipe diretiva. O Diretor do IFSul – Pelotas, docentes, discentes e

servidores em geral também prestigiaram o evento, e, de certa forma, empoderaram a formalização do mesmo.

Todos os manifestantes concordaram que, antes de qualquer manifestação, devemos preparar os nossos professores para incorrer em intervenções. Pontuaram a importância de um núcleo deste porte dentro de uma Instituição tão conservadora e tradicional. Unanimemente, disseram que temos de abraçar estas mudanças, pois, somente assim, poderemos fazer com que as próximas gerações venham a ter uma melhor convivência com relação a suas diferenças.

Conseguimos que este evento fosse divulgado pela imprensa local, muito importante para a comunidade pelotense. Contando com o apoio da gestão política da cidade (Anexo VII), fomos fazer o convite à Câmara de Vereadores, sempre com a proposta de minimizar o preconceito quanto às diferenças existentes.

Também foi publicado no Jornal do Diário Popular (12.05.2015), dentro de uma matéria que tratava da diversidade, intitulada “Pelo direito a ter direitos”, onde são defendidos os direitos sociais, como, por exemplo, carteira social, banheiros, etc. Foi citado que o NUGED do IFSul – Pelotas “busca conscientizar e trabalhar a tolerância à diversidade” (Anexo VIII).

Conforme os meios de comunicação, foram divulgando o nosso trabalho dentro da Instituição, dessa banda, surgindo outros convites que tornassem nosso projeto mais reconhecido. Posteriormente, a Câmara de Vereadores de Pelotas, através da bancada do PDT (Partido Democrático do Trabalhador), convida o NUGED para participar do ato de criação do Conselho Municipal LGBT, o qual se legitimou oficialmente no dia 11 de novembro de 2015, por meio de uma Emenda à Lei Orgânica nº 90, (Anexo IX). Foi muito importante participar, oportunidade única de expandirmos nossas ações fora da instituição. Dentro desta Emenda, no Art. 293-A, alínea III, diz que:

Devemos acompanhar, analisar e apresentar sugestões em relação à execução de programas e ações governamentais e não governamentais para efetiva integração cultural, econômica, social e política da população LGBT;

Todas estas atividades se tornam necessárias para o fortalecimento destes grupos que defendem um trabalho sério e contínuo, acreditando que, somente assim, podemos minimizar o preconceito. Dentro do corrente ano, mais 03 (três) campus implantaram este Núcleo, sendo, para nossa equipe, um incentivo para dar continuidade aos trabalhos.

Este trabalho suscitou discussão e, através dele, implementou-se o NUGED, que trouxe visibilidade da temática a ser abordada e, por si só, traria um importante movimento de intervenção. A partir desta premissa, outras ações derivaram. Alguns relatos de forma rápida e outros com diálogos e debates, convites para participar de eventos, implantação em outros campus e mais uma importante ação derivada que suscitou um maior contato com a comunidade, o “facebook” do Núcleo.

As ações nº2 até a nº 6 foram planejadas a partir de dúvidas, ações e proposições que trouxessem à visibilidade o próprio Núcleo, através de memórias de reunião, arquivadas na secretaria executiva do NUGED.

### Relato/Percepção da Ação 1

O objetivo foi alcançado, o Núcleo foi implantado com o apoio da Direção do IFSul. As próximas ações ficaram mais alicerçadas com a legalidade do mesmo.

### AÇÃO Nº 2

Dando segmento às ações, assim que retornamos do período de greve, voltamos a nos mobilizar para os encontros com o grupo que ajudou a implantar o NUGED. A vinculação deste Núcleo ao meu trabalho de mestrado se tornou inevitável para a realização das ações. As reuniões com a equipe da Coordenadoria de Assistência Educacional (COAE), alunos, professores e comunidades que participaram da implantação do Núcleo ocorreram em outubro de 2015..

As rodas de conversa deram continuidade com a participação de professores, alunos, psicólogos, assistente educacional, advogado, representante da Associação da LGBT de Pelotas e transexuais, todos formadores de opiniões que muito auxiliaram na finalização deste projeto. Ao longo desta ação, foram realizadas 03 (três) reuniões, registradas em documentos, que viabilizaram esta ação.

Como continuidade de nossas atividades, víamos que seria importante realizarmos ações que pudessem envolver toda a comunidade do IFSul de Pelotas. No mês de novembro, parte da equipe diretiva do NUGED, representante da OAB e alunos convidados reuniram-se para que soubessem do resultado da pesquisa que nós havíamos feito com os alunos antes da greve, o qual já foi divulgado neste trabalho como parte do diagnóstico: as tabulações dos questionários aplicados aos 192 alunos de quatro cursos técnicos (TRO, TELE, QUI e TEC). O representante da Comissão da Diversidade Sexual da OAB de Pelotas achou muito importante a

pesquisa e disse que deveríamos dar continuidade ao trabalho, com mais intervenções que despertassem a curiosidade da comunidade da Instituição e a instigasse a tomar atitudes de apoio.

Chegamos a um consenso que teríamos que fazer um trabalho de apresentação do núcleo “corpo a corpo”, isto é, que toda a comunidade constituída de professores, alunos e servidores em geral precisavam ter algo concreto sobre o objetivo deste projeto, quando surgiu e por que surgiu. Foi acordado que uma pequena comissão interna do NUGED criasse um panfleto, que informasse a que veio a criação do Núcleo. O panfleto sofreu adaptação e sugestão de todos os membros do NUGED e, após votação, foi acatado por todos e, finalmente, reproduzido, conforme o modelo aqui apresentado.

## PANFLETO EXTERNO

<p><b>EQUIPE NUGED</b></p> <p><b>Servidores</b></p> <p>Nilson Borges Ferreira (Responsável)          Elisa Santos da Rosa (Vice-Responsável)          Fátima Insaurriaga Duarte Eslabão          Marlene Katrein da Costa          Letícia Galery Medeiros          Rovena Batista Severo</p> <p><b>Discentes</b></p> <p>Bethânia Camargo          Hannah Krüger dos Reis          Matheus Nunes Muniz</p> <p><b>Representantes da Sociedade</b></p> <p>Cláudia Celina Ramirez Ferreira (Secretária)          Gregori Dalgais da Cunha          Leo Beone Nunes Martins</p> <p>Contato pelo face: <b>Nuged IfSul – Pelotas</b></p>	<p><b>NUGED</b> – Núcleo de Gênero e Diversidade          do IFSP Pelotas</p> <p><b>TU CONHECES?</b></p> <p><b>DIFERENÇA SIM, DESIGUALDADE NÃO</b></p>  <p><b>PARTICIPE COM A GENTE!</b>          AJUDE A COMBATER A DISCRIMINAÇÃO          RELACIONADA A GÊNERO E ORIENTAÇÃO          SEXUAL DENTRO DO IFSP.....</p> <p>Se precisar.....<b>COMUNIQUE!</b> Podemos ajudar</p>
--	--

Gráfica do IFSP Pelotas

## PANFLETO INTERNO

Em 10 de abril de 2015, através da Portaria nº 959/2015, foi constituído o NUGED – Núcleo de Gênero e Diversidade, sendo o segundo campus a criar este núcleo, tendo, como objetivo principal, diminuir a intolerância relacionada a gênero e à orientação sexual. Uma das justificativas até o início do séc. XX para a não extensão às mulheres do direito de voto baseava-se na ideia que possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido que o dos homens. A homossexualidade, por sua vez, era tida como uma espécie de anomalia da natureza. Muitos acreditavam que havia várias raças e sub-raças, que determinariam, geneticamente, as capacidades das pessoas, como exemplo, na 2ª guerra mundial.

Não podemos mais aceitar como normalidade, ou apenas brincadeiras, frases estereotipadas que, por muitas décadas, ajudaram a reforçar a discriminação de toda espécie:

**TUDO FARINHA DO MESMO SACO; TAL PAI, TAL FILHO; SÓ PODIA SER MULHER; NORDESTINO É PREGUIÇOSO; FOI MIMADO DE MAIS, POR ISSO É GAY; SÓ PODIA SER SERVIÇO DE NEGRO....** e uma série de outras expressões e ditos populares. Temos que combater qualquer ideologia religiosa, política ou educacional que, **FANATICAMENTE**, faça as pessoas acreditarem que seres humanos diferentes estão em desigualdade de condições de evoluir, tanto profissionalmente quanto como seres humanos.

Existem muitas leis, projetos de leis, como a **Lei Maria da Penha, Brasil sem Homofobia** e outros. Se não colocarmos em prática, tudo isso passa a ser uma **PSEUDOEDUCAÇÃO**, não chegando a lugar nenhum.

## ACREDITAMOS NISSO..... E VOCÊ?



# TOLERÂNCIA E

# RESPEITO

.....melhor remédio para  
combater o preconceito

Gráfica do IFSul Pelotas

No mês de novembro de 2015, distribuímos mais de 2.000 (dois mil) panfletos aos alunos e funcionários da Instituição. No geral, foram recebidos sem estranheza,



pelo fato de estarmos fazendo uma intervenção com esta temática. Alguns alunos perguntavam se, caso quisessem alguma informação, como fariam para nos encontrar. Sempre informávamos que estaríamos em parceria com a COAE, tínhamos uma página nas redes sociais, o “facebook”, e nos reuníamos com periodicidade para tratar de todos os assuntos ligados ao Núcleo.

### Relato/Percepção da Ação 2

Foram reuniões produtivas com os integrantes do NUGED, a fim de viabilizar as implementações das ações. Através das rodas de conversa, verificamos as disponibilidades de todos os integrantes, que foram muito importantes para a criação dos panfletos.

### AÇÃO N° 3

Dando seguimento as ações, tivemos uma reunião com toda a equipe da COAE. Participou desta reunião a equipe do NUGED, a assistente social e psicólogas da Instituição. Foi importante esta parceria, acreditamos que daria mais veracidade a todas as atividades que estávamos realizando na Instituição. Também, esta reunião teve como objetivo o retorno sobre os resultados na distribuição dos panfletos, a possível campanha no fim de ano, e a divulgação do Núcleo, a fim de que sensibilizasse a comunidade a ajudar as pessoas carentes.

Figura 07: Foto da 1ª Reunião com a COAE em 25.11.2015



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Chegamos a um consenso que, como estávamos em uma época perto das festas de fim de ano, poderíamos fazer uma campanha que arrecadasse brinquedo para crianças. Esta ideia foi bem aceita por todos que participaram desta roda de conversa. Como faríamos isso? A primeira dica foi de continuarmos usando os panfletos para, ao mesmo tempo, fazer a campanha de solidariedade e continuarmos divulgando o núcleo que estava promovendo o evento. Em um segundo instante, uma das componentes da COAE complementou com a ideia de montarmos um estande no saguão da Instituição e fazermos “banner”, interligando a campanha de arrecadação de brinquedos com a divulgação do núcleo. Tudo isso foi muito bem aceito pelo grupo que estava reunido. Levei estas resoluções a toda a equipe diretiva do Núcleo e, a partir daí, ficamos encarregados de produzir os banners para o evento, que estão ilustrados na próxima ação.

### Relato/Percepção da Ação 3

Apesar de já ter o apoio da COAE com alguns integrantes, a parceria formalizada nos deu uma maior firmeza nas ações que viriam a seguir. Também ficamos a par dos problemas que eram repassados e em quais poderíamos intervir quando fosse necessário.

### AÇÃO N° 4

Conforme as fotos a seguir, o estande foi instalado no saguão do IFSul – Pelotas, no período de 14 até 18 de dezembro de 2015, com grande aceitação da comunidade. Este estande era composto por 05 (cinco) banners, uma urna e uma caixa para recolher as doações. Conforme a foto n°7, os banners informavam sobre como participar do núcleo e incentivavam a campanha de doações.

Figura 08:Foto do estande do NUGED



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na foto nº 08, os banners representavam a funcionalidade do núcleo, fazendo com que as pessoas repensassem sobre as temáticas que estávamos trabalhando.

Figura 09: Foto do estande do NUGED



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na foto nº 09, era um dos momentos que fazíamos a distribuição dos panfletos e deixamos uma urna, em que todos poderiam fazer perguntas, tirar dúvidas, solicitar palestras para seus respectivos cursos ou, caso quisessem, mais informações de como funcionaria o respectivo núcleo.

Ao final da campanha, foram arrecadados muitos brinquedos, *a posteriori* doados a uma entidade do Bairro Lindóia, atingindo assim, o objetivo da campanha. Com relação à urna, tivemos algumas intervenções que interessavam ao núcleo, não houve nenhum pedido de palestras. Acreditamos que seria pela época festiva do fim de ano. Mas, no próximo ano, voltaríamos a realizar este mesmo evento, já marcado para o início do próximo semestre, em abril de 2016. Na urna, além de alguns pedidos de informação sobre o núcleo, teve um pedido anônimo de uma jovem, dizer-se homossexual e sofrer mais preconceito na família que na própria Instituição. Pedia que o núcleo pudesse chegar às famílias dos alunos. Infelizmente, como ela não se identificou, não tínhamos como contatar com ela. No decorrer dos próximos semestres, queremos que nossas palestras cheguem até as famílias dos alunos, pois devemos cumprir nosso papel de formador de opiniões.

Figura 10:Foto do estande do NUGED



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

#### Relato/Percepção da Ação 4

Com esta exposição, tivemos uma maior visibilidade do Núcleo e, ao mesmo tempo, realizamos uma ação social com a doação de brinquedos.



## AÇÃO N° 5

Após um período de férias e calendários fora de fase com o ano civil institucional, o primeiro semestre de 2016, no IFSul Pelotas, começou em final de abril. Programamo-nos a retornar, primeiramente, aos cursos que participaram da pesquisa, TRO, TELE, QUI e TEC. Decidimos que esta apresentação do NUGED e resultados dos questionários seriam repassados aos Conselhos de Classe de cada curso e, respectivamente, começaríamos a trabalhar com os alunos, numa ação posterior, a partir do primeiro semestre. Todas as apresentações ocorreram com a participação de, no mínimo, um integrante do NUGED e outro da COAE.

Durante esta ação, foi de suma importância, além das rodas de formação, a técnica de observação do pesquisador que fora observando e anotando percepções, comportamentos e manifestações em forma de registro, a fim de subsidiar possíveis retornos ou solicitações ao NUGED para futuras intervenções. Os relatos com a técnica de observação ficará arquivado no Núcleo, junto com a lista dos presentes em cada reunião ( Anexo X).

O PRIMEIRO curso a ser escolhido para a intervenção foi em Telecomunicações (TELE). Este curso é formado por 20 (vinte) professores, sendo 06 (seis) professores substitutos e 14 (catorze) efetivos. No dia do Conselho de Classe, que é sempre nas quartas feiras em todos os cursos, eu e Marlene Katrein, assistente social e da equipe diretiva, fizemos nossa primeira roda de formação com os professores deste curso. Conforme a autorização (Anexo XI) da servidora e, devido sua formação profissional, a equipe diretiva julgou muito importante o seu acompanhamento nas rodas de formação.

As reuniões seguintes não foram em semanas consecutivas, devido às atividades diversas de cada curso, pois nem sempre havia as reuniões por motivos variados e que não tem como relatar, pois não era repassado à nossa equipe quando cancelavam reuniões com o Conselho de Classe de cada curso.

No dia que fomos à reunião do curso de TELE, estavam presentes o Coordenador do curso e mais 12(doze) professores. No momento em que começamos a apresentar o Núcleo e os resultados da pesquisa feita com os alunos, eu, como observador, percebi a falta de interesse de alguns professores. Um olhava um livro dando a ideia de não estar prestando atenção no que a colega relatava. Outros dois professores conversavam baixo, demonstrando não ter interesse no

assunto. Os demais aparentavam ter interesse no assunto. Após relatos e mostragem de parte do questionário aplicado aos alunos, começamos a provocar os professores para que entrassem em um debate conosco.

Perguntamos a eles que atitudes tomariam se houvesse em sua sala de aula o constrangimento, por colegas da sala, de um aluno ou aluna ser homossexual. Apenas um professor reagiu à nossa pergunta, dizendo que não teria condições de resolver, pois sua formação não lhe dava condições de debater sobre o assunto. Tentamos argumentar se caso tivessem uma preparação para tal assunto, se teriam interesse em participar. Um dos professores, o que estava lendo o livro, enfaticamente, ressaltou que não tinha nenhum interesse, pois seu tempo e o conteúdo programático de sua disciplina não lhe dariam tempo de tratar outros assuntos em sala de aula.

Após uns 40 (quarenta) minutos de conversa e informações sobre o objetivo do núcleo, demos por encerrada a nossa participação na reunião.

O SEGUNDO curso técnico foi o de Química (QUI). Estavam presentes o Coordenador e 15(quinze) professores. Em todas as reuniões que fizemos, levamos os banners e informações com os resultados da pesquisa. Após a apresentação do núcleo, que já é conhecido dentro da instituição, vimos que alguns educadores se mostraram indiferentes com relação ao objetivo de nossa intervenção. Como de praxe, a servidora, como coordenadora da COAE e da equipe diretiva do núcleo, começa a esclarecer as informações necessárias para melhor entendimento de nossa reunião. Eu, como observador, vou anotando o que mais interessa para nossa análise.

Quando a colega começou a repassar os resultados das principais questões que nos levaram a esta intervenção, percebi que um dos professores conversou com o colega e riam. Era a questão nº 10, onde mais de 48% se incomodavam em ver duas pessoas do mesmo sexo trocando carinhos homoafetivos. Após um tempo de informação e constatações de fatos referentes à pesquisa, fizemos a pergunta de como reagiriam em uma situação na sala de aula se algum aluno fosse constrangido por ser homossexual. Duas professoras disseram que, dentro do curso de Química, havia um número grande do público feminino, mas sabiam que havia alguns alunos homossexuais. Até tinham uma aluna transsexual e, como tinha a carteira social, a chamavam pelo nome feminino que adotou. Neste momento, um professor, coincidentemente, era um dos que estava rindo, salientou que “este aluno” pertencia a sua classe, mas não achava certo chamá-lo pelo nome feminino, devido a sua

natureza biológica. Acrescentou, também, por ser evangélico e por seus princípios religiosos, aprendido desde criança, não achava certo. Questionamos que, apesar dos princípios de cada um, a carteira social é protegida por lei, um direito para quem quiser trocar de nome para estes casos. Ele voltou a dizer que “ainda não se achava preparado para aceitar estas modernidades”. Como vimos que apenas ele questionava nossa posição, encerramos a palestra convidando-os a conhecer melhor os objetivos do NUGED e dissemos que brevemente voltaríamos ao curso para conversar com os alunos.

O TERCEIRO curso no qual fizemos a intervenção foi TRO (Eletrônica). Apesar de fazer parte de nosso cronograma, antecipamos a intervenção devido ao pedido de um servidor administrativo daquele curso (Anexo XII). O anexo dos e-mails relata que, inicialmente, houve um debate entre o núcleo e este servidor, o qual, também, procurou o CONSUP para expor seu problema. O servidor optou não ser identificado nesta pesquisa. Resolvemos colocar estes e-mails como anexo, para mostrar como o Núcleo estava atuante dentro do Instituto.

Dando segmento a nossa ação de sensibilização com os professores, fizemos a nossa intervenção sem nenhum momento citar nomes, pois apenas estávamos dando continuidade ao trabalho do núcleo.

No dia da intervenção, estavam presentes o Coordenador e 17(dezessete) professores. Mais uma vez, começamos com a apresentação do Núcleo, mostrando o resultado da pesquisa. Como nos cursos anteriores, a maioria demonstrava interesse nas informações repassadas pela servidora e prestavam atenção aos “banners” colocados para exposição dos resultados. Conforme minha observação, apenas 04(quatro) professores não demonstravam interesse no assunto.

Sobre a pergunta de praxe que fizemos com relação à problemática na sala de aula ninguém fez comentários. Claro que sabemos que esta posição dos professores nos deixou mais apreensivo, pois a falta de manifestação também se torna um problema para criarmos táticas na formação dos mesmos. No final, o coordenador nos elogiou pela atitude de tratarmos deste assunto e complementou, conforme sua opinião, que a liberdade dos namoros dentro da Instituição tornaram-se mais impactantes, salientando, principalmente, nas relações homoafetivas. Sem criar uma dicotomia nos tipos de relações, dissemos a eles e a todos os presentes que as relações mais “efervescentes” dentro da Instituição deveriam ser melhores controladas, mas que procurassem não discriminar quando fossem homoafetivas ou heteroafetivas. Finalizamos dizendo a todos que o objetivo do NUGED era

exatamente este, sensibilizar e conscientizar a todos o direito de igualdade, de se expressar sem medo.

O QUARTO curso que participou da intervenção foi o curso de Eletrotécnica (TEC). Nesta roda de formação, participaram o coordenador e mais 13(treze) professores. Aparentemente, foi a reunião em que todos se mostraram mais dispostos a escutar nossas ideias. Antes da reunião, fizemos um comentário que, por ser um curso dos mais antigos da instituição e os professores todos do sexo masculino, teríamos uma maior rejeição às ações pretendidas. Com grande surpresa, tivemos uma boa aceitação, o coordenador salientou que, por um número de jovens, mais de 80% do sexo masculino, pertencerem ao quadro de alunos em todos os módulos, que a discussão do tema era muito importante, um preparo para a formação sócio-cultural desses jovens.

Quando perguntamos se alguns dos professores tinham fatos a colocar, caso tivessem tido discussões em sala de aula sobre discriminação à orientação sexual de algum aluno, um professor salientou que já teve uma interferência de alunos que criticavam a homossexualidade. Ele disse que interrompeu sua aula e optou dialogar sobre o assunto. Apesar de não saber se tinha algum aluno que fosse homossexual, defendeu as igualdades na sala de aula. Comentou que talvez tenha dado certo a sua conversa; a partir daquele dia, pelo menos na sua aula, estes jovens evitaram qualquer tipo de brincadeira sobre o assunto. Depois colocou, de uma forma tranquila e normal, que talvez fosse porque tem um irmão que é homossexual e sabia das discriminações que ele sofria. Como este seu irmão era mais velho que ele, em sua família, todos aprenderam a respeitá-lo desde cedo.

#### Relato/Percepção da Ação 5

Víamos que o professor, apesar de não ser o foco dos nossos diagnósticos e independentemente do componente curricular que ministra, não está preparado para estes questionamentos, ou não demonstra interesse em questionar temas que se refiram às orientações sexuais dos alunos, por acharem que isso não lhe diz respeito. Muitos dizem que seria um absurdo interromper a sua aula para debater “este tipo de questionamento”, dizendo que deveria ser discutido na família e não nas escolas. Por isso, resolvemos dar continuidade às ações, levando o resultado aos Conselhos de Classe de cada um dos cursos pré-selecionados e, posteriormente, a todos os cursos técnicos e superiores da Instituição. Muito importante abrir um espaço para diálogos, aproveitar que o Núcleo está enraizado



nas ações dentro do Instituto e colocar na agenda, fazendo que, no início de cada semestre, possamos discutir questões como essas.

### AÇÃO N° 6

A partir de uma campanha dentro da Instituição, para irmos às salas de aula conversar com os alunos, divulgamos por toda a instituição um cartaz provocando a todos pela temática (Anexo XIII). Era importante provocar os alunos para diálogo, o qual chamamos de “Um papo cabeça”. Enquanto não fizemos as intervenções nos cursos, nenhum deles entrou em contato com o núcleo para serem realizadas as palestras. Para este trabalho de intervenção, conseguimos realizar um encontro com os alunos do primeiro semestre, turno da tarde, do curso de Eletrotécnica. Outros encontros foram adiados devido ao semestre letivo estar terminando em início de setembro, não tendo tempo de disponibilizarmos neste trabalho. Com certeza, daremos continuidade a estes encontros.

A turma em que fizemos a intervenção era formada por 37(trinta e sete) alunos matriculados, naquele dia, estavam presentes 28(vinte e oito) alunos. Realizamos a intervenção num período de 45 (quarenta e cinco) minutos, sendo um período de hora/aula cedido por um professor. Em primeira instância, distribuimos o mesmo questionário que foi feito há um ano com outros alunos. Em 10(dez) minutos, responderam. Naquele momento, não era nosso objetivo fazer levantamento sobre suas respostas e, sim, entrarmos no assunto e dialogarmos. Víamos que a turma era composta por jovens na faixa dos 15 anos, em sua plena formação moral e social.

A turma, no momento, tinha apenas 2(duas) meninas em um total de 28(vinte oito). Como vimos que eles não teriam iniciativa para começarmos a discutir o assunto, fomos direto à questão n° 16.

<b>16. Tu achas importante, dentro da tua escola, ter esclarecimentos sobre todas as formas de orientações sexuais? A. SIM ( ) B. NÃO ( )</b>
---

Perguntamos se alguém gostaria de opinar sobre a questão colocada. Uma das meninas levantou o braço e disse que, apesar de ter respondido SIM, tinha muita curiosidade em saber algumas verdades sobre homossexualidade. Em casa, não tinha este tipo de informação, apenas pelas redes sociais e por outros colegas e, também, disse proceder de uma família com formação religiosa que tratava o assunto como se fosse um pecado mortal. Um menino resolveu intervir dizendo que não tinha nada contra, até tinha amigos gays, mas acha que, se ficasse apoiando

muito, iriam achar que ele também era “gay”. Após esta constatação, outros colegas começaram a fazer “chacota” com o amigo. Quando vimos que a conversa ia se voltar para as brincadeiras, resolvemos intervir.

Tratamos o assunto com seriedade, apesar da pouca idade dos participantes, pois somente desta forma eles poderão reavaliar seus conceitos. Mostramos o resultado da pesquisa feito há um ano com seus colegas. A seguir, apresentamos a origem da palavra “opção”, conforme está escrito no dicionário da língua portuguesa:

**Opção:**

ato, faculdade ou efeito de optar; escolha, preferência.

*p.met.* aquilo por que se opta; uma de duas ou mais possibilidades pelas quais se pode optar; alternativa.

A partir deste conceito, queremos demonstrar que homossexualidade não é uma simples escolha. Muitos podem omitir a sua condição, por vários problemas pessoais, culturais, etc, mas nenhum pode mudar sua natureza.

Começamos a mostrar a eles a diversidade do ser humano, sentimos um maior interesse com relação à temática. Alguns se encorajavam e perguntavam sobre as diferenças de gêneros. Por exemplo, porque alguns gays gostavam de se vestir de mulher. Como o assunto estava se aprofundando, não tínhamos mais tempo para discutir, dissemos que voltaríamos a nos encontrar em outra oportunidade ou que poderiam procurar o NUGED para reuniões.

Em outro momento, após a entrega do questionário desta turma, fizemos o mapeamento das questões. Por exemplo: percebemos que as questões que tratavam a respeito das aceitações de relações homoafetivas ou esclarecimento sobre a temática tiveram uma porcentagem próxima dos resultados da pesquisa feita anteriormente. Neste caso, a questão 10 teve uma média de 40% para SIM.

**10. Te incomoda ao ver duas pessoas do mesmo sexo de mãos dadas ou trocando carinhos homoafetivos? A. SIM( ) B. NÃO( )**

**11. Na tua casa, a família conversa sobre assuntos que esclareçam o que é homossexualidade? A. SIM ( ) B. NÃO( )**

### Relatório/Percepção da Ação 6

Devido ao calendário defasado da Instituição, realizamos a intervenção em apenas uma turma, vimos que os jovens têm praticamente a mesma percepção com relação à temática debatida em comparação com a pesquisa inicial. A escola precisa fortalecer, tirar dúvidas, sensibilizar e ajudar no crescimento desses jovens que ingressam no Instituto. É de suma importância despi-los de preconceitos para que tenham uma melhor socialização na sociedade que irão viver.

## 9. CONSIDERAÇÕES DA IMPLANTAÇÃO DO NUGED

Constatamos, após as ações realizadas, que o assunto é interminável e as dúvidas são muitas, não somente para os jovens, mas também para os servidores em geral. Todo este nosso trabalho gerou frutos. Por exemplo, houve o Primeiro Encontro dos NUGED'S do IF Sul-rio-grandense (Anexo XIV), em maio do corrente ano, na cidade de Sapucaia do Sul. Houve uma roda de conversa entre os NUGED'S, com relatos e trocas de experiências, tornando-se muito gratificante por termos adquirido novas experiências e ter sido o segundo campus a implantar o Núcleo dentro da rede IFSul.

Na busca de não simplesmente realizar uma reflexão sobre a temática em questão, tivemos intervenções que não tiveram outro objetivo, senão o de refletir as problemáticas na concretude de uma realidade sociocultural, focalizando a humanização nos cursos relacionados. A análise de nossas pesquisas, bem como os trabalhos realizados, tanto com os servidores como com os discentes, foi de cooperar no sentido de que podemos internalizar e conscientizar a todos que pertençam aos cursos de educação profissional.

Conforme íamos finalizando cada ação proposta, observamos que este trabalho, com uma temática que poderia polemizar nos resultados ao final de cada ação, tivemos de ter a parcimônia para não chegarmos a conclusões com dúbias verdades com mesma valoração, isto é, por mais que os dois lados da moeda tenham seus conceitos próprios, temos que enfatizar aquele lado mais dinâmico e melhor aceito na sociedade atual.

Como mediador desta pesquisa em mais de 12 meses de ações realizadas na Instituição que acolheu o projeto, tivemos que nos reeducar quando surgiam divergências de ideias e/ou posicionamentos, tínhamos que optar entre os resultados que gostaríamos e os resultados da pesquisa feita. Neste momento, a nossa opção era necessária para a continuidade deste trabalho.

No desenvolvimento do trabalho, através do levantamento da historicidade da temática, vimos que as chamadas minorias eram sempre discriminadas, sempre marginalizada a considerada sociedade "normal".

Isto não é novidade, pois desde o início do séc. XX, para a não extensão às mulheres do direito de voto, baseava-se na ideia de que possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido que dos homens. A homossexualidade, por sua vez, era tida como uma espécie de anomalia da natureza. Muitos acreditavam que havia

várias raças e sub-raças, que determinariam, geneticamente, as capacidades das pessoas. Temos como exemplo a 2ª guerra.

Não podíamos mais aceitar como normalidade ou apenas brincadeiras frases estereotipadas que, por muitas décadas, ajudaram a reforçar a discriminação de toda espécie: tudo farinha do mesmo saco; tal pai, tal filho; só podia ser mulher; nordestino é preguiçoso; foi mimado de mais, por isso é gay; só podia ser serviço de negro.... e uma série de outras expressões e ditos populares.

Temos que combater qualquer ideologia religiosa, política ou educacional que, fanaticamente, faz as pessoas acreditarem que seres humanos diferentes estão em desigualdade de condições, de evoluir, tanto na profissão quanto como ser humano.

Existem muitas leis, projetos de leis, como a Lei Maria da Penha, Brasil sem Homofobia e outros. Se não colocarmos em prática, tudo passa a ser uma pseudoeducação, não chegando a lugar nenhum.

Há práticas que sofrem um profundo preconceito por parte dos setores hegemônicos, ou seja, por parte daqueles que se aproximam do que é considerado correto segundo os que detêm o poder. Seguindo essa lógica, por exemplo, as práticas homossexuais e homoafetivas são condenadas, vistas como transtorno, perturbação ou desvio à normal e natural heterossexualidade. Aqueles e aquelas que manifestam desejos diferentes dos comportamentos heterossexuais, além de condenados por parte da sociedade, independente da religião, há pouco tempo eram enquadrados no campo patológico e estudados pela medicina psiquiátrica que buscava a cura para aquele mal.

Ainda hoje, infelizmente, pessoas que estão no poder pensam da mesma forma, e pior, inflamam esta idéia como verdadeira, tornando a convivência na sociedade mais fragilizada.

O NUGED não foi implantado para impor ideias, mudar comportamentos ou dizer que um estilo de vida é melhor que o outro ou que um gênero é superior a outro. Estamos aqui para facilitar a convivência das diferenças, independente de cor, sexo, religião ou orientação sexual.

Como já foi dito, questões de gênero, religião, etnia ou orientação sexual e sua combinação direcionam práticas preconceituosas e discriminatórias da sociedade contemporânea.

É importante destacar que há mudanças acontecendo. No que se refere às mulheres, por exemplo, historicamente em situação de desigualdade com relação aos homens, sua entrada progressiva no mercado de trabalho, está tendo um aumento sensível e com grande inclusão, comparado a décadas anteriores.

Esperamos que a escola cumpra com sua responsabilidade de formar cidadãos e cidadãs, oferecendo mecanismos que levem ao conhecimento e respeito das culturas, das leis e normas. Devem investir na comunicação dessas normas a todos aqueles envolvidos com a educação e, como aposta pedagógica, ter um plano de ação, formando cidadãos para a valorização da diversidade. Conforme o relatório crítico reflexivo, vimos que o NUGED se tornou um importante instrumento, que por si só sua implantação já justificaria a intervenção no IFSul – Pelotas.

A convivência com a diversidade implica em reconhecer, respeitar e valorizar o outro, não tendo medo daquilo que se apresenta como diferente. Esses são passos essenciais para a promoção da igualdade de direitos.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Ed. Cortez/Ed. Unicamp, 1999.
- BRANDÃO, D. V. C. **Parcerias homossexuais:** aspectos jurídicos. São Paulo: Ed. RT, 2002.
- BRASIL, MEC, **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Brasília**, 2008, p. 1-8.
- BRASIL, MEC. **Gênero e Diversidade na Escola:** Formação de Professores/as em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Etnico-Raciais. Vol. 1, 2009.
- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural/orientação sexual. Rio de Janeiro, 2000.
- BRASIL, **Programa Brasil sem Homofobia.** Brasília: Câmara dos Deputados – Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual, 2004.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.
- DANTAS, 2008. In: MORAES, D. **A Batalha da Mídia:** governo progressista e políticas de comunicação na América latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. Pão e Rosas. 2009.
- DIAS, M. B. **União Homossexual:** o preconceito e a justiça. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2000.
- DINIS, N. F. **Homofobia e educação:** quando a omissão também é signo de violência. In: Educ. rev. n. 39, Curitiba, Jan./Apr, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602011000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000100004). Acessado em Out de 2015
- DIREITOS HUMANOS EM VIENA. **Item B.1, sessão 22**, 1993.
- ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1987.
- DUGGAN, L. **The twilight of equality?** Neoliberalism, cultural politics and the attack on democracy. Boston: Ed. Beacon Press, 2003.
- ESCÓSSIA, F. da. **Documento de conferência em Durban ignora discriminação de gays.** Folha de SP. 06 Set, 2001. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/folha/mundo/>. Acessado em 16 Fev, 2008.
- FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio:** minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Pesquisa Diversidade sexual e homofobia no Brasil, da Fundação Perseu Abramo**: <http://www.fpabramo.org.br> . 2009.

GENTLE, I. M.; Zenaide, M. de N. T.; Guimarães, V. M. G (orgs). **Gênero, Diversidade Sexual e Educação**: Conceituação e práticas de direito e Políticas Públicas. João Pessoa, PB: F&A Gráfica e Editora, 2008.

<HTTP://www.pelotas.rs.gov.br>. Acessado em jul. 2013.

LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 4ª Ed, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

\_\_\_\_\_. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denilson et al. (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual**. São Paulo: Nojosa, 2004.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2007.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. trad. Carlos Nelson Coutinho, In: Temas de Ciências Humanas, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MACRAE, E. **A Construção da Igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: ed. Atlas, 7ª Ed, 2010.

MEIRELES, C. M. da S. **Das Artes e Ofícios à Educação Tecnológica**: 90 anos de história. Pelotas: Ed. UFPel, 2007.

MENEZES, E. T. de; Santos, T. H. dos. **Declaração de Salamanca**: Dicionário Interativo da Educação Brasileira, São Paulo: Ed. Midiamix, 2002.

MOURA, D.; BARBOSA, E. **Trabalhando com Projetos**: Planejamento e gestão de projetos educacionais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2006.

OLIVEIRA, J. M.; Costa, C. G. da; Carneiro, N. S. **Problematização da Humanidade**: para uma psicologia crítica feminista Queer. Lisboa, 2014.

IFSul-RS. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IF Sul-rio-grandense**: de 2014-2019. Pelotas, 2014.

PEIL, J. M. de S. **Estudo da Importância das Escolas Técnicas Federais no Contexto da Educação Brasileira**. Pelotas: Ed. ETFPel, 1995.

PELOTAS, Secretaria Municipal de Educação. **CAPTA**: Centro de Apoio, Pesquisa e Tecnologias para a Aprendizagem (documento impresso). Pelotas, 2014.



PIOVESAN, F. A universalidade e a indivisibilidade dos direitos humanos: desafios e perspectivas. In: BALDI, César A. (Org.). **Direitos humanos na sociedade cosmopolita**. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Direitos Humanos**: Desafios da Ordem Internacional Contemporânea. In: **Caderno de Direito Constitucional**. Org. Maria Luiza Bernardi Fiori Schilling. Escola da Magistratura do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, 2006.

**Regimento Geral do IF Sul-rio-grandense**. Pelotas, 2014.

RIBEIRO, D. **Stonewall**: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. In: Stonewall 40 + o que no Brasil?. Org: COLLING, Leandro. Salvador: EDUFBA, ( Coleção CULT; n. 9), 2011.

RIBEIRO, P. R. M. (org.), **Sexualidade e Educação Sexual**: apontamentos para uma reflexão, São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo, Ed. P.U., 1990.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

SIMÕES J. A.; FACCHINI, R. **Na Trilha do Arco-Iris**. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2008.

SCOTT, J. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. SP: Educação e Realidade, 1995.

SILVA, M. A. (org.) et al. **Gênero, sexualidade, educação e conhecimento**. Pelotas: Ed. UFPel, 2011.

SOARES, W. **Revista Nova Escola**: Precisamos falar sobre Romeo..., SP, Ed. Abril, 2015.

Último segundo.ig.com.br/Educação. **“Escola é determinante para o fim da homofobia, diz o pesquisador”**, 26/05/2011.

WARSCHAUER, C. **A Roda e o Registro**: Uma parceria entre Professor, Alunos e Conhecimento. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.

ANEXO 1

— Decreto nº. 1795. —

Institue uma Escola  
Técnico-Profissional e pro-  
vê sobre as despesas de ins-  
talação e funcionamento  
da mesma.

O Doutor João P. Crespo, Intendente do Município  
de Pelotas.

No uso das atribuições que lhe confere a Lei Orga-  
nica, Art. 12, n.º 14,

Decreta:

Art. 1.º ~ Fica instituída, nesta cidade, uma Escola  
Técnica-Profissional.

Art. 2.º ~ As despesas decorrentes da instalação e  
funcionamento desta Escola serão atendidas pela ver-  
ba de 50.000,00 consignada no § 19 da Lei de Orça-  
mento, em vigor, acrescida de doações feitas pelo Lyceu  
de Artes e Offícios, no valor de 15.000,00, e pela  
Intendente Municipal dos vencimentos correspondentes  
a seu cargo, no corrente exercício, e distribuída de con-  
formidade com a tabela anexa Art. 3.º ~ Terão-se as disposições em  
contrário. Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Intendência do Município de Pelotas, 8 de março de 1930.

João P. Crespo  
Intendente

ANEXO II

Primeiro Cartorio (\*)

111

Dr. Martin Soares da Silva

Notario

Pelotas - Estado do Rio Grande do Sul

Livro nº 41-6

Fols. 98-V

Tradado da escriptura de doação que faz a Prefeitura do Municipio de Pelotas, ao Governo Federal.

Sabam quanto virem este publico instrumento de escriptura de doação, --- que no anno de Christos de mil novecentos e trinta e oito, aos vinte cinco, --- dias do mez de Julho, --- nesta cidade de Pelotas e Primeiro Cartorio de notas por lhe ser distribuida esta mesma escriptura pelo bilhete de distribuição que exhibiu e fica archivado; ali, perante o Primeiro Notario Martin Soares da Silva, compareceram partes justas e contratadas, de um lado como outorgante doadora, a Prefeitura do Municipio de Pelotas, representada por seu Prefeito, Dr. José Julio de Albuquerque Barros, e de outro, como outorgado donatario o Governo Federal, representado neste ato, pelo dr. Francisco Behrensdoerf Junior, Engenheiro da Administração do Dominio da União, junto a Delegacia Fiscal do Tesouro Municipal, de accordo com o officio nº 653, que exhibiu, fica aqui vada e vai transcrita no traslado desta escriptura, os comparecentes conhecidos do notario e das duas testemunhas João de Castro e Silva, e Luiz Amarel Lamas, abraço assinadas, de que o notario da fé. - E, pelo representante da doadora, me foi dito, perante as testemunhas, que, sendo senhora e possuidora de um terreno, situado nesta cidade, com forma triangular

(\*) Respeitadas a redação, a pontuação e a ortografia do original.

ANEXO III



52

Decada 1940 - Professora Nize Terezinha de Jesus Martins Antunes. A época, Nize Terezinha de Jesus Camara Martins: A presença feminina no 1º Quadro de Professores da ETP



O Presidente da Republica

RESOLVE nomear, de acordo com o art. 17

do Decreto-Lei n. 1 713, de 28 de outubro de 1 939, MISE

TREZINHINA DE JESUS CAMARA MARTINS para exercer, interinamen

te, o cargo de Professor (Portugues - R.T. Pelotas - D.R.L.

D.N.E.), padrao K, da cadeira de Portugues da Escola Tecn

ca de Pelotas da Divisao de Ensino Industrial do Departamen

to Nacional de Educacao, do Quadro Permanente do Ministe

rio da Educacao e Saude, criado pelo Decreto-Lei

7 190, de 22 de dezembro de 1 944.

Rio de Janeiro, em 27 de fevereiro de

1 945, 1214 da Independencia e 579 da Republica.

*Handwritten signature: Getulio Vargas*

Decreto publicado no Diário Oficial de 13 de 1945

Referencia: Processo n. 12 183, de 1 945.

104/GRCA

ANEXO IV



## LISTA DE PRESENÇA DA PRIMEIRA REUNIÃO DO NUGED

**DATA:** 11/ 03 / 2015

**HORÁRIO:** 10hs

**LOCAL:** Sala 317A - IFSUL PELOTAS.

**OBJETIVO:** Implantação do *Núcleo de Gênero e Diversidade* no IFSul Pelotas e, prévias para organização do "I SEMINÁRIO DA DIVERSIDADE NO IFSUL PELOTAS" em 15/05/2015.

1. Nome: Fátima Inmaculada D. Colares  
 LOCAL: DIREX - C. Pelotas
2. Nome: Andraia Cabral Colares  
 LOCAL: PROEX - DEP. Ações Inclusivas
3. Nome: Gregório Borges da Costa  
 LOCAL: CAB - Pelotas / Comissão da Diversidade Sexual
4. Nome: LEO BEONE NUNES MARTINS.  
 LOCAL: ASSOCIAÇÃO LGBT DE PELOTAS.
5. Nome: Blandine Helene R. Ferreira  
 LOCAL: SECRETARIA - IEEAB
6. Nome: Elise Santos de Rosa  
 LOCAL: IFSul - Campus Pelotas
7. Nome: Wilson Borges Ferreira  
 LOCAL: IFSul - Pelotas
8. Nome: Luizine dos Santos Duarte

ANEXO V

## ATA N 001/2015

Aos onze dias do mês de março de 2015, foi realizada a primeira reunião de adesão de servidores do IFSul de pelotas, onde estão incluídos os docentes e discentes, junto com representantes da comunidade, para dar início a formação da equipe diretiva que irá implantar o NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade) desta Instituição. Estavam presentes, Andrea Collares, coordenadora dos núcleos do IFSul rio-grandense, Nilson Borges Ferreira, técnico administrativo do IFSul Pelotas, Elisa Santos da Rosa, docente do IFSul Pelotas, Fátima Insaurriaga, técnica administrativa do IFSul Pelotas, Cláudia Ramirez Ferreira, professora do estado no C.E. Assis Brasil, Gregori Cunha, representante da OAB, Leo Beone, Presidente da Associação LGBT de Pelotas, Caroline Duarte, aluna de Engenharia Química do IFSul Pelotas e Bethânia Camargo, aluna de Engenharia Química desta Instituição. A partir das informações, através da coordenadora dos núcleos, sobre o que seria o NUGED, tomou-se ciência o porquê da necessidade do mesmo, fazer que, dentro da Instituição e comunidade a fim, sejam mais tolerantes e sensíveis às diferenças. Seguindo os debates, cada um dos participantes colocou suas questões e informações sobre o que estavam fazendo dentro de suas atividades relacionadas ao movimento no qual estávamos querendo iniciar. Foi acordado entre todos que o principal objetivo deste núcleo será na luta por uma maior igualdade, independentemente do gênero e orientação sexual de cada um. A partir desta afirmação, cada um dos participantes foi relacionando as experiências de vida e profissional, para entender o motivo de seu interesse em compor esta equipe diretiva. Um relato que chamou a atenção, foi quando uma aluna da Eng. Química comentou que souberam da reunião através de uma terceira colega de aula, que disse ter sido convidada para a respectiva reunião e, não iria: "pois tinha receio que seu coordenador, no setor a qual é bolsista dentro do IFSul, pensasse que ela fosse homossexual". Vimos, com esta informação, que temos um grande trabalho pela frente, fazendo com que esta Instituição e comunidade a fim, tenham um melhor conhecimento, tolerância e sensibilidade para lidar com as diferenças.

ANEXO VI



Serviço Público Federal

## CONVITE

O diretor-geral do câmpus Pelotas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Rafael Blank Leitzke convida Vossa Senhoria, para o *Coffe Break*, onde serão empossados os membros do Núcleo de Gênero e Diversidade - NUGED, do câmpus Pelotas.

**Data:** 18 de maio de 2015

**Hora:** 15h30min

**Local:** Sala Nilo Peçanha/câmpus Pelotas  
Praça Vinte de Setembro, 455 - Centro. Pelotas/RS



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
SUL-RIO-GRANDENSE  
Câmpus Pelotas

## **Diretoria do Núcleo de Gênero e Diversidade toma posse no câmpus Pelotas (19/05/2015)**



Ocorreu na tarde desta segunda-feira (18) a posse da diretoria do Núcleo de Gênero e Diversidade (Nuged). Depois de muita preparação, o Núcleo, que antes estava implantado apenas em Charqueadas, vem para Pelotas com a promessa de criar um debate aberto a toda a comunidade e de promover a igualdade e a diversidade dentro e fora do câmpus. Em um evento realizado na Sala dos Servidores do instituto, a diretoria e as autoridades presentes enaltecem a importância da conscientização e do respeito mútuo entre os indivíduos.

Além da diretoria, encabeçada pelo servidor Nilson Ferreira, estiveram presentes as seguintes autoridades: o diretor-geral do câmpus Pelotas, Rafael Leitzke; o presidente da Câmara Municipal de Pelotas, vereador Ademar Ornel; a deputada estadual do Rio Grande do Sul, Miriam Marroni; Franciele Souza, representando o prefeito Eduardo Leite; e Janette Otte, assessora e representante do reitor do IFSul, Marcelo Bender.

Em sua fala, Ferreira salienta a importância da implementação do Nuged em um lugar tão amplo e diversificado como o câmpus Pelotas, e que o trabalho contínuo ajuda na conscientização e na distribuição de informações. Para Ferreira, a falta do diálogo e conhecimento sobre o tema são catalisadores do preconceito, que está disseminado em diversas áreas e de várias formas, seja contra homossexuais, mulheres, classes, entre outros.

O diretor-geral do câmpus, Rafael Leitzke, parabenizou a diretoria e ressaltou o pioneirismo da atividade. Para Leitzke, a palavra de ordem é respeito: “Todos os cidadãos merecem respeito indistintamente”, afirma. Para encerrar, ele ainda deixa claro que a direção ajudará no que for preciso para que o trabalho aconteça plenamente.

Para Janete Otte, é preciso juntar cada vez mais pessoas à causa e que o debate e o respeito são vitais para o funcionamento não só da instituição de ensino, mas da sociedade como um todo. “É necessário para avançarmos na democracia que respeitemos o que cada um é e o que cada um faz”, comenta.

Entre as constatações realizadas durante o cerimonial, uma das que mais se destaca é o fato de que nunca é tarde para a conscientização da população e que atuação do Nuged é de grande importância para a comunidade. Há dez anos, por exemplo, a sociedade era ainda mais intolerante com relação à diversidade de gênero. Hoje, graças a notáveis trabalhos como os do Núcleo e a pessoas que lutaram pela igualdade, o cenário é diferente. Muito, porém, ainda deve ser conquistado e as atividades não podem parar, mas sim ser intensificadas. O papel da escola, portanto, é um dos pontos principais desta luta.

ANEXO VII



# DIÁRIO DA MANHÃ

ANO 36 - Nº 309 - TERÇA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2015 - R\$ 1,75 - PELOTAS (RS)

## DIVERSIDADE

# IFSul lança Núcleo para diminuir o preconceito

*O Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) lança, no dia 18 de maio, às 15h30, o Núcleo de Gênero e Diversidade, Nuced, do Campus Pelotas, cujo objetivo é atuar dentro da instituição para diminuir o preconceito e sensibilizar tanto professores, quanto alunos e servidores para que aceitem e respeitem as diferenças.*

Em visita ao Legislativo, o ex-aluno do IFSul e servidor, Nilson Ferreira, acompanhado da esposa e incentivadora do projeto, Cláudia Ferreira, trouxeram o convite para o lançamento do Núcleo ao presidente, Ademar Ornel, e aos presidentes das Comissões de Educação, Ricardo Santos e Direitos Humanos, Tenente Bruno. Em nome do vereador Marcos Ferreira, o convite estendeu-se aos demais parlamentares.

"Temos muitos alunos que já usam a lei de identidade social, com o seu nome social", explica Cláudia Ferreira, "o que nos levou a pensar na importância de traba-



CÂMARA Municipal recebeu convite para o evento

lharmos a questão da homofobia e de incluímos nos currículos escolares a luta para tratarmos as diferenças".

Segundo Cláudia, a Ordem dos Advogados do Brasil em

Pelotas faz parte do Nuced e o grupo está estudando para saber como tratar esses jovens. "Queremos que todo aluno seja chamado pelo nome que ele usa", explica Cláudia Ferreira. O tema também

será levado como sugestão para a Secretaria Municipal de Educação.

Também integram o Núcleo de Gênero e Diversidade servidores, alunos, movimento LGBT e a sociedade civil.

Foto/Divulgação



ANEXO VIII

Por isto, além das reuniões periódicas, a Comissão da Diversidade Sexual também vai até as instituições e oferece suporte para que as adequações necessárias sejam cumpridas. O fato destas serem, na maioria das vezes, negligenciadas se dá mais pelo desconhecimento de como proceder do que por resistência, de acordo com Dalgais. "Até agora não enfrentamos dificuldades para dialogar sobre o tema, o que percebemos é mesmo a desinformação que impede a prática destas medidas."

### Um primeiro passo

Ao mesmo tempo que a Comissão entra em contato com grupos para conversar sobre direitos LGBT, ela também é procurada. Foi o que aconteceu no último mês, quando o Instituto Federal Sul-riograndense (IF-Sul) contatou a OAB. Com um recém criado Núcleo de Gênero e Diversidade (Nuged), a instituição federal reuniu seus diretores de unidades e o reitor Marcelo Bender para ouvir sobre os primeiros passos a serem tomados quando se trata de inclusão LGBT.

Responsável pelo Nuged, o servidor Nilson Ferreira explica que sentiu a necessidade de dialogar sobre o tema dentro do IF-Sul e estruturar um espaço que fosse capaz de discutir e apoiar estudantes trans. "Contamos com professores, alunos, psicólogos e servidores voltados especificamente para dar suporte a estes estudantes. Além, é claro, de conscientizar e trabalhar a tolerância à diversidade."

O núcleo, que vem sendo construído desde março, foi oficializado através de uma portaria há duas semanas e será apresentado para a comunidade na próxima segunda, em uma cerimônia no próprio IF.

Para Eunice Taguchi, advogada e também integrante da Comissão da Diversidade Sexual, a iniciativa do IF é exemplar e só contribuiu para mostrar que o órgão está aberto para ser procurado por qualquer iniciativa, tanto privada, quanto pública, que deseje se tornar inclusiva.

Integrantes da Comissão da Diversidade Sexual da OAB Pelotas, recentemente implantada



que utilizar seu nome civil. O problema estava no sistema, que não permitia utilizar a identificação social. "Poderia ser enganchado. Na parede havia um cartaz falando sobre o direito ao uso do nome social, mas na prática o sistema que é fornecido pelo mesmo governo que determina isto não estava preparado", diz.

Na ocasião, Crissiany pode assinar seu nome social ao lado do civil, já que a polícia ofereceu esta opção como solução. No entanto, atitudes como esta são raras. O vice-presidente da Associação LGBT de Pelotas, Vladimir da Costa, ressalta um grande despreparo da sociedade quando se tratam de temáticas LGBT e de, inclusive, desinformação quanto aos direitos já conquistados. É o caso, por exemplo, de um local que, em caso de ter banheiros separados de acordo com o gênero, precisa respeitar a categoria trans. A resolução que assegura este direito, de acordo com Dalgais, se estende até mesmo para menores de idade e se desrespeitada é passível

ANEXO IX



**CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS  
BANCADA DO PDT  
GABINETE DO VEREADOR RICARDO SANTOS**

Certifico para devidos fins que o Professor Nilson Borges Ferreira, responsável pelo NUGED, participou do ato de criação do Conselho Municipal LGBT na Câmara Municipal de Pelotas, realizado às 11h do dia 11 de novembro de 2015.



Ver. Ricardo Santos - PDT

**Ricardo Santos**  
Vereador PDT/Pelotas

ANEXO X



ANEXO XI



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicito a(o) componente da equipe diretiva do NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade) do IFSul Pelotas, Sr(a) **MARLENE KATREIN** \_\_\_\_\_ autorização para incluir opiniões, ações sugeridas, etc... na intervenção intitulada "**ORIENTAÇÃO SEXUAL, SEXO E SEXUALIDADE: REFLEXÕES SOBRE A TRANSVERSALIZAÇÃO NOS COMPONENTES CURRICULARES DO IFSUL CAMPUS PELOTAS**", SOB RESPONSABILIDADE DO PROF. Nilson Borges Ferreira, com orientação do Prof. Dr. Mauricio Aires Vieira, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional da UNIPAMPA/Jaguarão . Comprometo-me seguir as normas e rotinas da escola, zelar pelo sigilo ético dos depoentes e dados obtidos da pesquisa. Haverá o compromisso de divulgação dos dados obtidos apenas em reuniões e publicações científicas com sigilo e resguardo ético dos participantes.

Pelotas, de \_\_\_\_\_ 2016

**MARLENE KATREIN**

Coordenadora da COAE/ Equipe Diretiva do NUGED



ANEXO XII

Data: [redacted] 2016 [09:50:36 BRT]  
De: [redacted] <[redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>  
Para: Nilson Borges Ferreira <nilcefet@pelotas.ifsul.edu.br>  
Assunto: Re: NUGED

132

4: e-mail

Nilson,  
O NUGED tem autonomia (não precisa autorização de ninguém) para espalhar cartazes assumindo que os LGBT são bem vindos ao campus? O que achas da ideia? Seria necessária uma reunião do NUGED para eu levar a ideia adiante e colocá-la em prática?

Recebeste e-mail do diretor sobre a ideia que dei de IFSul ou Campus passar a mandar mensagem em massa comemorando dia do orgulho gay ou dia contra a homofobia, como fazem nos dias das mães, ou no Natal ou no do Servidor Público etc?

Abraços,

[redacted]

Citando [redacted] <[redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

3: e-mail

Obrigado, Nilson.

Fiquei superfeliz de teres conseguido um espaço de intervenção lá na TRO.

Sinceramente, isso é espetacular!!!

Obrigado por ter aceito e levado adiante minha sugestão.

No momento estou de licença-médica e portanto afastado do IF.

Eu sou bom em dar ideias, eu acho. Mas vou pensar na possibilidade de não propriamente pegar cargo diretivo, mas sim participar das reuniões, ajudar nas resoluções e colocação/implementação das mesmas em/na prática. Sem palavras Nilson.

Abração,

[redacted]

Citando Nilson Borges Ferreira <nilcefet@pelotas.ifsul.edu.br>:

2: e-mail

Oi [redacted], tudo bem? Realmente o NUGED não tem imail, tem uma página no face. Te respondi pelo face, mas não teve teu retorno, é que simplesmente não se faz as coisas da noite pro dia. Tive que conversar com a Marlene da COAE e psicólogas que pertencem a equipe do Núcleo. Marquei com o Coordenador da TRO, para fazermos uma intervenção lá, no dia 27, quarta. Ele falou que não tem problema, desde que haja reunião. A princípio, ficou marcado para este dia. Até te convido para ser da equipe diretiva, se quiseres, aí terás voz ativa dentro da equipe. Como sabes, todos são voluntários, nem sempre estão disponíveis. Um abraço e até dia 27. Quer falar comigo, me procura na Tele, entre 13 e 18h. O armário está aberto para conversar

Citando [redacted] <[redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

1: e-mail

Deixei um bilhete sobre o que tentei fazer na Eletrônica há mais de 2 semanas para o Nilson do curso de Telecomunicação, que é do NUGED. Silêncio ensurdecedor.

Procuo nos sites (Pelotas e Reitoria) um contato (e-mail, ou página, ou onde atende) para o NUGED de Pelotas e não encontro nada. Acho que nosso NUGED Campus Pelotas ainda não saiu do armário.

Achei e-mail do Nilson.

Nilson, dá uma lida na minha proposta abaixo e me nos dá algum retorno por favor, o que achas da ideia. A homofobia e machismo na Eletrônica persiste apesar dos novos tempos.

Abraços,

[redacted]

Citando [redacted] <[redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

Oi [redacted]

6: e-mail

133

Eu concordo com a campanha mas acho que devemos procurar que esta seja uma bandeira do NUGED porque, pelo que entendo, eles não precisariam de autorização alguma, já que servem a este fim. Entendo que através do núcleo ninguém pode contestar. Não é assim que o Nugae faz? Então? não tems que ficar pedindo autorização se esta for a vontade do Núcleo.

Não sei se entendi o teu pedido? mas se quiseres podemos redigir uma demanda de pauta, mas acredito que vai gerar discussões desnecessárias.

Estou aqui para trocarmos ideias.

olha as notícias que achei sobre nugged na página

<http://www.ifsul.edu.br/ultimas-noticias/731-ifsul-debate-genero-e-diversidade>

[http://www.sapucaia.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2434&Itemid=208](http://www.sapucaia.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2434&Itemid=208)

Daiani

Citando ~~Ulisses Andrade Cava~~ <~~ulisses.cava@pelotas.ifsul.edu.br~~>:

5: e-mail

Daiani,

Tive uma experiência negativa na minha tentativa de deixar claro à comunidade LGBT da Eletrônica de que são bem-vindos lá. Fiz um pedido por escrito que foi ignorado na reunião, era simplesmente colocar um cartaz no corredor da Eletrônica dizendo isso, Diversidade sexual é bem-vinda aqui.

Assim proponho que , vamos ver se vais concordar, que se crie uma campanha em todo IF, com visitas dos representantes do NUGED a todos os setores e campi assim como colocação de cartazes em todas os corredores reforçando a mensagem de que a diversidade sexual é bem vinda no IFSul.

NUGED pode até fazer uma parceria com o Grupo Também que defende a liberdade da expressão sexual em Pelotas. Tenho os contatos já que eu particei um pouquinho do grupo anos atrás.

Concordas com isso, Daiani?

Objetivos: criar uma instituição explicitamente gay-friendly, IFSul como um todo sair do armário e valorizar a diversidade sexual. E ainda educar as pessoas da comunidade, incluindo as famílias que muitas vezes ou não aceitam seus filhos e outros casos temem o que ele vai sofrer pela vida afora. Ao menos no IF depois dessa campanha, creio que isso terá menor probabilidade de ocorrer.

Um abraço,

~~Ulisses Cava~~

~~Ulisses Andrade Cava~~

**Técnico em Assuntos Educacionais**  
 Coordenadoria do Curso de Eletrônica  
 Campus Pelotas  
 Instituto Federal Sul-rio-grandense  
 Telefone: (53) 2123-1033

~~Ulisses Andrade Cava~~

**Técnico em Assuntos Educacionais**  
 Coordenadoria do Curso de Eletrônica  
 Campus Pelotas  
 Instituto Federal Sul-rio-grandense  
 Telefone: (53) 2123-1033

~~Ulisses Andrade Cava~~

**Técnico em Assuntos Educacionais**  
 Coordenadoria do Curso de Eletrônica

Data: 2016 [18:48:13 BRT]  
De: [Redacted] <[Redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>  
Para: Nilson Borges Ferreira <nilcefet@pelotas.ifsul.edu.br>  
Assunto: Re: NUGED Sugestão de Pauta

134

Nilson

9: e-mail

Tudo bem?

Eu propus esta pauta a pedido do [Redacted] já desde a primeira reunião ele vem me solicitando. Da primeira vez eu pedi que ele tentasse conversar contigo primeiro. Como parece que ele não conseguiu ou não teve resposta, não sei bem, ele fez a solicitação novamente e eu achei por bem submeter para não parecer que estou colocando impecilho...mas sempre achei que isso deveria ser tratado primeiro com o NUGED. Ele fez uma carta e pediu que eu lesse no CONSUP com o intuito de promover esta campanha em todo IFSul. Por isso achei pertinente.

Ví agora um cartaz que publicastes, não sei se é bem a proposta dele, acho que vcs deveriam conversar.

Eu vou fazer o que me foi solicitado.

Acho difícil o CONSUP tomar alguma atitude que não seja apenas o apoio a proposição desde que o NUGED se envolva e discuta isso.

Qualquer coisa nos falamos

[Redacted]

8: e-mail

Citando Nilson Borges Ferreira <nilcefet@pelotas.ifsul.edu.br>:

Oi [Redacted], tudo bem?Sou o Nilson, responsável pelo NUGED IFSul Pelotas, tem uma pauta sobre a Diversidade no COSUPE. O Rafael Leitzke, me convidou a ir na reunião. Ele me disse que se estende entre quinta e sexta - feira. Eu não tinha entrado em contato com voces, porque este pedido de pauta não tinha sido pedido pelo Núcleo, e sim pelo colega servidor Ulisses. Mas caso aches interessante fazemos uma intervenção no reunião, estou a disposição. Espero teu retorno. Um abraço

Citando Daiani Nogueira Luche <[Redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

7: e-mail

[Redacted]

Quem bom!

Tenho até amanhã para mandar o pedido de inclusão de pauta. Resolvam e me digam...

Daiani

Citando Ulisses Andrade Costa <[Redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

O Nilson entrou em contato comigo. E a nova é sensacional: eles vão falar sobre o NUGED na próxima reunião da TRO. Fica com o Nilson se colocas isso da Campanha com Cartazes no COSUPE ou se faremos pelo NUGED, embora com mais lentidão.

O trabalho do NUGED é voluntário e o tempo das pessoas envolvidas é escasso, o Nilson esteve me explicando, até me convidou para eu participar, mas estou em licença de saúde.

Abraços,

[Redacted]

Citando Daiani Nogueira Luche <[Redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

Então, se já tentastes pelo NUGED e não conseguistes posso levar para o CONSUP sem problemas.

Daiani

Citando [Redacted] <[Redacted]@pelotas.ifsul.edu.br>:

ANEXO XIII





# NUGED

Núcleo de Gênero e Diversidade | IFSul-câmpus Pelotas

**NÃO OPTEI  
EM SER HOMOSSEXUAL...  
NASCI!**

**PENSE NISSO  
PENSE NISSO  
PENSE NISSO**

LUGAR DE MULHER É

**ONDE  
ELA  
QUISER**

**CHAME-NOS NA TUA SALA. VAMOS CONVERSAR?**

No Face: Nuged ifsul Pelotas

Em Breve: "Papo Cabeça na Sala de Aula"

ANEXO IX



# 1º ENCONTRO DOS NUGED'S DO IFSUL

7 dias  
7, 8 e 9  
de junho de 2016  
DEBATES  
PALESTRAS

Local: IFSul Câmpus Sapucaia  
Av. Copacabana, 100  
Bairro Piratini - Sapucaia do Sul

Realização:

**NUGED**

Departamento de  
Ações Inclusivas  
Apfo

**INSTITUTO  
FEDERAL**

Sul / Rio Grande / Rio  
Sul / Caxias / São  
Sul

**SINASEFE**  
Associação Sindical do IFSul





#### Convite

O Núcleo de Gênero e Diversidade do Campus Sapucaia do Sul e o Departamento de Ações Inclusivas/PROEX vem convidar o senhor ***Nilson Borges Ferreira***, membro do NUGED Campus Pelotas, para participar do I Encontro de NUGEDs do IFSul que tem como objetivo promover o debate de gênero e diversidade com a comunidade do Instituto Federal Sul-rio-grandense, unindo núcleos de diferentes campus. O evento ocorrerá de 07 a 09 de junho de 2016, no campus Sapucaia do Sul. Segue em anexo a programação.

Att,

Caterine Mendes

Departamento de Ações Inclusivas do IFSul/PROEX

## APÉNDICE A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

**PORTARIA N.º 959/2015**

O reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, no uso de suas atribuições legais;

Considerando o Mem. PEL-DGCPELOTAS/Nº 86/2015, da Direção-geral do câmpus Pelotas, em 10/04/2015;

**RESOLVE**

Designar os servidores, discentes e representantes da sociedade, abaixo relacionados, para constituírem o **Núcleo de Gênero e Diversidade – NUGED** do câmpus Pelotas.

**Servidores**

Nilson Borges Ferreira (Responsável)  
Elisa Santos da Rosa (Vice-responsável)  
Fátima Insaurriaga Duarte Eslabão  
Marlene Katrein da Costa  
Letícia Galery Medeiros

**Discentes**

Bethânia Camargo  
Hannah Krüger dos Reis  
Matheus Nunes Muniz

**Representantes da sociedade**

Cláudia Celina Ramires Ferreira (Secretária)  
Gregori Dalgais da Cunha  
Leo Beone Nunes Martins

Pelotas, 13 de abril de 2015.

Marcelo Bender Machado  
Reitor

## APÉNDICE B



Universidade Federal do Pampa

Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS JAGUARÃO

JAGUARÃO/RS, 15 de JANEIRO de 2015.

**DECLARAÇÃO**

Declaro para fins de direito, conforme consta nos registros acadêmicos de que o aluno NILSON BORGES FERREIRA, Matrícula: 147110175, está regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e, servimo-nos deste expediente para apresentá-lo a esta conceituada Instituição, e pedimos colaboração na coleta de dados e informações para elaboração de seu Projeto de Intervenção

*Maurício Aires Vieira*  
Prof. Dr. Maurício Aires Vieira  
Orientador do Trabalho  
Diretor do Campus Jaguarão

Prof. Dr. Maurício Aires Vieira  
DIRETOR  
Universidade Federal do Pampa  
Campus - Jaguarão

*DE ACORDO*  
*EM 19/03/2015*  
*Paulo Fernando Morales*  
Paulo Fernando Morales  
Coordenador Pedagógico do Curso  
Técnico de Telecomunicações - IFSUL

Ao Prof. João Francisco de Castro Collares  
Diretor de Ensino do Campus Pelotas-IFSUL-rio-grandense

*DE ACORDO*  
*Claudio Rafael*  
Claudio Rafael  
Coordenador Pedagógico do  
Curso Técnico em Química  
IFSUL Campus Pelotas  
*15/01/2015*

*DE ACORDO 16/01/15*  
*Jonathas*  
Jonathas Guilherme Lopes  
Coordenador do Curso Técnico  
de Eletrônica  
SIAPE 3075353  
IFSul Campus Pelotas

*De acordo*  
*Rafael*  
Rafael  
Coordenador Pedagógico  
do Curso Técnico de Eletrotécnica  
SIAPE 3075353 IFSUL

*De acordo*  
*em 25/02/2015*  
*João Francisco de Castro Collares*  
João Francisco de Castro Collares  
SIAPE 0774306  
Diretor de Ensino do  
Campus Pelotas - IFSul

## APÊNDICE C

Pelotas, 09 de abril de 2015.

**Prezado Diretor de Ensino do campus Pelotas (DIREN)**

**Prof. João Francisco Collares**

**Assunto: Pedido de Portaria para implantação do NUGED**

Venho através deste informar que, no dia 06 de abril do corrente ano foi realizada a eleição para a formação da equipe diretiva do NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade), que possui regulamento próprio aprovado no CONSUP. Este núcleo é responsável por desenvolver as ações de promoção de direitos da mulher, dos apenados, dos trabalhadores em situações de vulnerabilidade social e de todo um elenco que compõe o universo da Diversidade para a eliminação das discriminações que as atingem, bem como à sua plena integração social, política, econômica e cultural. Com o apoio e o acompanhamento do Departamento de Ações Inclusivas do IFSul, foi formada a seguinte equipe:

**Responsável** – Nilson Borges Ferreira – Técnico Adm. - Curso Telecom.SIAPE nº 7274769

**Vice-** Profa. Elisa Santos da Rosa – Curso de Telecomunicações SIAPE nº 6274707

**Secretária** – Profa. Cláudia Celina Ramirez Ferreira – Profa. Estadual- C. E. Assis Brasil –MAT. nº 12753505

**Demais membros efetivos do Núcleo:**

**Gregori Dalgais da Cunha** – Advogado – MAT. OAB nº 85.153“Comissão da Diversidade Sexual e combate à diversidade com base na orientação sexual e identidade de gênero da OAB”.

**Leo Beone Nunes Martins** – Empresário – CPF nº 001281530-67-Presidente da Associação LGBT de Pelotas

**Fátima Inssaurriaga D. Islabão** – Assistente Social do IFSulCâmpus Pelotas- SIAPE nº 1746117

**Marlene Katrein da Costa** – Psicóloga do IFSulCâmpus Pelotas- SIAPE nº 0274744

**Letícia Galery Medeiros** – Psicóloga do IFSulCâmpus Pelotas- SIAPE nº 1082616

**Bethânia Camargo** – Aluna da Eng. Química do IFSulCâmpus Pelotas MAT. nº 20142eq0531

**Hannah Krüger dos Reis** – Aluna do Curso de Comunicação Visual do IFSulCâmpus Pelotas e Coordenadora de Causas Sociais do Grêmio Estudantil do IFSulCâmpus Pelotas – MAT. nº 2012211720201

**Matheus Nunes Muniz** – Aluno do Curso de Comunicação Visual e integrante do Grêmio Estudantil – MAT. nº 201225550181

---

NILSON BORGES FERREIRA

RESPONSÁVEL

## APÊNDICE D





## MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

**ATENÇÃO SR. ALUNO(A),NESTE QUESTIONÁRIO NÃO SERÁS IDENTIFICADO.  
SEJE O MAIS HONESTO POSSÍVEL. OBRIGADO!**

### QUESTIONÁRIO FECHADO

1. Sua idade    A. Até 15 anos ( )    B. De 16 até 20 anos ( )    C. Acima de 20 anos ( )
2. Sexo:    A. Masculino ( )    B. Feminino ( )
3. Curso Técnico:    A. Telecomunicações ( )    B. Eletrônica ( )    C. Mecânica ( )  
D. Eletrotécnica ( )    E. Química ( )
4. Religião:    A. Católica ( )    B. Evangélica ( )    C. Espírita ( )    D. Outra ( )  
\_\_\_\_\_
5. Estrutura Familiar onde mora:    A.Pai e Mãe ( )    B. Somente c/ pai ( )    C. Somente c/ a mãe ( )  
D.Com outros parentes(avós, tios ( )    E.Com dois pais ( )  
F.Com duas mães ( )    G.Com amigos ( )    H.Sozinho ( )
6. Tens algo contra a alguma das formas de estrutura familiar citado acima?  
SIM ( ) NÃO ( ) Quais? A.( ) B.( ) C.( ) D.( ) E.( ) F.( ) G.( ) H.( )
7. Caso tenhas alguns amigos com a orientação sexual que não seja, a heterossexual (pessoas que se relacionam com pessoas do sexo oposto), e sim, homossexual (pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo), seus pais se opõem a tua amizade com eles?  
A. SIM ( )    B. NÃO ( )
8. E tu, tens amigos homossexuais dentro da comunidade escolar ?  
A. SIM ( )    B. NÃO ( )
9. E tu tens amigos homossexuais na comunidade onde vives ?    A. SIM ( )  
B. NÃO ( )

10. Te incomoda ao ver duas pessoas do mesmo sexo de mãos dadas ou trocando carinhos homoafetivos? A. SIM ( ) B. NÃO ( )
11. Na tua casa, a família conversa sobre assuntos que esclareçamo que é homossexualidade? A. SIM ( ) B. NÃO ( )
12. Achas que as pessoas do gênero feminino podem fazer qualquer curso dentro do IFSul Pelotas? SIM ( ) NÃO ( )
13. Tem algum curso técnico que tu áches que NÃO se identifica com meninas?  
A. Eletrônica ( ) B. Mecânica ( ) C. Telecomunicações ( ) D. Química ( )  
E. Eletromecânica ( ) F. Edificações ( ) G. Eletrotécnica ( ) H.  
Designer em Comunicação Visual ( ) I. Designer de Interiores ( ) J.  
Restauro de Edificações(EJA) ( )
14. De que forma acreditas que as novelas influenciam para um aumento no comportamento homoafetivo? A. Negativamente ( )  
B. Positivamente ( )
15. Achas que “ser homossexual” é uma questão de opção? Isto é, uma escolha que pode ser mudada a qualquer momento?  
A. SIM ( ) B. NÃO ( )
16. Tu achas importante, dentro da tua escola, ter esclarecimentos sobre todas as formas de orientações sexuais? A. SIM ( ) B. NÃO ( )
17. Se quiseres, dê sua opinião sobre a temática acima \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

OBRIGADO!

## APÉNDICE E



**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO-UNIPAMPA**  
**Jaguarão**

- *Pode enviar as respostas por email: [nilcefet@pelotas.ifsul.edu.br](mailto:nilcefet@pelotas.ifsul.edu.br)*

***ANTECIPADAMENTE, OBRIGADO!***

**Servidor: \_\_\_\_\_**

- 1. Achas que a escola tem o dever de combater qualquer tipo de preconceito que ocorra com os alunos ou servidores? Por que?**
- 2. Como orientadora ou assistente social, já te envolvesse em situações que tivesse de intervir quando a problemática fosse intolerância às diferenças sexuais entre alunos? Sem citar nomes, podes relatar?**
- 3. Já houve relato de caso onde o docente discriminasse um aluno ou outro servidor por sua orientação sexual? Podes relatar?**
- 4. Achas importante ter uma pesquisa que mostre, quando houver, a realidade da Instituição relacionado à intolerância sexual?**
- 5. Como deve ser feita as intervenções para sensibilizar, melhorar a convivência entre as diferenças?**